

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS

LEONARDO CASTRO DA SILVA

**GUIMARÃES ROSA E MARTIN HEIDEGGER: DUAS VISÕES
SOBRE O NAZISMO**

BELÉM
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS

LEONARDO CASTRO DA SILVA

**GUIMARÃES ROSA E MARTIN HEIDEGGER: DUAS VISÕES
SOBRE O NAZISMO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador:
Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

Co-orientador:
Prof. Dr. Nelson José de Souza Júnior.

BELÉM
2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

LEONARDO CASTRO DA SILVA

GUIMARÃES ROSA E MARTIN HEIDEGGER: DUAS VISÕES SOBRE O NAZISMO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador:
Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

Aprovado em: / /

Conceito:

Menção:

Banca Examinadora

Professor (a):

Instituição:

Professor (a):

Instituição:

Professor: Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (Orientador)

Instituição: Universidade Federal do Pará

Professor: Nelson José de Souza Júnior (Co-orientador)

Instituição: Universidade Federal do Pará

“A tamanha distância procuro, indago, cheiro destroços sangrentos, / apalpo as formas dismanteladas de teu corpo, / caminho solitariamente em tuas ruas onde há mãos soltas e relógios partidos, / sinto-te como uma criatura humana, e que és tu, Stalingrado, senão isto? / Uma criatura que não quer morrer e combate, / contra o céu, a água, o metal, a criatura combate, / contra milhões de braços e engenhos mecânicos a criatura combate, / contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a criatura combate, e vence.”

(Carlos Drummond de Andrade,
“Carta a Stalingrado”)

AGRADECIMENTOS

Não somente em agradecimento, mas em admiração por todo o rigor e erudição nos estudos literários ao professor Sílvio Holanda, que com a humildade de um sábio me ensinou a fazer crítica literária;

A todos os membros do grupo EELLIP que contribuíram para esta dissertação, principalmente ao Jorge, Sandro, Everton, Pablo e Brenno;

A dona Ilza que me acolheu como filho em sua casa no Rio de Janeiro e a quem tenho tanta consideração;

A minha família que sempre financiou meus estudos;

Ao professor Nelson José Júnior, por ter me co-orientado e apresentado aos estudos de fenomenologia com ênfase em Heidegger;

À professora Socorro Simões pelas suas sábias contribuições para a escrita deste trabalho;

A todo o PPGL a que pertenço como discente;

Aos meus professores da UERJ, José Luiz Jobim, Vitor Hugo Pereira, Marco Casanova e Marcos Gleizer;

Ao PROCAD, por ter me dado a oportunidade do mestrado sanduíche;

A CAPES, por ter financiado parte deste trabalho.

Dedico a Ana Carolina Souza, que sempre me acompanhou colaborando para que eu pudesse transpor todos os obstáculos.

RESUMO

No ano de 1970 houve a publicação da obra póstuma *Ave, palavra* de Guimarães Rosa (1908-1967) que reúne alguns textos do autor, desta coletânea de textos se faz a escolha das crônicas “O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”, que giram em torno do contexto do Nazismo alemão e expõem uma posição contrária ao Nacional Socialismo. Num primeiro momento o trabalho busca mostrar como Benedito Nunes (1929-2011) se guiou por uma tendência interpretativa concebida por comentadores heideggerianos antes das obras completas [*Gesamtausgabe*] (2001), tal tendência postula que não há na Filosofia de Martin Heidegger (1889-1976) um vínculo entre o pensamento político e o filosófico. O passo seguinte expõe a noção heideggeriana em *Ser e Verdade* (2001) em que o filósofo alemão propõe uma fundamentação ideológica para o Nazismo, sendo favorável a este com certas ressalvas. Assim, mostra-se como as obras completas expõem argumentos que apontam uma limitação em relação aos comentadores que produziram antes de sua publicação sobre a Política e a Filosofia em Heidegger. No subcapítulo sobre *O local da diferença* (2005), trata-se do trauma e do testemunho como conceitos centrais que o autor coloca para teorizar as Literaturas do século XX nos contextos de guerra e de regimes autoritários. Após, faz-se uma leitura crítica com base na premissa do pensamento político filosófico em Heidegger nas crônicas rosianas, pois estas expõem imagens do período da Alemanha nazista que o escritor mineiro esteve como diplomata. A segunda crítica das crônicas de guerra será feita com base nos conceitos de trauma e de testemunho formulados por Seligmann-Silva (1964), pois, as obras rosianas tratadas demonstram o teor de autoritarismo do partido nazista. Por fim, será feita uma definição do conceito de recepção de Hans Robert Jauss (1921-1997) para em seguida discutir os autores que fizeram a recepção crítica das crônicas rosianas.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa. Heidegger. Nazismo.

ABSTRACT

In 1970 occurred the publication of the posthumous book *Ave, palavra* of Guimarães Rosa (1908-1967) which gathers some texts of the author, from this collection of texts it has chosen the chronicles “O mau humor de Wotan”, “A velha” and “A senhora dos segredos”, which revolve around the context of German Nazism and expose a contrary position to National Socialism. At first moment, this work aims to show how Benedito Nunes (1929-2011) was guided by an interpretive tendency designed by heideggerianos commentators before the complete works [*Gesamtausgabe*] (2001), such a tendency postulates that there is not, in the philosophy of Martin Heidegger (1889-1976), a link between the political thought and the philosophical. The next step exposes the heideggerian notion in *Ser e Verdade* (2001) in which the german philosopher proposes an ideological basis for Nazism, being in favor of this with certain restrictions. This way, it shows how the complete works set out arguments that point to a limitation in relation to the commentators who produced before its publication about Politics and Philosophy in Heidegger. In subchapter about *O local da diferença* (2005), it deals with trauma and testimony as central concepts that the author puts to theorize the Literatures of the 20th century in the contexts of war and authoritarian regimes. After, it makes a critical reading based on the premise of philosophical political thought on Heidegger in the chronicles of Rosa, because they expose images from the period of Nazi Germany when the brazilian writer was working as a diplomat. The second review of the war chronicles will be made based on the concepts of trauma and testimony formulated by Seligmann-Silva (1964), because the works of Rosa treated demonstrate the level of authoritarianism of the Nazi party. Finally, it will be made a definition of the concept of reception of Hans Robert Jauss (1921-1997) to then discuss the authors who made the critical reception of the chronicles of Guimarães Rosa.

KEY-WORDS: Guimarães Rosa. Heidegger. Nazism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA UMA LEITURA DAS CRÔNICAS ROSIANAS DE GUERRA.....	13
1.1. Interpretação sobre o pensamento político-filosófico de Heidegger segundo Benedito Nunes.....	13
1.2. O nexó político-filosófico Heidegger na obra <i>Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia</i>	28
1.3. Trauma e testemunho segundo Seligmann-Silva.....	40
2. LEITURAS CRÍTICAS DAS CRÔNICAS ROSIANAS DE GUERRA.....	52
2.1. Embate entre as crônicas rosianas e <i>Ser e Verdade</i>	52
2.2. O trauma e o testemunho nas crônicas de guerra.....	80
3. RECEPÇÃO DAS CRÔNICAS ROSIANAS DE GUERRA NO SÉCULO XXI....	93
CONCLUSÃO.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117

INTRODUÇÃO

Têm-se como *corpus* do trabalho as crônicas “O mau humor de Wotan”¹, “A velha”² e “A senhora dos segredos”³ contidas na obra de publicação póstuma *Ave, palavra* (1970) de Guimarães Rosa (1908-1967) que citam acontecimentos sobre o Nazismo. O segundo objeto teórico é a obra *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia* de Martin Heidegger (1889-1976), em que o filósofo propõe uma concepção ideológica sua para o Nacional Socialismo.

O passo inicial do primeiro capítulo mostrará no subcapítulo 1.1 como o comentador Benedito Nunes (1929-2011), em suas obras *A passagem para o poético* e *No tempo do nihilismo*, seguiu uma tendência interpretativa de época devido a uma disponibilidade limitada dos textos de Heidegger, no período, sendo apenas vinte e duas obras publicadas. Assim como Otto Pöggeler, em *A via do pensamento de Martin Heidegger*, e Ernildo Stein, em *Compreensão e finitude*, o comentador paraense em seus textos em questão, discute o conceito de ser-aí como uma unidade interpretativa que se mantém em todo o pensamento do filósofo alemão. No entanto, este desconhecimento da totalidade dos escritos heideggerianos proporcionava outra restrição, que era não poder identificar como o pensamento político-filosófico de Heidegger estava intimamente ligado. É exatamente esta limitação em que não se pode detectar a Política como parte do pensamento heideggeriano, que se clarificará como Nunes interpretou este aspecto como ausente no pensamento do filósofo alemão, pois, sem a publicação dos textos, em que Heidegger tratou de sua concepção político-filosófica, era impossível constatar tais argumentos, podendo ser apenas explorado um sensacionalismo sem embasamento filosófico, científico, crítico etc. Para o comentador paraense, a Política foi apenas um dado biográfico incontornável em Heidegger, que não se vincula a sua Filosofia.

No subcapítulo 1.2, respalda-se nas obras completas [*Gesamtausgabe*]⁴ (2001) de Heidegger que somam um total de cento e duas obras, mais especificamente, no volume 36 intitulado *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*⁵ para expor como este texto faz

¹ Inicialmente publicada em 29.02.1948 — *Correio da Manhã*.

² Inicialmente publicada em 03.06.1961 — *O Globo*.

³ Inicialmente publicada em 06.12.1952 — *Correio da Manhã*.

⁴ Organizada por Friedrich Wilhelm von Herrmann, as obras completas de Heidegger estavam guardadas no porão da casa do filósofo alemão. Os textos heideggerianos originais eram manuscritos produzidos pelo filósofo alemão e foi seu filho Herrmann Heidegger que autorizou a organização e publicação integral da obra heideggeriana.

⁵ Com a publicação total da obra heideggeriana surgiram novas perspectivas a respeito da interpretação do pensamento do filósofo alemão, dessa forma, se pode detectar limitações de comentadores que tentaram estabelecer um caminho interpretativo único sobre Heidegger, pois, com a integralidade dos textos do filósofo alemão se sabe que existem três etapas do pensamento heideggeriano, pois, se tem um primeiro Heidegger da

parte de algumas obras da década de 1930, que mostram o nexo entre a Política e a Filosofia heideggeriana. Escrita em 1936, *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia* foi lida para os alunos calouros do semestre de verão do ano em que foi produzida. Neste texto, é possível comprovar como o filósofo alemão é favorável ao Nacional Socialismo, porém, fazendo algumas ressalvas em relação ao partido alemão que contém uma carência ideológica que pode ser suprida com seu pensamento. Heidegger propõe-se como ideólogo para o Nazismo, pois, para ele o partido alemão é necessário, no entanto, a Filosofia deve “alimentar” o Nacional Socialismo. Não uma Filosofia qualquer estabelecida durante a História da tradição, mas a Filosofia heideggeriana. É com base na interpretação dos argumentos de *Ser e Verdade*, desconhecidos antes das obras completas, que se pode constatar o comentário limitado sobre o pensamento político de Heidegger, explorado antes por Benedito Nunes e compreender usando o texto original e de comentadores como o próprio filósofo alemão propõe noções filosóficas para o Nazismo.

No subcapítulo 1.3, *O local da diferença* (2005), de Seligmann-Silva (1964), se demonstra como o teórico brasileiro conceitua o trauma e o testemunho. O século XX marcado por regimes ditatoriais, duas guerras mundiais, guerras civis etc. configura um período da História marcado pela violência contra a humanidade. É neste contexto que o Holocausto na Europa e as guerras mundiais foram eventos determinantes para se pensar o trauma e o testemunho. Pois, além destes conceitos serem instrumentalizados pela psicanálise para comprovar patologias de caráter individual e coletivo no homem, eles também aparecem e demonstram sua importância na produção literária do século passado. Através dos conceitos propostos por Seligmann-Silva, se demonstra como o terror da realidade do século XX é ficcionado na Literatura, como o trauma e o testemunho são de indispensável importância para caracterizar a escrita ficcional desta época e como a Literatura sofre mudanças intimamente marcadas pelo contexto histórico de atrocidades.

No capítulo 2, o subcapítulo 2.1, faz-se a crítica das três crônicas rosianas que demonstram imagens contrárias ao nazismo, seja o hitleriano prático ou o ideológico

década de 1920, um segundo da década de 1930 e um terceiro pós-1940. *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia* pertence à segunda etapa da concepção heideggeriana e constitui uma relevante contribuição, pois é um dos textos em que o filósofo alemão mostra sua Filosofia Política antes não detectável e expressa como em alguns textos da década de 1930. Há noções filosóficas que o pensador alemão expõe como uma ideologia capaz de espiritualizar o Nazismo. Logo, não é possível pensar em uma relação político-filosófica de Heidegger com o Nacional Socialismo fora deste universo da década de 1930. Porém, os comentários que antes não concebiam o Nazismo na obra de Heidegger, estavam parcialmente corretos devido ao fato dos textos publicados antes das obras completas não terem este caráter. No entanto, após a publicação da obra integral de Heidegger, como, por exemplo, *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia* mostra a tentativa do filósofo de implantar seu pensamento no Nazismo obviamente não se pode conceber este texto como sendo de importância menor, mas, de caráter fundamental para os estudos sobre Heidegger.

heideggeriano, será feita tendo como premissa o posicionamento favorável de Heidegger ao Nacional Socialismo e que não foi conhecido por Benedito Nunes devido por não haver na época em que o comentador paraense escreveu, a publicação integral dos textos heideggerianos. Mesmo sem ter tido acesso a *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*, Guimarães Rosa proporciona argumentações em suas crônicas que se opõem não somente a prática nazista como o autoritarismo, a destruição de famílias, a morte de civis etc., mas, também contra a proposta ideológica político-filosófica de Heidegger, que tentava reconhecer elementos da arte, Filosofia, sociedade gregas etc. Como traços da cultura alemã.

Tendo como premissa os conceitos de trauma e testemunho de Seligmann-Silva, no subcapítulo 2.2, será feita a próxima etapa crítica das três crônicas rosianas⁶, pois, nestes textos contém o contexto histórico da Alemanha nazista. O que é crucial para se explicitar imagens do século XX relacionáveis com os conceitos do teórico brasileiro. Em “O mau humor de Wotan”, por exemplo, a incapacidade de testemunhar do personagem Hans-Helmut devido o trauma sofrido em um ambiente em que aconteceu um combate durante a Segunda Guerra Mundial; as condições precárias de vida dos judeus, que invadiam o consulado brasileiro em “A velha”; e os jovens em idade de alistamento militar que não queriam saber sobre o seu provável destino, em “A senhora dos segredos”. São imagens da Alemanha nacional socialista que possibilitam uma leitura destas crônicas mantendo uma relação com os conceitos de trauma e testemunho da obra *O local da diferença*.

No terceiro capítulo, a discussão gira em torno do conceito de recepção formulado segundo a concepção de Hans Robert Jauss (1921-1997) e da recepção crítica das crônicas de guerra rosianas. Com base nos textos, “O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em ‘O mau humor de Wotan’, de João Guimarães Rosa” de autoria de João Batista Santiago Sobrinho e “Guimarães Rosa e o terror total” de Jaime Ginzburg. Tem-se a princípio esses dois textos críticos produzidos sobre as crônicas rosianas no Brasil, o que demonstra que somente após três décadas do lançamento de *Ave, palavra* houve uma atenção para a recepção crítica dessas crônicas, no entanto, cabe discutir como estes críticos fizeram a recepção após mais de trinta anos de seu lançamento.

⁶ Far-se-á a crítica das três crônicas em um mesmo subcapítulo, não pelo fato de “A velha” e “A senhora dos segredos” terem uma extensão menor que “O mau humor de Wotan”. Mas, pelo motivo de as suas primeiras crônicas não terem a mesma quantidade de referências que a última como cidades (Belgrado, Hamburgo, Paris, etc.), países (Noruega, Polônia, Tchecoslováquia etc.), mitologias, (Nornas, Wotan, Logge, etc.) etc. Independentemente se a leitura crítica será feita tendo como base o subcapítulo teórico que expõe a concepção de Heidegger, Seligmann-Silva ou Jauss. Serão tratadas juntas no mesmo subcapítulo crítico as três crônicas rosianas.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA UMA LEITURA DAS CRÔNICAS ROSIANAS DE GUERRA

1.1. Interpretação da relação político-filosófico de Heidegger segundo Benedito Nunes

Já só um deus nos pode ainda salvar. Como única possibilidade, resta-nos preparar pelo pensamento e pela poesia uma disposição para o aparecer do deus ou para a ausência do deus em declínio; preparar a possibilidade de que [...] pereçamos perante o deus ausente.

(Martin Heidegger)⁷

No ano de 2001, o comentador alemão Friedrich von Herrmann organizou as obras completas [*Gesamtausgabe*] de Martin Heidegger (1889-1976). Tal organização resultou na publicação das obras integrais do filósofo alemão que, até então, eram desconhecidas e juntas somam um total de cento e dois volumes. Após o conhecimento da completude das obras do filósofo alemão, muitos comentários a respeito de Heidegger foram superados e percebeu-se que nestes há uma limitação interpretativa. As obras completas fornecem argumentos capazes de demonstrar a limitação de alguns textos como *A via do pensamento de Martin Heidegger* [*Der Denkweg Martin Heideggers*] (1963) de Otto Pöggeler, *Compreensão e finitude* (2001) de Ernildo Stein, *A passagem para o poético* (1986) e *No tempo do niilismo* (1993) ambos de Benedito Nunes⁸ etc.

A obra *A via do pensamento de Martin Heidegger* inicia uma tendência interpretativa, em que Pöggeler tenta mostrar que há a condução de que se pode estabelecer um caminho para compreensão do pensamento heideggeriano. Porém, é sabido que não há apenas um momento interpretativo na Filosofia heideggeriana, pois, com a disponibilidade total das obras completas há três fases no pensamento heideggeriano um da década de 1920, um de 1930 e outro pós-1940. A interpretação de Pöggeler, voltada principalmente para o objetivo de *Ser e Tempo*, ou seja, o sentido do ser [*Sinn von Sein*], inicia uma articulação que vários comentadores se dispõem a percorrer, obviamente cada um com seus argumentos, mas sempre tentando mostrar uma linearidade interpretativa.

A linearidade interpretativa de *Compreensão e finitude* colocada por Stein, é uma visão intensificadora, pois a obra conduz uma tese de que a Verdade [*Wahrheit*], existencial do ente [*Seiende*] que está em seu núcleo, e que é mostrada quando o ser-aí [*Dasein*] está aberto para

⁷ HEIDEGGER, Martin. “Já só um deus nos pode ainda salvar”. Trad. Irene Borges Duarte. Covilhã, 2009. Retirado às 23:59 do site: www.lusosofia.net. Entrevista cedida à revista *Der Spiegel* em 1966.

⁸ A crítica de Benedito Nunes é o foco de discussão a ser desenvolvido.

a apropriação [*Eigentlichkeit*], é simplesmente uma unidade presente em toda análise ôntica. A proposta de Stein é mostrar como a Verdade estabelece um ponto comum para o comentário da Filosofia de Heidegger, ou seja, a Verdade do ente é o ponto principal e comum em todo trajeto dos textos heideggerianos.

Seguindo esta tendência interpretativa, de mostrar uma condução para compreender Heidegger, Benedito Nunes segue o modelo estabelecido em que comentadores antes das obras completas não tinham conhecimento das três etapas do pensamento do filósofo alemão. Discute-se em *A passagem para o poético* e desenvolve-se mais em *No tempo do nihilismo* a separação entre o Heidegger homem e o filósofo, que para o crítico paraense não há nem um vínculo entre o pensamento político e filosófico de Heidegger. Porém se sabe que Nunes segue uma tendência que tenta dar um trajeto interpretativo obviamente limitado pelo fato de, neste período de produção crítica, ainda não se dispor da totalidade das obras de Heidegger. Veja-se como Nunes expõe seu comentário acerca do tema.

Este capítulo objetiva discutir o comentário de Benedito Nunes (1929-2011) em *A passagem para o poético*⁹, mais especificamente, tratar do modo como Nunes interpretou o posicionamento das obras do filósofo alemão Martin Heidegger mediante o Partido Nacional Socialista Operário Alemão [*National Sozialisten Deutsch Arbeit Partei*] a que Heidegger foi filiado. O comentador paraense faz uma interpretação das obras do filósofo alemão, antes da publicação das obras completas e, obviamente, com uma disponibilidade bem menor de texto, tendo sido na época somente vinte duas obras de Heidegger utilizadas por Nunes para a produção de seu livro em questão.

A obra de Benedito Nunes *A passagem para o poético* discute a Filosofia heideggeriana, mostrando como durante o período da Alemanha nazista, foi reduzida a atenção para o pensamento do filósofo alemão dentro de seu país e fora da terra germânica repulsada sua receptividade. Segundo Nunes, tudo isto foi condicionado devido ao fato de se ter concebido uma relação equivocada do filósofo alemão com o Nacional Socialismo em que Heidegger foi engajado; para o comentador paraense, o vínculo que o filósofo alemão manteve foi estreito, ou seja, pessoal, e não abrangeu suas obras. Ter-se esquivado do pensamento heideggeriano foi uma atitude radical da parte de quem estudou Heidegger. Tal Posicionamento equivocado, talvez até preconceituoso por entrelaçar o partido político do filósofo ao seu pensamento.

Mesmo diante do contexto histórico que limitava os estudos sobre Heidegger, os

⁹ Utiliza-se a segunda edição de 1992.

comentadores de idioma francês¹⁰ que divulgaram o Heidegger existencial¹¹, detectaram um segundo momento do pensamento do filósofo que Nunes nos mostra ser:

Difícilmente classificável, entre poeta e místico, a quem não mais colocaria o nome de filósofo e para quem a própria Filosofia, identificada a Metafísica, tornara-se suspeita. (NUNES, 1992, p. 13)

Se para Benedito Nunes há dois momentos de um mesmo pensador, um primeiro já conhecido pelo caráter existencial de sua Filosofia e um segundo que não é possível rotular, sabe-se que o elo que mantém a relação entre as duas fases do filósofo é o objeto de questionamento de Heidegger, a diferença ontológica entre ser e ente, ou seja, mesmo o pensador se constituindo de dois momentos, sua análise da estrutura [*Struktur*] de sentido [*Sinn*] do ser-aí que enquanto Ser-no-mundo [*In-der-Welt-sein*] realiza sua dinâmica ontológica. É necessário tratar deste ente que ele vai questionar pela diferença.

Nunes considera que, em Heidegger, seja na primeira ou na segunda etapa de seu pensamento, não se pode ver nada que possa atribuir de Nazismo às concepções do filósofo alemão. E o vínculo que Heidegger manteve com o Nacional Socialismo Alemão foi apenas um fato incontornável na História, pois o comentador expõe datando o ano de 1933, em que Hitler mantinha plenos poderes na Alemanha, que o filósofo do sentido adquiriu, por votação unânime, o cargo de reitor na Universidade de Friburgo. E o mais impressionante é que Heidegger foi indicado por seu antecessor Von Möllendorf, que teve o ato de proibir os estudantes nazistas de divulgar seu antissemitismo pela via de cartazes espalhados pela Universidade. Foi perante o risco de não propagar a ideologia nazista que Heidegger foi eleito reitor. Para Benedito Nunes, o texto do filósofo alemão *A Auto-Afirmação da Universidade Alemã*, redigido no ano de 1933, não fundamenta nenhuma relação que se possa vincular ao Nacional Socialismo.

Heidegger expressou o verdadeiro motivo de ter aceitado o mais alto cargo universitário em *A Auto-Afirmação da Universidade Alemã*, neste texto está colocado como o filósofo alemão inicia sua curta atividade política com o Nazismo, durando apenas dez meses,

¹⁰ O autor não cita quais eram estes comentadores franceses.

¹¹ Benedito Nunes coloca o termo “existencial” para diferenciar o filósofo alemão da corrente filosófica existencialista, que visava à existência humana, no entanto, Heidegger não pertenceu ao existencialismo, pois sua filosofia era existencial e não existencialista devido ao foco de Heidegger está voltado para o sentido do ser, mas, para tratar deste, o filósofo alemão precisa analisar o ente [*Seiende*] que questiona pelo sentido do ser, ser-aí, [*Dasein*] que é a noção de homem que Heidegger demonstra. O ser-aí, este ente que mantém variáveis relações ontológicas, marca, dessa maneira sua existência no mundo, mas Heidegger não está direcionado à existência deste ente, e sim ao sentido do ser das relações que o ser-aí pode manter em sua dinâmica no mundo como por exemplo, ocupação [*Besorgen*], preocupação [*Fürsorgen*], próprio [*Eigentlich*], impróprio [*Uneigentlich*] etc.

iniciando em 1933 e terminando em 1934 após renunciar ao cargo e distanciar-se do Partido Nacional Socialista Alemão. Durante sua vinculação ao Nazismo, Heidegger não afetou sua produção filosófica, comprometendo seu pensamento seja como adepto dos princípios do Nacional Socialismo ou como fundamentação, mostrando argumentos que ele teria e que seriam ausentes no partido, segundo Nunes:

A adesão passageira do filósofo ao nacional-socialismo não atendeu a razões subalternas de conveniência pessoal ou de acomodação ideológica. (NUNES, 1992, p. 30)

O cargo de reitor permitia a Heidegger a tentativa de reconfigurar a Universidade Alemã, fazendo com que professores e alunos se deparassem com seu questionamento acerca da essência [*Wesen*] da universidade, questionando se professores e alunos pertencentes ao povo alemão estavam enraizados na missão [*Auftrag*] espiritual [*geistig*] que lhe cabia e “autenticasse o verdadeiro empenho de uma escola superior.” (NUNES, 1992, p. 30) Isto está ligado ao destino [*Schicksal*] do povo alemão de transpor o modelo universitário vigente e assim conquistar sua essência, a “vontade de ciência” (NUNES, 1992, p. 30), sendo reconhecida pelos professores e estudantes alemães. Para Nunes o texto de Heidegger expressa que o dever da Universidade Alemã era a educação e a disciplina dos orientadores [*Führer*] e dos guardiões [*Hüte*]. O crítico paraense vê nestes argumentos do filósofo alemão, sua “vontade de ciência”.

O modelo universitário alemão vigente que não é esclarecido por Heidegger, impede que a universidade desempenhe seu verdadeiro papel de educar e disciplinar os membros do povo alemão. Para o filósofo, seu questionamento colocado diante da essência da Universidade é de fundamental importância para o verdadeiro caráter acadêmico de “vontade de ciência”, porém como se pode detectar segundo Nunes, Heidegger pode expor seu questionamento para a universidade graças a seu respaldo como reitor.

Um dos objetivos de Heidegger era encontrar, dentro da Universidade alemã, um porto seguro para a atividade científica, no entanto, para a “vontade de ciência” ser consolidada no interior do ambiente universitário era necessário que o destino político do povo alemão fosse conquistado, pois, desta maneira, o povo se espiritualizaria, compreendendo-se como um povo que se estrutura no estado. Nunes comenta que a articulação de Heidegger, mostra como os orientadores e guardiões que serão formados pela Universidade Alemã, regidos por um novo direito dos estudantes submetidos às exigências do Nacional Socialismo, pois:

Os três serviços que o partido pregava: o do Trabalho (*Arbeistdienst*), o da

Defesa (*Wehrdienst*) e do Saber (*Wissendienst*). (NUNES, 1992, p. 30)

Portanto, para o comentador paraense, a concepção do filósofo alemão é suficientemente esclarecedora para demonstrar como ficam isentos na articulação de Heidegger, os argumentos de superioridade da raça alemã, a superioridade da ciência alemã, o antissemitismo etc. que configuram princípios da doutrina nazista. Para Nunes, o discurso de reitorado de Heidegger enuncia apenas uma noção de nacionalismo sustentado em sua própria Filosofia e que é totalmente segregado dos dogmas do Partido nazista que o filósofo foi filiado. Além disso, o comentador paraense coloca que o filósofo alemão tinha consciência de suas ações e escritos durante o período em que foi partidário à política alemã, eram divergentes dos princípios constituídos pelo Nacional Socialismo, afirmando sobre Heidegger que:

A nada do que, durante o interregno, traduziu por palavras ou atos — sua confiança no *Führer*, seus artigos concitando os estudantes a participarem do Serviço de trabalho, seu apelo de novembro de 1933 conclamando o povo alemão a referendar o rompimento de Hitler com a Liga das Nações —, a nada disso faltou a sinceridade e a firmeza de um convicto. (NUNES, 1992, p. 31)

Segundo Nunes, a atitude de Heidegger de se vincular ao Nacional Socialismo foi um ato comum ao homem, pois, não se pode ser politicamente neutro, ainda mais, se levado em consideração que o destino da Universidade alemã estava em jogo. O filósofo alemão estava ciente dos assuntos políticos que rodeavam seu país e sua adesão ao Nazismo, foi para o comentador paraense, uma tentativa política de salvação do social da nação alemã. Pois Heidegger via no Nacional Socialismo a força que poderia mudar a realidade pública da Alemanha e esta mudança seria possível através da Universidade. Mais tarde, convicto da descrença no Nacional Socialismo e contrario as manifestações antissemitas no ambiente acadêmico, Heidegger vem a renunciar seu cargo de reitor, para Nunes, esta atitude do filósofo alemão deixa claro como este foi distante dos ideais propostos pelo partido. Mas a ação política de Heidegger lhe rendeu consequências por parte do Nazismo que o tornou:

Alvo de ataques verbais por parte dos ideólogos oficiais do Nazismo, como Ernst Krieck e Alfred Beumler, proibidas algumas de suas obras, inclusive o discurso de posse como reitor, boicotada a venda de outras, o filósofo viu-se impedido de sair para o estrangeiro. Talvez só então tenha percebido o que estava por trás de “forças vivas”. (NUNES, 1992, p. 32)

Portanto, para Nunes, mesmo o filósofo alemão sendo consciente de sua postura

política, foi necessário Heidegger padecer o impacto autoritário do Nacional Socialismo após sair do partido para se convencer totalmente que o “bem” proposto pelo filósofo para a sociedade alemã, não viria pelo Nazismo. Pois, o próprio Heidegger que não era simplesmente um cidadão alemão e que queria o engrandecimento público alemão, padeceu a repressão nazista. Mas a represália não acabou por aí, Heidegger considerado dispensável como Professor, ficou durante seis anos, proibido de ensinar (1945-1951) e somente em “1951, quando, já com 60 anos de idade, foi nomeado professor honorário da Universidade de Friburgo.” (NUNES, 1992, p. 32)

A argumentação exposta pelo comentador paraense é, segundo ele próprio, suficiente para comprovar que não houve um Heidegger comprometido com o ideal do regime nazista, que não houve este filósofo alemão nacional socialista adepto a prática totalitarista do partido. E vincular a Filosofia de Heidegger ao partido político a que foi filiado, ou seja, procurar um elo entre o partido que o filósofo alemão aderiu e suas obras, tentando atribuir um Heidegger político filosoficamente em que seu pensamento sustentasse uma concepção nazista, nada mais é do que um desvirtuamento da compreensão do pensamento heideggeriano. Logo, para Nunes, é simplesmente uma ação ignorante vincular o valor de uma Filosofia aos eventos que configuraram a vida pessoal de um filósofo, mesmo este tendo sido relacionado com um regime autoritário de impacto reverberado por todo o mundo. Mas, então se se tratando de Heidegger não há um vínculo entre o pensamento político filosófico, o que se deve focar e reconhecer como intimamente original neste filósofo? A esta pergunta se tem a seguinte resposta:

O problema que se pode legitimamente colocar sob o foco político, acerca da concepção heideggeriana, é análogo ao que se deve propor em torno da concepção de qualquer outro grande filósofo: o de suas raízes ideológicas mais profundas. Mas esse problema só é formulável mediante o conhecimento interno de sua Filosofia, dessa criação filosófica singular, concretizada numa obra historicamente datada, a partir da questão fundamental do ser, que a mobilizou. (NUNES, 1992, p 33)

Como se pode constatar, para Nunes, em nada se pode atribuir, identificar, estabelecer elo etc. a respeito da Filosofia Fenomenológica de Heidegger com dados históricos de sua vida pessoal, assim não se pode exigir uma conduta íntegra do homem e muito menos desvalorizar ou deturpar uma Filosofia singular por meio de ações pessoais de quem a construiu.

A partir de agora será tratada a concepção de Benedito Nunes em *No tempo do niilismo* (1993), obviamente o manejo que se continuará a fazer é acerca de como Nunes fez sua

interpretação da relação de Heidegger com o Nazismo, pois a obra em questão do comentador paraense foi publicada após a *Passagem para o poético*. E a discussão sobre a relação de Heidegger com o Nacional Socialismo continua. Em *No tempo do nihilismo*, o autor considera explícito e inquestionável o envolvimento de Heidegger com o partido de Hitler. Isto já comprovado e conhecido pela História, no entanto, a concepção de Vitor Farias em *Heidegger e o nazismo* tenta de uma forma deturpada comprometer o filósofo alemão, além da responsabilidade que ele teve com o Nacional Socialismo e associar o valor pejorativo desta política com a obra filosófica de Heidegger. Pois para Nunes, Farias coloca que o pensamento heideggeriano é constituído de um alto teor nazista que reflete na obra do pensador alemão.

Em nada se confunde a Filosofia de Heidegger com sua atuação política que demonstrava sua crença de avivamento da nação alemã, pois, para o filósofo, a salvação da Alemanha viria pelas forças que o Nacional Socialismo viria a trazer. Porém se abateu sobre Heidegger a decepção com o partido de Hitler, fazendo com que ele viesse a tomar atitudes opostas as de antes condicionadas por sua postura política:

Renunciando ao posto de Reitor, afastando-se da atividade partidária, Heidegger criticou, no recolhimento de seus cursos, a ideologia oficial do regime nazista, e, hostilizado pelos intelectuais que o policiavam, foi alvo, até o fim da guerra, da vigilância do partido, da censura e do boicote dos órgãos governamentais. (NUNES, 1993, p. 23)

Pode-se ver que a História de Heidegger com Nazismo se traça em um segundo momento sob a repressão do partido que antes apoiou. E em um terceiro momento o filósofo passa pela repressão do antinazismo do pós-guerra em que foi proibido de ensinar de 1945 à 1951, naturalmente o antinazismo pós-guerra veio a considerá-lo um ex-membro do Nacional Socialismo por isso a represália, entretanto, isto configura, para Nunes, o término de uma causa esclarecida. Mas Vitor Farias expõe novas provas que, vem a contestar a curta relação do filósofo com o partido hitleriano, pois, para Farias o que está em questão não é a comprovada relação política que Heidegger manteve com o Nazismo, mas, sim um julgamento que deve ser submetido ao homem e filósofo Martin Heidegger.

Coloca-se que para Nunes a escolha política de Heidegger, foi um ato consciente e que não houve nada de acidental. No entanto, a origem deste ato se sustenta na História de vida do filósofo, pois ele teve a Igreja Católica como financiadora de seus estudos devido à situação de Heidegger ser de família humilde e ligada a Igreja, mas em que isto se vincula com a decisão política do filósofo? É importante frisar que o dado biográfico que demonstra a preocupação do filósofo com a educação se pode relacionar com o de sua infância, cujo

ensino foi custeado pela igreja católica. Fica claro que para Nunes o fato de Heidegger ter sido estudante seminarista teológico configura parte de sua gênese de escolha pelo Nazismo, pois a Companhia de Jesus divulgou proposta por meio de mídia que eram controversas a política vigente antes da ascensão do Nacional Socialismo. E como o filósofo alemão não poderia influenciar suas escolhas de vida sem se inclinar para os interesses da Igreja que pertencia? Pois:

Quando se trata da Companhia de Jesus, àquela época publicando uma revista com artigos que defendiam a união do missionarismo religioso com o imperialismo germânico criticava o marxismo dos dirigentes socialdemocratas, [...] (NUNES, 1993, p. 25)

Portanto, Heidegger enquanto noviço passou a aderir às ideias divulgadas pela mídia católica e:

Em seguida, como se daí por diante uma bússola ideológica o orientasse, dirigirá a sua preferência para os cursos de professores que foram mais tarde próceres eminentes no desabrochar do nacional-socialismo. (NUNES, 1993, p. 25)

Toda a constituição intelectual de Heidegger se emaranha em uma complexa trama que envolve Teologia, Literatura, Filosofia etc. foram determinantes para a formação do filósofo alemão. Em seu primeiro escrito direcionado a Abraham a Sancta Clara, nota-se a influência, que o filósofo absorve deste monge agostiniano (XVII) que foi inimigo de Turcos, Judeus e modelo para o posicionamento antissemita da Igreja Católica. Esta marca ferrada na biografia de Heidegger mostra um ponto de fraqueza evidente na concepção de Vitor Farias, pois, para Nunes, Farias, ao elogiar Abraham a Sancta Clara por não ter, em sua conduta, a marca do antissemitismo, comete um grave e equivocado erro sobre a formação de Heidegger. É um fato consumado que o filósofo alemão apartou seu vínculo com a Igreja. Mas, é factual, também, que esta fez parte de sua formação e que pode justificar determinadas ações do filósofo que, sofrem influência de sua formação.

Outro erro na interpretação de Vitor Farias, segundo Nunes é ver a gênese das decisões políticas de Heidegger em sua obra central *Ser e Tempo* (1927). Vê-se que, para Nunes, é obvio que não se deve vincular à obra filosófica de Heidegger a posição política do filósofo. Pois assim, estar-se-ia cometendo o equivoco de Farias ao relacionar a obra de 1927, a escolha pelo Nacional Socialismo de 1933. A intenção de Farias nada mais é para Nunes do que adjetivar pejorativamente a Filosofia de Heidegger com a ideologia nazista. Pois a obra

Ser e Tempo, anexada ideologicamente ao regime autoritário que causou consequências de terror no âmbito político, social, cultural etc. perderia seu valor de questionamento por excelência como toda obra filosófica consagrada. Logo, a conduta inquisidora de Farias, confunde História e biografia com Filosofia e mostra seu interesse na condenação pessoal de Heidegger, mas condenar o homem Heidegger não é condenar o filósofo, no entanto, Farias não é contra somente ao homem Heidegger, mas, também, à filosofia heideggeriana. Porém:

Segundo o nosso modo de ver, a questão de fundo de *Heidegger e o nazismo*, que é preciso discutir independentemente do problema ético da responsabilidade humana do filósofo. Em suma é preciso discutir a interpretação de *Ser e Tempo* por Vitor Farias. (NUNES, 1993, p. 27)

O § 74 de *Ser e Tempo*, interpretado por Vitor Farias é a principal fraqueza de um entendimento desvirtuado da obra, pois Nunes coloca que Farias demonstra que, neste parágrafo é o início sustentador da escolha pelo Nazismo que Heidegger fez em 1933. Farias articula que o filósofo alemão, ao tratar da temporalidade do ente [*Seiende*] humano, ser-aí [*Dasein*], demonstra que este pode negar sua tradição conservadora e conquistar o tradicional revolucionário como possibilidade [*Möglichkeit*] própria [*Eigentlich*] sua. Esta conquista pelo seu destino individual e pelo coletivo é afirmada por Vitor Farias, segundo Nunes, como uma fundamentação excludente, pois caberia à comunidade do povo a que pertencesse determinado ser-aí esta apropriação [*Eigentlichkeit*]. Porém, segundo Nunes, fica claro que, em *Ser e tempo*, a apropriação pelo ser [*Sein*] autêntico é um poder ser [*Seinkönnen*] de qualquer ser-aí, pois, é um modo de ser [*Seinsart*] como o ente se articula consigo mesmo, a intramundanidade¹² ôntica não lhe ocupa¹³ mais e não passa a ser preocupado [*Fürsorge*] com as outras existências, apenas se articula com seu próprio ser singularizado, com que de autêntico [*Eigentlich*] o constitui.

O comentador paraense sustenta que Farias, ao interpretar equivocadamente o próprio do ente humano como constitutivamente da comunidade do povo¹⁴ e associar isso ao princípio nacional socialista do Racismo, o historiador comete um erro grosseiro, pois, o ser próprio é o autêntico do ser-aí se realizando a partir de si mesmo. No entanto, Farias denomina como já se disse, sobre o § 74, o ente humano alemão em sua individualidade e comunidade com os outros, o único que pode se apropriar. Não apenas a concepção do historiador é errônea, pois a conquista pelo destino individual não é apenas exclusiva de um ser-aí alemão e sim uma

¹² Referente ao termo alemão “Innerweltlich” que designa o ente enquanto utensilio [*Zeug*].

¹³ Referente ao termo alemão “Besorgen”, ocupação em que o ser-aí lida no cotidiano [*alltäglich*] com o ôntico.

¹⁴ Podemos afirmar que para Nunes, Farias refere-se à comunidade alemã que pertenceu Heidegger, pois o historiador vinculará o pensamento do filósofo alemão ao nazismo como argumentação nacionalista e racista.

apropriação de uma antecipação [*Vorlaufen*] para o fim, pois é a conquista do futuro [*Zukunft*], da morte como extremidade da temporalidade, a história sendo um modo de ser do ente humano que se projeta para o futuro. E a associação que Farias faz com Nazismo em relação ao princípio da exclusão, não somente é equivocada como foi mostrada, mas também, desvaloriza a Filosofia heideggeriana.

Benedito Nunes reconhece o obstáculo interpretativo do § 74, pois, para o comentador, a relação entre destino individual [*Schicksal*], próprio [*eigen*] do ser-aí em que o ente enquanto resolução [*Entschlossenheit*] decide por si mesmo; o destino comum [*Geschick*] remetido à historicidade em que o ente humano enquanto ser-com se comporta com referenciais ônticos, relacionando-se com outros seres-aí comumente no cotidiano. percebe-se a complexidade da trama entre destino individual e comum, pois, o ente está entre o singular e o comum, sendo sempre possibilidade se realizar em um ou em outro. Nunes acusa Vítor Farias, de não enxergar esta dificuldade de interpretação vigente em *Ser e Tempo* e aponta dois equívocos do historiador afirmando que:

Tudo está muito claro para ele no texto heideggeriano, como carta definitiva do pré-nazismo, talvez à custa de negligências e precipitações. Primeira negligência: Heidegger não escreveu no trecho citado “comunidade do povo”; escreveu “o acontecer da comunidade, do povo”. Mas a primeira versão (*communauté-du-peple*) foi preferida pela sua conotação organicista comprometedora. Segunda negligência: o isolamento de *luta*, como “ato constitutivo do ‘ser-com’ o outro autêntico” omitindo a co-participação (*Mitteilung*) que conta com a luta (*Kampf*) se emparelha no texto original. (NUNES, 1993, p. 31-32) [aspas do autor]

Portanto, Farias erra sua interpretação, não somente por colocar como melhor lhe convém, “comunidade do povo” ao invés de “acontecer da comunidade, do povo”, pois este último entre aspas não remete a nem uma forma de exclusão sendo um acontecer comum entre entes que existem; e o primeiro entre aspas designa uma restrição de uma determinada comunidade. Mas equivocou-se, também, ao compreender o termo *luta* como autêntico, no entanto, não autenticidade em *luta*, pois se tem neste momento o ser-aí se comportando¹⁵ com ou outros seres-aí e não há nada de singular que configure seu caráter próprio e sim preocupado com a existência alheia. Porém, a tentativa deturpadora do historiador foi adiante, relacionando o existencial da escolha do ser-aí a um herói que herda possibilidades de um arquétipo heroico sendo modelo para a comunidade do povo. É certo que, para Nunes, não incomoda apenas saber que Farias relaciona esta articulação heroica e ancestral do ser-aí ao

¹⁵ Referente ao termo alemão “Verhalten” traduzido para o português por comportamento.

Nazismo, como, também, desvirtua a Filosofia heideggeriana, pois os termos “herói” e “herança” remetem a algo de valor. O que não é associável ao pensamento heideggeriano, pois o próprio e o impróprio não são valorativos, tendo a existência, a mesma importância sendo em um ou em outro.

Incomoda Benedito Nunes, que Vitor Farias faça interpretações precipitadas sobre *Ser e Tempo*, pois se sabe que o ser-aí é livre para deixar ser. Mediante os modos de ser que lhe determinam, o ente pode estar conduzido por significações ônticas em seu fechamento [*Verschlossenheit*] ou na abertura [*Erschlossenheit*] para seu ser se realizando com o próprio de sua estrutura de sentido. Porém, estas possibilidades de ser da existência se constituem na historicidade do ente, seja conduzido pela ôntica mundana ou pelo ser autêntico seu, em nada o ser-aí está comprometido para uma determinada manifestação [*Offenbarkeit*] de sentido, ou seja, não há em nem uma possibilidade do ente, um dever em relação ao seu modo de ser, não há nem uma obrigação. Então, vem a pergunta, em que se vincula esta tese de *Ser e Tempo* com valores do Nazismo? A resposta é simples, obviamente em nada, pois valores de nacionalismo, raça, cultura etc. pregados pelo Nacional Socialismo remetem à obrigação e superioridade. Assim Vitor Farias relaciona forçosamente Heidegger ao Nazismo.

Notória e insustentável é, para o crítico paraense, a concepção de Vitor Farias, ao anexar a historicidade apropriada do ser-aí aos moldes nazistas, pois como se acaba de detectar acima que, nada de obrigação recai sobre o ente. Nunes, ao considerar que na historicidade o ser-aí em sua totalidade constitui uma simultaneidade que se fecha enquanto se abre e vice-versa. Porém, Farias não compreende estes conceitos e, ainda com um teor sensacionalista e fracassado, tenta mostrar uma via de entendimento em que as produções de Heidegger, do período de participação do Nazismo, seguem o caráter comum de desenvolver princípios Nacionais Socialistas iniciados em *Ser e Tempo*, pois:

Para Vitor Farias não há aqui qualquer ambiguidade: a historicidade autêntica é uma introdução às atitudes e aos valores do nacional socialismo. E assim sendo, pôde o historiador chileno estabelecer, no segundo momento de sua interpretação, que os escritos heideggerianos da fase militante, todos ou quase todos de fundo ideológico, cumprem a tarefa filosófica de completar a elaboração da historicidade e de outras categorias de *Ser e Tempo*. (NUNES, 1993, p. 34)

A postura negligente do historiador acaba por confundir a ideologia política de Heidegger com a Filosofia do pensador, porém é certo que o filósofo alemão faz uso de categorias filosóficas de *Ser e Tempo* em sua prática política. Mas a semântica destas categorias, utilizadas no discurso prático ideológico do filósofo alemão assume outras

significações, que se distanciam completamente dos conceitos de sua obra central. Segundo Benedito Nunes, seria possível aceitar que Vitor Farias acusasse Heidegger de empregar categorias de sua própria Filosofia em sua atividade política, desde que o historiador reconhecesse os fossos que separasse em definitivo, as noções de *Ser e Tempo* à postura política de seu autor. Dessa forma haveria um ataque ao filósofo por ter que se responsabilizar de fazer uso de noções filosóficas em suas ações enquanto homem, pois como se pode constatar em *Ser e Tempo*, nada se confunde com atitude política e pessoal, ou até mais que isso, consciente de Heidegger.

Constata-se que a concepção interpretativa de Vitor Farias é insustentável, porém o sensacionalismo e a polêmica por tratar de um tema tão assíduo, que é a relação do principal filósofo do século XX com o Nazismo, pode, segundo Nunes, ludibriar o leitor pela sedução do tema e convencê-lo por meio de argumentos de dados históricos, mais especificamente o contexto em que a obra foi produzida, além da vida pessoal de seu autor, ao leitor considerar como verdadeiras as articulações de Farias. O que Nunes expõe não é, em nenhum momento, um bloqueio que impossibilite possíveis interpretações sobre *Ser e Tempo*, mas que não nos percamos entre o filosófico e o pessoal. Quais são as consequências que Farias trouxe com este seu método interpretativo? Além frear a reverberação do texto central de Heidegger e tentar desvalorizar uma Filosofia propriamente dita, Farias foi o único responsável pelo naufrágio irreversível de seu livro.

O autor de *No tempo no niilismo* confronta o texto *Heidegger e o nazismo* com a obra de Zeljko Loparic, *Heidegger réu*. Porém a posição contrária de Loparic em relação a Farias é colocada por Nunes neste tema que envolve o filósofo alemão com o Nazismo, como uma coerente interpretação ao considerar inquestionável a responsabilidade dos atos íntimos de Heidegger, que o fizeram aderir ao Nacional Socialismo. No entanto, para Nunes, *Heidegger réu* não isenta o filósofo alemão de suas decisões pessoais, todavia, a obra de Loparic atua como um divisor de águas, pois o autor reconhece a legitimidade de *Ser e Tempo* e o abismo que segrega esta obra filosófica do regime totalitário que, por um período breve, pertenceu Heidegger.

Como se pode imaginar um filósofo que não defende radicalmente seu pensamento? E vive a margem do que questiona sua obra? Segundo Nunes, é impossível detectar um Nietzsche não nietzschiano, um Sartre não sartreano ou um Heidegger não-heideggeriano, mas isto não é suficiente para demonstrar que, dentro de uma obra filosófica, há um reflexo preciso das ações da vida prática de quem a construiu. É assim que Vitor Farias atua, segundo Nunes, pois a fracassada tentativa de excluir a excelência filosófica de Heidegger feita pelo

historiador anexando à tendência antissemita do filósofo ao caráter totalitarista da obra central de Heidegger, foi uma tentativa deturpadora e falha, além de uma interpretação insustentável de Farias, que o comentador paraense critica, porém:

Nem conseguiu comprovar, como historiador, a acusação de anti-semitismo (os fatos por ele alegados são meras suposições, quando não ridículas ilações, a exemplo da que lhe proporcionou o discurso juvenil do filósofo sobre Abraham a Santa Clara), nem legitimar, como exegeta, a curta, superficial e mediática interpretação, *pour épater* o leitor filosoficamente desinformado, da obra de 1927. (NUNES, 1993, p. 36)

Fica claro como crítico paraense demonstra que Heidegger aderiu e abandonou poucos meses depois o Nacional Socialismo; que *Ser e tempo* não se vincula aos princípios autoritário, mas somente a ontologia e isto desvalida o que foi proposto por Farias. Assim o historiador naufraga sem nenhuma pertinência interpretativa, havendo apenas o teor acusatório sensacionalista e especulativo. No entanto, isto não apaga a responsabilidade política criminoso do filósofo alemão, pois a adesão ao Nazismo foi comprovadamente não só uma posição política que deixa a conduta de um homem neutra mesmo sendo filósofo ou qualquer outra coisa. E sim uma atitude de apoio a um regime autoritário responsável por um totalitarismo impactante no mundo. É desta culpa que precisa ser indagada que Benedito Nunes coloca que Loparic trata com rigor coerente devido ao fato de reconhecer o quanto foi profunda a relação de Heidegger com o Nacional Socialismo. Mesmo em 1935 já tendo abandonado o partido de Hitler, Nunes observa que o filósofo alemão era convicto de sua ação de reconhecer o valor do Nazismo.

Porém, se a convicção de Heidegger não se ausenta de suas decisões práticas levando-o a ações de risco. Nunes questiona esta certeza de Heidegger, que pode ter ido até ao extremo de se calar perante as atrocidades cometidas pelo partido de Hitler, pois, pode ter sido o silêncio do filósofo o consentimento e apoio das práticas nazistas? Nunes vê em *Heidegger réu* uma questão comprometedor para o filósofo alemão, que Loparic pergunta o porquê de Heidegger não ter assumido sua culpa quando já tinha visto seu erro político do passado no presente em que criticava a ideologia do Nacional Socialismo. Mas, em seguida, o crítico paraense surge com a resposta que não justifica a conduta de Heidegger, mas responde a questão de Loparic. Pois o filósofo alemão, ao ter se identificado com os elementos do partido de Hitler e se filiado a este, acaba depois renegado o Nacional Socialismo e sua ideologia. Todavia, esta repulsa pelo Nazismo é uma forma de arrependimento público que não faltou a certeza de um convicto.

Benedito Nunes coloca que o silencio de Heidegger era um calar-se convicto, porém

não conivente com as atitudes barbaras do partido de Hitler, mas o que então o levou a este silêncio mediante a prática do Nazismo? Para Nunes esta pergunta é respondida quando se compreende que Heidegger foi heideggeriano e não viveu distante de suas ideias, pois o:

O silêncio de Heidegger foi antes de tudo um ato de fidelidade ao caráter pré-cristão e, portanto pagão, da Analítica Fenomenológica do *Dasein*, desvinculada, não obstante similares categorias da vida religiosa cristã na configuração do cotidiano, de toda concepção prévia acerca da natureza do homem e em divórcio com a Teologia. O exame da temporalidade, que complementa a Analítica, delineando uma Ontologia Fundamental, atesta a finitude do ser humano como ser histórico entregue às suas próprias possibilidades [...] e já de antemão fechado a uma ética do arrependimento, a qual presume, além do pecado, o reconhecimento de uma instância moral superior competente para julgar o mérito e o demérito dos atos pessoais, absolvendo o inocente e condenando o culpado. Eis por onde passa o silêncio de Heidegger. (NUNES, 1993, p. 37-38)

A ida de Heidegger até os pré-socráticos esclarece sua visão da realidade prática da vida sendo trágica, no entanto, o contato com tal concepção dos filósofos gregos antiquíssimos demonstra como o filósofo alemão, não só vê a existência humana trágica como se opõe à tradição estabelecida pela religião hebraico-cristã. Esta concepção de Heidegger é mostrada no período da viragem [*Kehre*] nos anos de 1930. Fica óbvio, para Nunes, que este deslocamento do pensador alemão até os pré-socráticos é por não aceitar a Filosofia tradicional, que é uma Filosofia de caráter cristão, com valores morais do cristianismo e com a Verdade que está na proposição onde o conhecimento precisa se ter como verdadeiro. O filósofo alemão, segundo a colocação de Nunes sobre *Heidegger réu*, reconhece a Verdade [*Wahrheit*] como um existencial em que o ente humano na abertura [*Erschlossenheit*], mostra seu núcleo, ou seja, o ser-aí se abre, apropria-se e mostra a verdade. Esta visão de Heidegger contrária ao pensamento tradicional e o caráter pagão de sua Filosofia são, para Nunes, um ganho inquestionável do comentário de Loparic.

A ruptura de Heidegger com a tradição filosófica que tratou apenas dos entes enquanto entes, a proposta de uma nova ontologia que viria pela destruição dos conceitos estabelecidos na tradição filosófica que o pensador alemão propõe o questionamento do “ser dos entes em geral”, a sua ida até a Filosofia pré-socrática etc. São características que expressam o pensamento de um filósofo que rompe com paradigmas estabelecidos durante a História da Filosofia, esta concepção de Heidegger configura uma noção claramente oposta à tradição hebraico-cristã vigente de seu tempo. No entanto, segundo Nunes, isto se explica se não se isolar o filósofo alemão da tendência que se impregnava na Alemanha, o antissemitismo. O filósofo não era segundo o crítico paraense um antissemita, pois se pode anexar esta ideia a

uma noção autoritária e, para Benedito Nunes, Heidegger era um antijudaico contrário apenas de forma ideológica ao Judaísmo e não perseguidora como foi visível no Nazismo.

Se o filósofo alemão encontrou um porto seguro no Nacional socialismo como uma maneira de se opor ao Judaísmo e depois descrente das ideias do Nazismo, aparta seu vínculo com o partido. Benedito Nunes sustentado em *Heidegger réu* é capaz de mostrar que não está mais em questão a relação de Heidegger com o Nazismo, pois, fica clara para o comentador paraense a distinção entre a concepção política de Heidegger e sua Filosofia. O que fica em cheque é unicamente a conduta neutra do filósofo alemão mediante a prática violenta do Nacional Socialismo, isto sim é digno de uma questão para Nunes, pois expõe a capacidade inumana do homem mostrando sua periculosidade passiva quando é imposto o terror a pessoas alheias.

Segundo o comentador paraense, Heidegger se comporta enquadrado aos moldes de seu pensamento e deve-se aceitar que o filósofo estava fechado em sua possibilidade passiva, não se abriu para o modo de ser da ação contrária à violência autoritária do Nazismo. Tem-se não uma Filosofia Nacional Socialista, mas um vivenciado de sua concepção. Mas a Fenomenologia de Heidegger não prega nem prática autoritária, totalitária, preconceituosa, etc., no entanto, a experiência ontológica permite que o ente humano seja ameaçado temendo algo em que, a ação como modo de ser próprio fique encoberta e ele manifeste o ser passivo impróprio. Aí reside a ação prática de Heidegger que pode ser julgada, porém a Filosofia do pensador alemão não é uma ideologia da imposição forçosa, mas o filósofo alemão foi neutro às ações do Nazismo preferindo não agir mediante do totalitarismo.

Constata-se que, segundo Nunes, o elo entre política e Filosofia em Heidegger não pode ser sustentado, muito embora a atitude do filósofo alemão de viver suas noções filosóficas sejam vigentes, nada há de Nazismo em sua Fenomenologia. Benedito Nunes afirma que a adesão nazista de Heidegger foi somente um fato histórico incontornável e merecedor de esclarecimento. Não há, para o comentador paraense, nenhuma fundamentação, seja para o Nacional Socialismo ou propriamente nazista na obra do filósofo alemão. Seja de uma forma mais sintética em *A passagem para o poético* ou mais desenvolvida em *No tempo do niilismo*, tratar deste tema tão polêmico da relação entre o principal filósofo do século 1920 e o regime aterrorizante de consequências de dimensões internacionais. Toda a crítica que tentou afirmar um teor totalitário na obra de Heidegger foi insustentável e para Nunes o verdadeiro efeito causado por estes críticos foi somente bloquear a recepção do filósofo com argumentos sensacionalistas. Em nenhum momento Nunes tentou inocentar o homem Heidegger de sua culpa política, assim como, também, afirmou não ser favorável ao reconhecimento de

elementos nazistas na obra do filósofo alemão pela ausência de argumentos sustentáveis e concretos, pois:

A repercussão do livro de Vitor Farias, *Heidegger e o nazismo* não se deve ao fato de ter revelado a posição política do filósofo como adepto do nacional-socialismo, já conhecida muito antes da década de 60, mas à circunstância de que pretendeu intentar contra ele e a sua obra um processo prejudicial, agravando a responsabilidade ética do primeiro e comprometendo, como instrumento da ideologia nazista, o valor filosófico da segunda. (NUNES, 1993, p. 22)

1.2. O nexó político-filosófico de Martin Heidegger na obra *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*

Far-se-á um esclarecimento da obra *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia* (1933/2001). Este texto esclarece a relação que Heidegger manteve, ligando intimamente seu pensamento político ao filosófico. Isto clarifica também a limitação interpretativa que Benedito Nunes entre outros comentadores fizeram antes das obras completas sobre este elo entre o filósofo alemão e o Nazismo, pois será comprovado que Nunes estava certíssimo em refutar os argumentos sensacionalistas que tentavam mostrar um Heidegger de ideologia hitleriana, porém é sabido que, após as obras completas, há textos do filósofo alemão que demonstram seu vínculo político-filosófico como *Ser e Verdade: a questão fundamental da Filosofia*, *Ser e Verdade: da essência da verdade* (1934/2001), *A Auto-afirmação da Universidade alemã* (1933-34) etc. Esta última obra de Heidegger foi publicada antes com o filósofo ainda vivo, porém somente com o acesso a outras produções do filósofo alemão, pode-se constatar os fundamentos relacionáveis ao que Heidegger propôs em relação ao Nazismo.

A chamada viragem [*Kehre*] que se deu a partir de 1930 em Heidegger, é segundo o comentador Marco Antonio Casanova, o momento em que o filósofo encontra uma insustentabilidade na hermenêutica da facticidade do ser-aí, este ente ôntico e ontológico que o Heidegger, através das crises do ente humano, faz uma reinterpretação histórica da vida. É por meio de um novo horizonte de condições que Heidegger muda seu foco anterior da década de 20 que era o encobrimento [*Verborgenheit*] e passa a visar ao não-encobrimento [*Unverborgenheit*] do ser-aí. É neste período que Heidegger desenvolve sua argumentação sobre o histórico do ser [*seinsgeschichtlichen*] de que se tratará adiante. Com base em Casanova, pode-se afirmar que mesmo o filósofo alemão mostrando uma argumentação em *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*, que caracteriza uma História

transcendental e um um ser-aí material, cultural, social, etc.:

O que se altera em Heidegger a partir da década de 1930 não é o procedimento metodológico de abordagem dos problemas, mas antes a definição das condições de pensabilidade de tais problemas. Em certo sentido, Heidegger permanece posteriormente tão fenomenólogo quanto ele era anteriormente filósofo do ser (CASANOVA, 2009, p. 149)

Explicitado o contexto, entra-se agora na discussão de *Ser e Verdade*¹⁶ que exprime como Heidegger quer fundamentar o Nacional Socialismo, porém em nenhum momento são colocados princípios do Nazismo como arianismo, autoritarismo, antissemitismo etc. o filósofo alemão quer criar uma ideologia que se faz ausente no Nazismo, que foi vigente; este é o ponto irrefutável em que se pode legitimar a Filosofia política de Heidegger, onde este revela seu esforço em se tornar ideólogo do Nacional Socialismo. Ver-se-á adiante a exposição de argumentos e a interpretação de *Ser e Verdade* como o filósofo alemão admite a necessidade do Nazismo, porém este carecendo das bases ideológicas que ele pode oferecer. Esta exposição interpretativa comprovará as limitações e equívocos deste tema tão áspero da relação do filósofo com um partido totalitarista, no entanto, mesmo nesta fase da discussão, sendo o objetivo o de mostrar esta política do ser¹⁷ em Heidegger. A discussão do tema soará de forma crítica às limitações interpretativas que se deram pela ausência das obras completas do filósofo alemão, quando não era possível constatar nenhuma relação filosófica de Heidegger com o Nazismo.

Ser e Verdade é uma obra que Heidegger leu para lecionar no semestre de verão de 1933 para os calouros do curso de Filosofia da Universidade de Friburgo. O filósofo alemão inicia sua argumentação afirmando sobre a grandeza histórica que passa o povo alemão [*deutsche Volk*] e da juventude acadêmica [*akademische Jugend*] que sabe deste momento [*Augenblick*]. O comentador americano Theodore Kisiel em *Intervenção política nos cursos de leitura de 1933-36* [*Political Intervention in the Lecture Courses of 1933-36*], reconhece que o momento histórico do povo alemão carrega a importância de povo se voltar para si mesmo, pois a graduandos alemães estão encontrando orientação [*Führung*] para isso. Assim Kisiel expõe que os estudantes acadêmicos como membros do povo estão se preparando para serem os líderes do “amanhã”, do futuro [*Zukunft*], de uma nova nação alemã. Heidegger afirma que:

¹⁶ A partir de agora chamarei apenas *Ser e Verdade* em vez invés de *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*.

¹⁷ Faz-se uma apropriação do termo “política do ser”. (CASANOVA, 2009, p. 150)

Depois de elogiar seus alunos — a ‘juventude acadêmica’ — por terem compreendido a importância da situação histórica na qual eles se fundam em si mesmos e por tomarem a ação para se prepararem para ‘orientação político-espiritual’, na qual eles como estudantes universitários foram destinados a assumir na emergência de uma nova nação. Heidegger, em seguida, se foca no que ele considera como crucial para a preparação deles como futuros orientadores de uma nova Alemanha. (KISIEL, 2009, p. 111) [tradução nossa]¹⁸

Portanto, caracteriza-se o momento em que o povo está encontrando orientação para chegar a si mesmo, a seu próprio ser [*Sein*], que é a necessidade [*Notwendigkeit*] de criar o Estado [*Staat*]. Este momento configura a missão [*Auftrag*] única que o povo alemão tem entre os povos. É na Universidade alemã que a juventude acadêmica começará a missão político-espiritual [*geistig-politischen*], que é uma missão espiritual popular [*geistig-volkliche Auftrag*], onde este povo se tornará nação. Mas depende somente de cada membro do povo se colocar na questão fundamental e conquistar seu destino [*Schicksal*], portanto, não há imposição é simplesmente uma decisão [*Entscheidung*] que pode ser tomada por cada um. A questão fundamental é a questão fundamental da filosofia em que, neste questionamento o povo conquista sua abertura [*Erschlossenheit*] e liberdade [*Freiheit*], procurando-se e encontrando-se no Estado. A questão já foi tocada, mas depende do povo de se colocar nesta questão e questionar pela essência [*Wesen*] da questão, tomando a decisão de colocação e permanência, pois o povo alemão precisa estar à altura desta decisão.

Primeiramente a questão fundamental da filosofia se deu entre os gregos, que tocaram na questão com o intuito de criação de um ser-aí humano e popular singular, com seus grandes poetas e pensadores, este princípio até hoje expressa sua força e vigor. Mas em que então isto se vincula ao povo alemão? Para Heidegger o povo alemão constitui sua origem, cultura, língua etc. como herança dos gregos. Segundo Kisiel, o povo alemão tem no passado um “laço” entre os gregos antiquíssimos que criaram um ser-aí popular singular que é uma espécie de resultado possível devido à grandeza dos Poetas e Pensadores. Como se pode perceber para Kisiel fica claro que, Heidegger reconhece vínculos culturais, sócias, filosófico etc. O comentarista americano coloca que o:

O espírito e o destino da Alemanha, como eles estão encobertos neste

¹⁸ Em inglês: “After commending his student – the „academic youth“ (*sic*) – for having already grasped momentousness of the historical situation in which they found themselves and for taking action to prepare themselves for the „spiritual-political leadership“ which they as university-graduates were destined to assume in the emerging new nation, Heidegger then focuses on what he takes to be crucial for their preparation as future leaders of the new Germany”. KISIEL, Theodore. Political Interventions in the Lecture Courses of 1933-36. In: DENKER, Alfred; ZABOROWSKI, Holger (Orgs.). *Heidegger-Jahrbuch 5: Heidegger und der Nationalsozialismus*. München: Karl Alber, 2009. p. 111. [aspas de acordo com o original]

momento histórico junto à questão fundamental da filosofia, estão intimamente ligados ao princípio criado entre os gregos (KISIEL, 2009, p. 113) [tradução nossa]¹⁹

O princípio da questão fundamental da filosofia ficou encoberto na História [*Geschichte*] por um acontecimento fundamental [*Grundgeschehen*]. A conquista da questão é a conquista de um destino herdado pelo povo alemão e que antecipa o ser-aí humano popular [*menschlichen volklichen Daseins*] para um futuro que ele não conhece, mas que o espiritualiza. A tarefa de conquista da questão fundamental é exclusivamente do povo alemão, cabe a ele querer ou não pela missão espiritual, colocar-se ou não na questão e cabe ao povo assumir seu destino, que é uma possibilidade unicamente do ser-aí popular alemão que é constituído segundo Kisiel, por sua existência política onde missão e destino estão voltados para o povo criador de seu Estado.

Charles Bambach em *Heidegger, o Nacional Socialismo e os gregos* [*Heidegger, der Nationalsozialismus und der Griechen*] reconhece nesta perspectiva político-existencial que, o nexó entre missão e destino está ligado à revolução política do povo alemão, uma segunda revolução que Heidegger se remonta, segundo o comentador americano a matriz do ocidente, ou seja, aos gregos antiquíssimos. O autor americano confirma que, em Heidegger há uma “necessidade” de referencia social, cultural, filosófica etc. voltada para o modelo ocidental que se deu entre os gregos. Bambach mostra que, em carta trocada com Elisabeth Blochmann, Heidegger expõe uma argumentação para a revolução política do povo cuja origem está no antigo mundo grego explicitando que:

A segunda Revolução em Heidegger exigirá do povo alemão que, ele interroge sua essência até rumo às suas fontes na História do ocidente — e isto particularmente no olhar para relação da Ciência alemã e Filosofia grega. No seu, ponto de vista, a Revolução Nacional Socialista dá direito para esperança que, o povo se preparará para um novo princípio — um princípio que, o primeiro poder genuíno deve tirar do princípio do pensamento na História ocidental do vigor entre os gregos (BAMBACH, 2009, p. 201) [tradução nossa]²⁰

¹⁹ Em inglês: “Germany’s spirit and destiny, as these are uncovered in this historic moment by way of the basic question of philosophy, are intimately linked to the beginning made by the Greeks”. KISIEL, Theodore. *Political Interventions in the Lecture Courses of 1933-36*. In: DENKER, Alfred; ZABOROWSKI, Holger (Orgs.). *Heidegger-Jahrbuch 5: Heidegger und der National sozialismus*. München: Karl Alber, 2009. p. 113.

²⁰ Em alemão: “Die zweite Revolution, so Heidegger, werde dem deutschen Volk abverlangen, dass es sein Wesen bis hin zu seinen Quellen in der Geschichte des Abendlandes befrage – und dies insbesondere im Blick auf das Verhältnis von deutscher Wissenschaft und griechischer *philosophia*. Seiner Ansicht nach berechtigt nationalsozialistische Revolution zu der Hoffnung, dass dem Volk ein neuer Anfang bereitet wird – ein Anfang, der aus der Macht des ersten genuinen Anfangs des Denkens in der Abendländischen Geschichte bei dem Griechen Kraft schöpfen müsse.” BAMBACH, Charles. *Heidegger, der Nationalsozialismus und die Griechen*. In: DENKER, Alfred; ZABOROWSKI, Holger (Orgs.). *Heidegger-Jahrbuch 5: Heidegger und der National sozialismus*. München: Karl Alber, 2009. p. 201.

Dá-se continuidade ao texto consciente de que só adiante será melhor esclarecido, o princípio entre os gregos ligado ao povo alemão. Porém, agora se deve clarificar que, o objetivo de Heidegger é de se colocar como ideólogo do Nazismo, mostrando como o partido carece de bases ideológicas a serem construídas mediante seu pensamento. Em outras palavras, o filósofo alemão afirma sua posição favorável ao partido alemão, ressaltando a base ideológica de que este precisa e que sua filosofia pode suprir. A tentativa de Heidegger de espiritualizar [*vergeistigen*] o Nacional Socialismo, clarifica seu objetivo que, é a condição de ideólogo do Nazismo que o filósofo almeja, além do mais, explicita-se o nexos entre pensamento político filosófico do autor. Veja-se como Heidegger propõe esta ideologização para o Nazismo:

É uma opinião **semeada agora** de “se” ter que espiritualizar e enobrecer dando **acabamento** à revolução nacional socialista. Eu pergunto: **com qual espírito espiritualizar?** **Quando** não vive nem um espírito, nem se sabe o que é o espírito (hálito, sopro, admiração, impulso, **empenho**) hoje o espírito **move-se** como “sutileza” vazia, como jogo sem compromisso de **diversão, como margem avulsa da movimentação da dissecação da compreensão e erosão, como obrigação desenfreada de uma dita razão do mundo.** (HEIDEGGER, 2007, § 2, p. 24-25) [Tradução modificada]²¹

Para espiritualizar a revolução Nacional Socialista, o ser-aí humano popular, que é constituído por cada membro do povo alemão, precisa ir até a sua origem entre os gregos, pois os alemães herdaram sua língua e estirpe. Portanto há um vínculo de origem entre estes dois povos, no entanto, foram os gregos que tocaram pela primeira vez pela questão fundamental da filosofia, criaram este modo singular de ser-aí constituído de forma material, cultural, estatal etc. a decisão pela questão fundamental é a possibilidade do povo alemão questionar por este conflito incessante a partir de si mesmo, ou seja, questionar pela Filosofia e mais ainda eliminar toda e qualquer possibilidade de a Filosofia ser algo positivo como esta é em sua vigência e foi durante sua História. Compreende-se que para Heidegger a Filosofia na sua História foi uma presença ausente, pois ela se fez presente como ela não é de fato, vejam-se as tentativas que foram colocadas na História de determina-la, no entanto, todas as tentativas são falhas segundo o filósofo alemão.

A Filosofia foi ciência, mas não pode ser ciência, pois esta está subordinada a Filosofia,

²¹ Em alemão: “Es ist jetzt verbreitete Meinung, ‚man‘ hätte die Aufgabe, die Beedingung der nationalsozialistischen Revolution zu vergeistigen, und zu veredeln. Ich frage: mit welchem Geist vergeistigen? Es ist ja kein Geist mehr lebendig, ja man weiß nicht mehr von dem, was Geist ist (Hauch, Wehen, Staunen, Antrieb, Einsatz). Geist treibt sich Heute um als leerer ‚Scharfsinn‘, als unverbindliches Spiel des Witzes, als uferloses Treiben des verständigen Zergliederung und Zersetzung, als zügelloses Walten einer sogenannten Weltvernunft”. (HEIDEGGER, Martin, 2001, § 2, p. 7)

tem um setor específico e questiona apenas os entes [*Seiende*] enquanto entes e a Filosofia não tem um campo específico; e questiona o ser dos entes em geral, logo, deve-se evitar pensar a Filosofia epistemologicamente. Filosofia enquanto visão de mundo como se construísse um modo de vê-lo, porém ela não é Teoria do Conhecimento, ela não é uma conceituação do que somos, ela não nos ensina nada, isto é, uma tentativa de se ter a Filosofia como Sociologia, uma concepção de ver o mundo. Filosofia enquanto fundamentação do saber, uma relação entre ela e a ciência como se a Filosofia fosse fundamentada a partir de resultados científicos, ou seja, subordinada a ciência em uma relação em que dependesse dos resultados científicos para se fundamentar sendo que o foco destes resultados é apenas entitativo. Filosofia enquanto saber absoluto como se fosse autodependente, como se ela brotasse do ser próprio de Deus e não do homem, pois é impossível conceber o absoluto sem se pensar em um Deus, aqui se tem a Filosofia teológica e, por fim, a Filosofia como preocupação com a existência individual humana, ou seja, o homem isolado, autônomo, podendo ser independente de relações, culturais, sociais científicas etc. (concepção kierkegaardiana) e o homem levado para si mesmo, um ser espiritual voltado para seus instintos (concepção nietzschiana).²²

Na concepção de Heidegger, como já se afirmou, os gregos antiquíssimos esboçaram a questão fundamental da Filosofia, que foi encoberta por um acontecimento fundamental, pois a questão fundamental foi esquecida no decorrer da História da Filosofia e cabe ao povo alemão, ser-aí popular desenvolver essa questão fundamental. O acontecimento fundamental não somente encobriu a questão fundamental, fazendo com que ela fosse esquecida, mas ele foi presente em toda a História da Filosofia constituindo-a como decadência. Este desvirtuamento da Filosofia em que sua essência [*Wesen*] se deu entre os gregos pré-socráticos, é o desvirtuamento do princípio da diferença ontológica entre Ser e Ente, que foi a busca incessante de Heidegger, porém o filósofo não conseguiu responder qual é conclusivamente esta diferença. O princípio da diferença aconteceu entre os gregos como se viu na citação de Bambach, feita anteriormente e os próprios gregos foram responsáveis pelo encobrimento deste princípio, então, cabe agora ao ser-aí alemão retomar o princípio, desenvolvê-lo e questionar acerca da diferença ontológica. Portanto, é necessário compreender como se deu esta empreitada em que a Filosofia, em sua História, foi o que ela

²² Heidegger afirmar em *Ser e Verdade* (sem explicitar em qual obra ou obras tanto do filósofo norueguês quanto do alemão) que, Kierkegaard e Nietzsche por algum motivo fizeram uma Filosofia oposta ao que foi vigente na História, porém para o filósofo alemão, estes dois pensadores não tocaram na questão fundamental da filosofia, ou seja, mesmo estes pensadores tendo uma concepção oposta à tradição filosófica, não questionaram a questão fundamental.

não é de fato, encobrindo a questão fundamental.

Esta empreitada em que a Filosofia foi encoberta, iniciou-se com Aristóteles, no século quarto antes de Cristo quando a questão fundamental foi deixada de lado. A produção deste filósofo grego desapareceu e foi encontrada no início do século I, era pré-cristã. Neste momento, segundo Heidegger, começou um impasse, pois vem a pergunta: o que fazer com estes escritos desaparecidos por mais de 300 anos? Como se fosse um Deus ausente que depois se fizesse presente, eis uma perplexidade. Agora era necessário organizar estes escritos, eles foram juntados, os escritos sobre *ta física* aos da *Física*. Aristóteles não compreendeu a “força do conceito” Metafísica questionando apenas os entes enquanto entes, pois para o próprio filósofo, de certa forma, os termos até se aparentam, mas não têm a mesma “força conceitual”. A compreensão daqueles que organizaram os escritos do filósofo grego, também, não foi capazes de entender, de fato, a noção de Metafísica, colocando o termo *meta* antes de *ta* e depois de *física*. Constituindo *meta tá física*.

Para Heidegger em *Ser e Verdade*, Aristóteles tem uma concepção desvirtuada do conceito de Metafísica, assim o filósofo grego abriu espaço para a compreensão desta apenas como atividade pedagógica, a força da noção deste conceito ficou encoberta com a questão fundamental. Os organizadores dos escritos do filósofo grego não entenderam nem o desvirtuamento de Aristóteles nem o conceito propriamente dito de Metafísica. Estes organizadores ao fazerem a junção do termo *tá física* com *meta*, cometeram um segundo impasse interpretativo, pois ao aproximar a Metafísica ao termo latino *scientia* a Filosofia passa a ter um caráter científico. Agora fica em evidência que a discussão acerca da questão fundamental vai se dá no terreno da Metafísica, porém se continuará a esboçar como se deu a História do encobrimento da Filosofia.

A organização dos textos de Aristóteles refletiu na Idade Média com uma interpretação que, mais uma vez, não foi capaz de compreender o equívoco do filósofo grego nem a questão fundamental. Este equívoco se deu quando na Idade Média o prefixo grego *meta* foi concebido como algo além da natureza, em plano superior, trans, uma não-natureza. Assim é Deus. As coisas da natureza são criadas por Deus e este está em plano superior, trans, não-natureza. Antes *meta* designou ser *post*, apenas uma sequência de organização e agora na Idade Média com um entendimento cristão o termo corresponde ao que está além da natureza, o divino, o absoluto etc.. A consequência deste não entendimento da Metafísica, fez com que a Filosofia deixasse de ser grega e se tornasse cristã. Assim se manteve a Filosofia até

Nietzsche²³. Estes princípios teológicos encontrados na História da Filosofia e surgidos na Idade Média se constituíram assim:

A fé cristã **tem essencialmente** em três aspectos a questão dos **entes** na **totalidade** determinando: 1. O **ente** que nós conhecemos por “mundo” foi criado por Deus. 2. O **ente** que nós mesmos somos, o homem como **singular** se **encontra** no **aspecto** da salvação de sua alma, imortalidade. 3. O **ente propriamente máximo sobre o mundo e o homem é Deus como criador e redentor**. (HEIDEGGER, 2007, § 7 p. 40) [Tradução modificada]²⁴

A Filosofia, mais especificamente a Metafísica, constituiu-se de duas determinações: o teológico-cristão e o método matemático. Cabe agora desenvolver como se deu este matemático na História da Filosofia. O interesse agora é sobre o método matemático e não a matemática como ciência, pois foi este método que se fez presente na metafísica. Para os gregos o matemático é excepcionalmente o que se pode aprender e ensinar, assim cada um pode por si mesmo chegar à “verdade” evidente, axioma, este se desdobra em sequências a partir de si mesmo. Portanto, para Heidegger, o método matemático é autossuficiente, mostra seu conteúdo a partir de si mesmo.

Foi exatamente René Descartes (1596-1650) que, segundo Heidegger, na História da Filosofia na modernidade, iniciou o uso do método matemático na Filosofia. Descartes adquiriu o falso *status* de retirar a Filosofia da escuridão. Isto se deu, devido ao fato de se acreditar que seu pensamento seria oposto a esta proposta teológica da Filosofia medieval, aparentemente parece ser um pensamento divergente da Idade Média, pois neste momento está em vigor o matemático, mas nesta relação axiomática em que o matemático mostra a partir de si mesmo sua autossuficiência, aproximasse desta articulação um argumento teológico de Deus, um absoluto por si mesmo. E se, por outro lado, o matemático decidiu o que a Filosofia pode saber e como ela pode saber, este método determinou o conteúdo da Filosofia. E esta “verdade” evidente mediante de axiomas fez com que a Filosofia adquirisse um caráter de ciência, portanto a Filosofia ainda não questiona como o proposto em sua origem entre os gregos antiquíssimos. Logo, por meio destes argumentos, pode-se afirmar que o encobrimento da Filosofia deixa de ser teológico para ser matemático. O método matemático cartesiano permite a dúvida acima de tudo, tudo é dubitável, menos a própria

²³ É válido lembrar que Heidegger reconhece que Nietzsche fez por algum motivo uma Filosofia oposta ao que foi proposta pela tradição filosófica, porém Nietzsche não retornou a questão fundamental.

²⁴ Em alemão: “Der christliche Glaube hat nach drei wesentlichen Hinsichten das Fragen nach dem Seienden im Ganzen bestimmt: 1. Das Seiende, das wir als ‚Welt‘ kennen, ist von Gott geschaffen. 2. Das Seiende, das wir selbst sind, der Mensch als einzelner, steht in der Hinsicht auf das Heil seiner Seele, Unsterblichkeit. 3. Das Eigentliche und höchste Seiende über Welt und Mensch ist Gott als Schöpfer und Erlöser”. (HEIDEGGER, 2001, § 7, p. 24)

dúvida. Assim Descartes afasta mais ainda a Filosofia da questão fundamental, pois há, como se vê, um argumento teológico no método matemático.

Heidegger coloca que a História da Filosofia criou grandes textos, porém estes são provas da decadência do desvirtuamento da questão fundamental. Saber como aconteceu este desvirtuamento é o esclarecimento e orientação que o ser-aí histórico [*geschichtlichen Daseins*] necessita para ir até a essência da questão fundamental, uma ida até o passado onde ela foi esboçada e em um movimento transcendental, colocar-se e permanecer na questão. Mas a conquista da questão fundamental: “deve acontecer mediante de uma confrontação histórica com Hegel” (HEIDEGGER, 2001, p. 13, § 4)²⁵, pois este filósofo representa, segundo Heidegger, a concentração de toda a história da Filosofia, ou seja, Hegel representa tudo o que a Filosofia não é. Veja-se como se dará este embate com Hegel (1770-1831) na História transcendental.

Hegel é a posição central [*Hauptstellung*] da História da Filosofia, pois representa a concentração de todo o encobrimento da Filosofia que se deu dos gregos até ele, ou seja, a condensação de toda tradição filosófica. Ao mesmo tempo ele assume uma posição de divisor de águas, pois Kierkegaard e Nietzsche fizeram uma Filosofia oposta à Hegel. É em uma confrontação [*Auseinandersetzung*] com o filósofo de Stuttgart, no terreno da Metafísica que, a História da Filosofia falará ao povo alemão por ser questionada e é neste questionamento que se retoma a questão fundamental e se espiritualiza a ação futura do povo. Cabe a cada membro do ser-aí popular alemão enquanto ser-com [*Mitsein*] decidir pela questão fundamental, em sua liberdade em função da qual cada um tem um compromisso consigo mesmo e com o povo. Heidegger fala aos calouros da Universidade de Freiburg²⁶ que a questão não será imposta e ninguém os interrogará se querem ou não decidir pela questão, porém cabe somente ao povo decidir ou não pela conquista de seu destino. O ser-aí popular alemão é constituído em sua liberdade pelo comprometimento e convivência do homem histórico de um com o outro, assim se determinam os membros do povo pela linguagem e espírito herdados dos gregos antigos.

Em *Ser e Verdade*, Heidegger propõe uma exposição do pensamento hegeliano, pois é necessário compreender este pensamento porque, desta forma, o fenomenólogo faz uma preparação para um confronto com Hegel, um embate contra este filósofo que para o autor de *Ser e Verdade*, concentra toda a decadência da História da Filosofia. Heidegger sustenta uma

²⁵ Em alemão: “Dies soll geschehen durch eine *geschichtliche Auseinandersetzung* mit Hegel.” (HEIDEGGER, 2001, p. 13, § 4) [itálico do autor]

²⁶ É importante frisar que o filósofo está falando no ambiente universitário onde ele julga que, se iniciará a orientação que o ser-aí popular necessita para retomar sua missão político espiritual.

tese do princípio da contradição no pensamento teológico hegeliano, pois para o fenomenólogo a *Ciência da lógica* começa sua argumentação com o Ser que é indeterminado, nesta indeterminação é o Nada [*Nichts*], em seu estado de pureza, e ao mesmo tempo, não é o Nada. Todavia, é um devir [*Werden*], uma transição do Ser para o Nada, um tornar-se. Ambas as categorias Ser e Nada desaparecem diante da oposição que cada uma faz a outra, ou seja, a princípio se igualam depois se contradizem. Mesmo estabelecendo a contradição, Hegel tenta lidar com conceitos metafísicos, porém, ele comete uma outra contradição, pois em *Ciência da lógica* o objeto é o pensamento [*das Denken*], mais especificamente o pensamento apreensivo [*begreifende Denken*]. Eis um impasse, a ciência da lógica proposta por Hegel se inicia com argumentos metafísicos e não lógicos. Ou seja, a metafísica de Hegel começa com o princípio do Ser, embora, de forma desvirtuada e depois se contradiz colocando como objeto da lógica o pensamento apreensivo.

Outro princípio da contradição que aparece em Hegel está em sua dialética, esta consiste, em um primeiro momento, em uma articulação em que a ideia [*Idee*] se constitui em sua totalidade no pensamento e determina-se a partir de si mesma, o absoluto [*absolut*]. Este absoluto opõe-se a si mesmo estabelecendo um princípio de contradição, uma natureza [*Natur*]. Chega-se ao espírito [*Geist*], quando o absoluto se torna um novo conceito, um produto da razão [*Vernunft*] onde se suspendem e cessam²⁷ todas as oposições [*Gegensätze*]. Heidegger não desconsidera as oposições, pois as reconhece como um fator da vida [*Faktor des Lebens*], porém a concepção hegeliana é para o fenomenólogo uma limitação e uma incompreensão ontológica da diferença entre ser e ente. Pois, se o absoluto se opõe a si mesmo, gerando uma contradição, eles são não iguais em não, em não ser, ou seja, são onticamente opostos e iguais no sentido ontológico do Ser.

Agora já se compreende como a Metafísica foi lógica, científica, teológica e método matemático. A Metafísica foi incapaz de questionar pelo ser dos entes, ela precisa ser conquistada, mas como ela pode ser conquistada? A partir de um confronto com a Filosofia de Hegel que concentra toda a Metafísica vigente na História e, assim, conquistar a Metafísica de fato iniciada pelos gregos antigos. Este confronto com a Filosofia hegeliana é um embate em se falará toda a História do espírito ocidental [*abendländische Geistesgeschichte*], toda decadência que foi a Filosofia. A práxis alemã é, segundo Heidegger, hegeliana, ou seja, constituída de uma perplexidade [*Verlegenheit*] que está condensada como que em um bloco todo o encobrimento da História da Filosofia, incapaz de questionar pela diferença ontológica

²⁷ Resolveu-se traduzir o termo alemão *aufheben* por suspender e cessar, pois na dialética hegeliana quando se chega ao espírito há uma suspensão que é temporária e uma cessação que é definitivo.

entre Ser e ente. O embate com Hegel permitirá ao ser-aí popular assegurar-se de seu destino entre os povos, o destino pela conquista de sua Metafísica, pois o povo alemão é o único entre os povos que tem sua Metafísica, porém necessita conquistá-la.

O confronto com Hegel, a conquista pela Metafísica, a conquista pelo destino é a conquista pelo ser, pelo Estado que é o ser que determinará as possibilidades do povo. O Estado é inicialmente formativo e o ser-aí se encontra no Estado. No entanto, o Estado alemão vigente é hegeliano e concentra, como já se viu toda uma perplexidade, por isso, o confronto com Hegel e opondo-se a ele que o povo criará o Estado, se colocará na questão fundamental e conquistará seu destino único entre os povos. Heidegger vê a necessidade do ser-aí popular combater o estado alemão vigente, pois aí reside a oposição ao encobrimento, já que Hegel concentra todo o encobrimento da História da Filosofia. Heidegger quer a posição política de Hegel, pois se o Estado é hegeliano, o fenomenólogo propõe um Estado heideggeriano.

Heidegger propõe que o modelo estatal alemão heideggeriano, por isso, o filósofo alemão começa sua articulação sobre a colocação na questão fundamental da Filosofia na Universidade. Heidegger quer o lugar de Hegel na Universidade alemã. Mas por que este interesse pelo lugar que Hegel assume na cultura alemã? Justamente porque, o fenomenólogo quer tornar-se ideólogo do Nacional Socialismo. Ele propõe que a Filosofia, não a vigente, mas, a autêntica que interroga pela questão fundamental, que será construída com a conquista do destino alemão de ir até os gregos antiquíssimos é a base do pensamento heideggeriano que alimentará o Estado alemão, este, por sua vez, determinará as possibilidades do povo, pois o Estado regerá o ser-aí popular, no entanto, este pode criar o Estado.

A práxis do povo alemão, o Estado, a Universidade, a Política e a Filosofia vigentes são uma perplexidade que concentra toda a decadência do espírito ocidental, a Filosofia de Hegel. Segundo Heidegger o povo alemão precisa criar um Estado autêntico garantindo seu destino entre as nações. A criação deste Estado nutrido com o pensamento heideggeriano será construída tendo como antímodo a Filosofia de Hegel. Estes argumentos explicitam como o fenomenólogo lança seu questionamento na década de 1930, mostrando um vínculo político-filosófico. Para tentar dar conta de sua busca pela resposta de diferença ontológica entre Ser e ente, reconhecendo o povo como ente (ser-aí popular), o Estado como o Ser e a sua própria Filosofia como fundamentadora do Estado.

Ser e Verdade é notoriamente uma das obras da década de 30 do pensamento heideggeriano que, pode demonstrar como o filósofo alemão tratou de seu vínculo político-filosófico. Mas, não somente comprova este traço tão polêmico que é a relação política de Heidegger como esclarece e limitações a respeito do pensamento do filósofo alemão. Trata-se

de limitações, ao invés de sensacionalismo, pois este último mesmo antes da publicação das obras completas, não são argumentos sustentáveis nem dignos de atenção, principalmente acadêmica. Com base na leitura das obras completas de Heidegger, comprova-se a superação de tendências interpretativas de antes, que tentavam estabelecer caminhos interpretativos únicos de acesso ao pensamento heideggeriano e ou sua relação com a política como tentou Pöggeler em *A via do pensamento de Martin Heidegger*, Stein em *Compreensão e finitude*, Benedito Nunes em *A passagem para o poético* e *No tempo do nihilismo* etc.

Retomando-se os argumentos colocados no subcapítulo anterior, mais especificamente, porque, o foco crítico é a concepção de Benedito Nunes sobre Heidegger e a relação política do filósofo alemão, constata-se que Nunes está correto quando critica o sensacionalismo de Vitor Farias, pois, este historiador propõe uma concepção que, em *Ser e Tempo*, há como, já se esclareceu anteriormente, fundamentos que dão origem à atitude política de Heidegger de 1933. Deturpadores e insustentáveis, o quê nada definiria melhor o engodo argumentativo proposto por Farias. O colocado pelo historiador como se pode observar, não é uma limitação causada pela ausência de publicação textual, e sim um “falatório” sem fundamento e polêmico. A colocação de Farias, em que ele propõe um nexos entre *Ser e Tempo* e a adesão política de Heidegger, é totalmente insustentável, pois tal relação viria a comprometer a dinâmica mundana do ser-aí, tendo em vista que o historiador afirma estar vinculando o ente humano, estrutura se sentido [*Sinnstruktur*] comum ao homem, a atributos nazistas como raça, superioridade, autoritarismo etc. Sabe-se que ao ser-aí de *Ser e Tempo* não está atribuído nenhuma existência valorativa, pois está apropriado ou inapropriado de seu ser tem certamente a mesma importância, ou seja, nem um ser-aí é constituído de características biológicas e a Ética e Moral assumem valores na conduta do ente humano.

Mas se Benedito Nunes está correto ao criticar Vitor Farias, onde consiste então sua limitação? Cabe agora esclarecê-la! O comentador paraense seguiu, como se pôde constatar, tendências interpretativas de sua época devido à indisponibilidade textual parcial de Heidegger, isto refletiu em uma interpretação em que a relação política do filósofo alemão foi, para Nunes, somente um fato histórico incontornável que poderia comprometer unecamente o homem Heidegger. Obviamente que a adesão de Heidegger ao Nazismo não compromete a riqueza de seu pensamento, nem muito menos sequer tirar a culpa de adepto ao regime autoritário a que o filósofo alemão se filiou. Mas comprova-se, por meios de alguns textos heideggerianos da década de 1930 como *Ser e verdade* que há um vínculo político-filosófico em Heidegger e isso não é uma interpretação pessoal e sim o próprio Heidegger tentando ideologizar o Nacional Socialismo. É indiscutível, também que, em nenhum momento,

Heidegger coloca em sua fundamentação ideológica do Nazismo argumentos contra a humanidade como autoritarismo, terror, totalitarismo, superioridade biológica ou racial, etc.

Comprova-se que Benedito Nunes fez um comentário que acompanhou “moldes” interpretativos de seu tempo, ele não pode constatar o nexó político-filosófico de Heidegger, tal nexó ideológico em nada se associa com o regime nacional socialista que foi vigente, a limitação do comentador paraense se deu devido à ausência de textos que foram publicados postumamente e, mesmo havendo esta política do ser em Heidegger; é óbvio que ele tentou ideologizar o Nazismo. Mesmo para os interessados pela Filosofia heideggeriana é um tema delicado e que necessita de precaução interpretativa para não se desvirtuar os argumentos filosóficos quando se trata da política em Heidegger.

1.3. Trauma e testemunho segundo Seligmann-Silva

O século XX é marcado por eventos de terror como a Primeira e a Segunda Guerra mundiais, a guerra do Vietnã, guerras civis na África, regimes ditatoriais na América Latina etc. o século 21 não retrata algo que se possa caracterizar como “pós”, seja pós-guerras mundiais, pós-ditaduras, pós-guerras civis etc., pois o reflexo destes eventos de violência recaem sobre a humanidade como catástrofes, portanto, pode-se até mudar as características dos eventos de violência, porém, a catástrofe é sempre presente. A catástrofe colocada aqui não é obviamente como a noção que, se encontra na *Poética* (1453 b) de Aristóteles, pois não se trata de uma Teoria ou Filosofia do que se pode ser encenado, mas sim do impacto que a violência pode causar na vida humana. Todavia, não se tem uma *catharsis*, este efeito purificador que levaria o homem a isentar suas emoções e ver racionalmente a catástrofe.

Já se sabe que não se está tratando do pensamento aristotélico e que a catástrofe aqui é referente aos eventos de violência do século passado e deste século. Diante da era da informação em que as mídias nos podem oferecer em tempo real informações de qualquer parte do mundo, pode-se ter acesso a acontecimentos de diferentes, locais, culturas, sociedades etc. e é por meio desta mídia que se propaga a violência através dos choques. Todos os dias, têm-se notícias em tempo real de um passado bem próximo de eventos de violência, a reprodução destes acontecimentos de terror causam os choques no espectador destes eventos, porém, o trabalho da mídia consiste em exibir cada vez mais o teor destes choques. Pois o espectador se adapta a uma determinada intensidade de choque e o impacto sensacionalista da mídia necessita aumentar a dose para surtir efeito de choque no espectador.

Pois se em um dia se impacta a alguém com um terrorista que, se explode na guerra do Iraque, após uma semana de saturação da mídia sobre este mesmo tema, depois há a necessidade de se mostrar os fragmentos dos corpos que se espedaçaram com a bomba deste fundamentalista.

Portanto, é nesse viés que, Márcio Seligmann-Silva, em *O local da diferença* (2005), que o teórico trata desta relação da Literatura com o trauma. Pois se o trauma é um conceito psicanalítico que será discutido adiante, não se pode maneja-lo sem se levar em consideração os eventos de violência da vida vigente que levam ao trauma. Se os acontecimentos da História se refletem no nosso presente, se a mídia propaga os choques da vida cotidiana, como se pode conceber este nexos entre Literatura e trauma? É por meio da concepção de Seligmann-Silva que se dará esta resposta.

Conduzido por várias noções sobre o trauma e voltado para a discussão destas, segundo a concepção do Psicanalista Werner Bohleber, que escreveu um dossiê na temática do trauma para a revista alemã *Psyche*, Seligmann-Silva propõe uma noção geral do trauma ao invés de buscar uma definição única para este conceito. Pois mesmo fundamentado pela Psicanálise, seu foco não é esta ciência e sim as articulações dos diferentes autores que, Bohleber discute sobre o trauma, tais autores não vêm a se opor ideologicamente discutindo a validade colocada pelos outros, pois é neste contexto que eles dialogam sobre o trauma. Ver-se-á em *O local da diferença*, como Seligmann-Silva apresenta estes psicanalistas que desenvolvem teorias a respeito do trauma.

Segundo Seligmann-Silva, Freud tratou várias vezes do trauma sem necessitar fazer uma conceituação deste no sentido mais restrito de uma definição. *O local da diferença* mostra como o psicanalista alemão tratou de pacientes que durante a infância sofreram cenas sexuais e as recordações destas cenas provocariam a histeria, esta manifesta seus sintomas por meio de recordações que agem no inconsciente, Seligmann-Silva afirma que: “[a] histeria seria uma doença desencadeada por uma reação de defesa diante de uma nova situação que recalcaria a representação inaceitável” (2005, p. 65). O teórico brasileiro considera que para Freud, a defesa atua como uma expulsão do que é insuportável no consciente, as cenas sexuais infantis indesejadas pela pessoa são recalçadas, pois são recordações traumáticas no inconsciente. O autor de *O local da diferença* coloca que:

A cena primária — a cena da sedução — seria a base da situação traumática, que se dá *a posteriori*, em um segundo momento que chamaria à tona aquela “protocena” recalçada. Aqui já estão os elementos centrais da teoria do inconsciente, da associação, do recalque e da temporalidade complexa da economia psíquica: todos articulados em torno de uma teoria do trauma. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 65)

Portanto, se faz necessária esta compreensão do trauma interno provocado por cenas presentes no inconsciente para o entendimento do trauma externo. Sobre a Primeira Guerra Mundial, Freud dedicou-se a tratar das neuroses de guerra que, eram uma patologia traumática dos soldados sobreviventes adquirida durante o combate, esta patologia se caracteriza da seguinte forma: o acidente traumático é fixado e este é repetido com regularidade durante o sonho; aí ocorre a histeria como sintoma desta patologia, o ataque histérico diz respeito à transposição da cena do acidente traumático, estes sintomas mostram que o paciente não se desvinculou do trauma como se a situação traumática fosse vigente no momento da histeria e o paciente não consegue controlá-la, ou seja, ele se vê diante de uma tarefa na qual não consegue dominar.

Seligmann-Silva coloca que, para Freud, há uma relação entre os sintomas do paciente histérico e aquele que sofre a neurose de guerra, pois, em ambos os casos, tem-se o sofrimento de reminiscências. Para o autor de *O local da diferença*, a obra *Para além do princípio do prazer* [*Jenseits des Lustprinzips*] (1920) de Freud, destaca que:

O importante para nós no ensaio de Freud de 1920 é a relação que ele destaca entre o trauma e o pavor (ou susto, *Schreck*) que representaria uma quebra na nossa *Angstbereitschaft* — uma angústia que tem o valor positivo de nos preparar para o desconhecido — e do nosso para-excitações (*Reizschutz*) (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 66)

Portanto, a neurose de guerra é caracterizada por uma ruptura do para-excitações que leva o paciente a reações primitivas. Nos sonhos dos neuróticos de guerra se repetem imagens do trauma antes presenciado factualmente, é como se tentasse fazer uma reparação da situação de fracasso que possibilitou o trauma e o sentimento de desamparo se abate sobre o “indivíduo na situação do choque” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 67). É notório que para o autor de *O local da diferença*, fundamentado em Freud, reconheça que: “[a] fonte da situação traumática pode ser tanto uma excitação pulsional interna como vir de uma vivência externa” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 67). No entanto, o foco principal do trabalho se dará no âmbito da vivência externa que provocou a situação traumática, devido ao tema da dissertação se dá no contexto da segunda guerra mundial.

Seligmann-Silva destaca do trabalho de Bohleber outros teóricos²⁸ que desenvolveram sobre a teoria do trauma como Otto Fenichel em *O conceito de trauma na atual “teoria”*

²⁸ Far-se-á uma exposição nos próximos parágrafos destes teóricos do trauma que estão presentes no texto de Bohleber, discutido por Seligmann-Silva, pois mesmo não havendo um desenvolvimento da concepção de tais teóricos no em *O local da diferença* a teoria deles é fundamental para a amplitude do tema, o trauma.

psicanalítica das neuroses [Der Begriff 'Trauma' in der heutigen psychoanalytischen Neurosenlehre], Fenichel trata do trauma concebendo que, durante a infância, a angústia primária se situa como normal, pois a criança está exposta às agressões do meio em que vive, porém, a angústia secundária mostra uma função em que bloqueia as vivências de trauma é como se esta segunda angústia impedisse a reminiscência da situação traumática. Seligmann-Silva firma que em Fenichel: “os traumas fazem parte do desenvolvimento humano” (2005, p. 67). Neste contexto teórico, quanto mais intensa for a quantidade de energia psíquica for liberada pelo indivíduo para tentar controlar os recalques do passado, inversamente proporcional será a possibilidade de o ego fazer uma conexão de quantidades de excitação e assim o indivíduo estará mais exposto aos traumatismos.

Outro fato impactante da História, que serviu para o desenvolvimento da teoria do trauma, foram os sobreviventes de campos de concentração do Nazismo durante a Segunda Guerra Mundial, entre os quais o autor de *O local da diferença* destaca:

W. G. Niederland cunhou então o conceito de síndrome ‘de sobreviventes’. Para ele, o sobrevivente é caracterizado por uma situação crônica de angústia e depressão, marcada por distúrbios de sono, pesadelos recorrentes, apatia, problemas somáticos, anestesia afetiva, ‘automatização do ego’, incapacidade de verbalizar a experiência traumática, culpa por ter sobrevivido e um trabalho de trauma que não é concluído. Já H. Krystal descreve um estado catatônico que leva a um ‘robot-state’. Ele diagnosticou também uma cisão interna entre um eu que observa e outro que é abandonado, a saber, o corpo. De resto, podemos ver esta mesma cisão nos testemunhos em vídeos de sobreviventes de campos de concentração, que costumam referir-se a si mesmos na terceira pessoa. Não existe identificação entre o ‘eu fora do KZ’ (*Konzentrationslager*, o campo de concentração) com aquele eu que passou por tal vivência. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 68)

Portanto, cabe sintetizar que os pontos principais são a duração e intensidade que submeteram indivíduos ao terror; a melancolia provocada pela incapacidade dos pacientes lutarem contra o trauma; a incapacidade de se expressão e ação por meio de metáforas, estes sobreviventes sentem surgir psicicamente o terror vivido nos campos de concentração e eles não conseguem fazer a distinção entre realidade e fantasia, pois o trauma destruiu tal capacidade anímica; a neurose traumática provocada pelas reminiscências da cena de terror e o aspecto social em que os pais se negam a falar do trauma e as crianças recebem os fatos como se fossem uma ilusão, uma fantasia vivida de pai para filho. Veem-se as consequências patológicas provocadas pelo trauma pós-Holocausto e até onde tais consequências podem afetar o indivíduo que passou por situações de terror.

Outro ponto de reflexão que se vincula ao trauma é o testemunho dos sobreviventes de

campos de concentração. Sobre este tópico Seligmann-Silva destaca a posição de Dori Laub, “um dos responsáveis pelo arquivo Fortunoff de vídeos de sobreviventes da Universidade de Yale” (2005, p. 70). Mesmo tendo como obstáculo a dificuldade e as vezes a impossibilidade de se ter a narrativa da cena traumática causada durante os campos de concentração, há para Laub, segundo Seligmann-Silva, a necessidade desta “tradução testemunhal”. Os sobreviventes têm a necessidade de contar e conhecer sua História, porém, o trauma das cenas do passado impedem o testemunho do que foi vivido. O autor de *O local da diferença* expõe que: “Laub também destaca a impossibilidade de tradução total da experiência tanto em termos do pensamento como da memória e da linguagem” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 70). Seligmann-Silva expõe uma concepção laubniana que demonstra que o Holocausto não proporcionou testemunhas, não somente por estas terem sido alvo de eliminação nazista, tendo em vista que presenciaram os crimes do partido, mas a complexidade do Holocausto e até as dimensões de diâmetros “ilusórios” se se concebe que algo de proporção inacreditável foi vigente produziu um trauma de alta intensidade a ponto de impedir as vítimas de narrar suas vivências.

As condições desumanas, a vida banalizada, a exploração do trabalho etc. eram fatos que mesmo a História não foi capaz de produzir testemunhas, pois a perseguição nazista aos judeus e as atrocidades impostas a eles, causavam, na percepção e na memória dos que ali estavam presentes a impossibilidade de se acreditar que há testemunhas. Tais condições eram impensáveis aos expectadores do Holocausto. Alguns sobreviventes que se dispõem a testemunhar o terror do Holocausto diante das câmeras de vídeos fazem uma condução entre o “eu” e o “tu” solitário que está dentro dele, pois este é aquele que sofreu o trauma na experiência de campos de concentração e ele não quer se vincular diretamente às atrocidades antes presenciadas.

Cabe agora frisar a tipologia de testemunhos como os de discurso individual gravado na memória; os testemunhos de memória coletiva referentes a cenas públicas; os testemunhos jurídicos de tribunais e cortes sejam nacionais ou internacionais e o histórico. Sobre esta articulação, Seligmann-Silva fala sobre o trauma social causado por eventos de guerra que possibilitam o terror. O autor de *O local da diferença* expõe que o trauma social chega a ponto de atingir um país, ou seja, é um trauma coletivo de caráter cultural se considerar que as dimensões e os impactos patológicos do trauma impregnam toda uma nação, Seligmann-Silva expõe que:

No caso da Alemanha, Alexander e Margarete Mitscherlich diagnosticaram

nos anos 1960 um nível tal de recalçamento do passado e de negação da culpa que gerou um bloqueio no processo de luto. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 71)

Portanto, Seligmann-Silva coloca que, em Böhleber, a História configura-se “desrealizada” sendo negada e não narrada pelo seu próprio povo, com o intuito de se isentar do luto que viria pela realidade aceita do passado, deste modo:

A luta pela justiça nos tribunais, bem como no registro histórico, caminha paralela ao trabalho de luto/trauma das vítimas e da sociedade. O reconhecimento social da culpa ajuda a restabelecer o princípio de realidade e a capacidade de diferencia-la da fantasia. Por outro lado, é evidente que não devemos, indo no sentido contrário, projetar de modo indevido conceitos desenvolvidos na psicanálise sobre a abordagem jurídica e histórica, sem realizar as devidas mediações. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 71)

O autor de *O local da diferença* mostra que para Cohen a desorganização de traços mnemônicos da mente do indivíduo quando são enfraquecidos, caracterizam sintomas do trauma. Ocorre o registro na memória, porém o indivíduo é incapaz de representar as cenas do trauma. As cenas do trauma, sejam elas representadas, fragmentadas pela memória ou pela narrativa fragmentada trazem um teor de concretude e exatidão das imagens traumáticas. Seligmann-Silva posiciona-se favorável à teoria de Cohen, mesmo estando ciente de que alguns teóricos (o autor não demonstra quais são estes teóricos nem cita nenhum trabalho que venha a colocar este posicionamento contrário a Cohen) contestam a “exatidão” das imagens da cena do trauma. Este realismo correspondente da cena traumática, porém para o autor de *O local da diferença*, ocorre a crença no caráter literal das imagens do trauma.

Agora que já se tem uma noção geral da definição de trauma e choque, é cabível entender segundo a visão benjaminiana de Seligmann-Silva, como se configura na Literatura a realidade ficcionalizada, pois, a realidade moderna corresponde a uma experiência traumática que passa o homem. Tal experiência do trauma é como já se diagnosticou, provocada pelos eventos de terror que o homem do século XX presenciou como duas guerras mundiais, campos de concentração nazista, regimes ditatoriais etc. estes eventos de terror tem como consequência “sequelas patológicas” no homem do século XX. O contexto histórico que aponta para uma realidade social marcada pelo terror traça as “fatias” de realidade que serão ficcionalizadas pela Literatura e nesta se refletirá o trauma, o choque e o testemunho. Para se compreender este teor de realidade refletido na Literatura, é necessário que previamente se considere o que Seligmann-Silva define sucintamente por Literatura.

O teórico do testemunho inicia sua discussão perguntando: “qual o papel da literatura

nesse contexto”? (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 74) É sabido que não há uma maneira de definição cabal para a Literatura, não se pode conceituá-la por definitivo, mas é possível fazer uma delimitação do que esta trata ou vem a ser. A Literatura para Seligmann-Silva, caracteriza-se negando os limites. Os limites, para o autor, são os aspectos que “separam” a realidade da ficção, pois a Literatura é uma recriação da realidade, portanto, ela a encena. O poder da Literatura de encenar a realidade possibilita que qualquer contexto histórico, social, cultural etc. seja encenado na ficção literária. Portanto, é exatamente este poder que permite que na literatura do século XX (cita-se este exemplo devido foco ser o século XX) contenha elementos reais como trauma, choque e testemunho ficcionalizados. É neste contexto teórico que Seligmann-Silva considera que:

A literatura está na vanguarda da linguagem: ela nos ensina a jogar com o simbólico, com as suas fraquezas e artimanhas. Ela é *marcada* pelo “real” — e busca caminhos que levem a ele, procura estabelecer vasos comunicantes com ele. Ela nos fala da vida e da morte que está no seu centro — vide Blanchot... —, de um visível que não percebemos no nosso estado de vigília e de constante *Angst* (angústia), diante do pavor do contato com as catástrofes externas e internas (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 74)

Concordando em parte, com Benjamin, Seligmann-Silva aceita que, o século XX sofreu os abalos da História, pois a reprodutibilidade técnica (*technischen Reproduzierbarkeit*) assim denominada pelo filósofo alemão fez uma ruptura com a tradição fazendo com que a oralidade e a gestualidade deixassem de ser transmitidas. Este caráter material da tradição corresponde à materialidade por meio do que a obra pode dar seu testemunho (*Zeugenschaft*). Porém, o teórico do testemunho admite que a Literatura não somente carrega sua capacidade de testemunhar por meio de sua materialidade, como coloca Benjamin, mas, pelo uso da linguagem que ela pode manejar a realidade, os conceitos, o simbólico, a imaginação etc. Seligmann-Silva considera que há um teor de testemunho na obra da Literatura mesmo na era da reprodutibilidade técnica, ou ainda mais, há uma nova era “pós-reprodutibilidade técnica” que o teórico afirma, denominando de “era da síntese de imagens” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 76), pois esta diz respeito às mídias da tecnologia que assim, como a Literatura, embora, de forma obviamente diferenciada também podem “dar” o testemunho.

Porém, se após a era da reprodutibilidade técnica denominada pelo teórico do testemunho de “era da síntese de imagens”, a Literatura já não é mais capaz de testemunhar o passado distante da tradição, ou seja, oralidade e gestualidade. No entanto, a contemporaneidade não lhe tirou a capacidade de testemunhar pelo menos o presente. Este presente é o presente o século XX marcado pelo trauma. Para Seligmann-Silva: “cabe a nós

aprendermos a ler esse teor testemunhal: assim como aprendemos que os sobreviventes necessitam de um interlocutor para seus testemunhos.” (2005, p. 77) a relação que a Literatura mantém com a História do século XX, permite que a arte literária leia e reescreva a História através do testemunho. Este contexto histórico permitiu o desenvolvimento de um gênero, a Literatura de testemunho. Na América hispânica este gênero, desde os anos 50, é praticado e teorizado existindo até o (*Premio da Casa de las Culturas de las Americas*) referente a Literatura de testemunho. Também é possível encontrar testemunhos publicados de sobreviventes do Holocausto e de descendentes de uma segunda geração deste evento. Pois estes, sobreviventes e a segunda geração se tornaram escritores e testemunharam em suas obras sobre este evento de terror causador de reflexões na Literatura, Sociologia, Filosofia etc.

Tendo em vista a necessidade de classificar os tipos de testemunho, vem-se a denominar de “testemunho direto” o que Seligmann-Silva coloca a respeito das narrativas literárias dos sobreviventes de campos de concentração. O autor de *O local da diferença* dá como exemplo a obra de Primo Levi, *É isto um homem?* (1947), pois, este livro trata do testemunho de seu autor que é um sobrevivente de campos de concentração nazista. Para o teórico da Literatura, a obra de Levi representa a necessidade de narrar a experiência traumática de um evento de terror e o testemunho só foi possível devido a experiência que Levi passou, ou seja, a obra tem em sua raiz mais profunda o choque traumático de atentado contra a vida em dimensões inacreditáveis. O teórico afirma que Levi reconhece a incapacidade da língua de narrar a experiência no campo de concentração, é como se a língua não tivesse recursos ou força suficiente para narrar toda a catástrofe experimentada contra o humano, em outras palavras, não sendo possível descrever totalmente o vivido nos campos de concentração a saída para a libertação das imagens traumáticas é a necessidade do testemunho. Este tipo de testemunho tem por objetivo colocar para fora o que está cercado na memória, o que foi vivido pelo sobrevivente.

No entanto, continuando a classificar o testemunho, denomina-se por “testemunho indireto”, este que é relatado por quem não experimentou o terror nos campos de concentração como Paul Celan, Ida Fink, Jean Améry etc. Porém se vê que mesmo de forma diferente, pois o testemunho não é feito por sobreviventes do evento traumático, a Literatura não os impediu de testemunhar. O autor de *O local da diferença* acredita que o testemunho adquire uma nova configuração no século passado admitindo que:

É evidente, como já afirmamos acima, que toda literatura tem seu teor testemunhal: esse teor ganhou uma nova dimensão de século XX, e a consciência teórica desse fato deu-se — como é comum na história da Teoria

Literária — tardiamente. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 78)

Já classificados os dois tipos de narrativa do testemunho, vem-se a tocar em um traço comum dos sobreviventes de campos de concentração. Estas vítimas do trabalho forçado, do autoritarismo, do risco de morte etc. que não vieram a falecer nas câmaras de gás pela sorte ou outra eventualidade qualquer sem explicação lógica, são testemunhas que têm a consciência da limitação narrativa de sua experiência com o absurdo. Estes sobreviventes viveram a iminência da morte, experimentaram um excesso de realidade em “dimensões” quase que irreais. Seligmann-Silva acha na Literatura um exemplo, através do Ulisses de *Odisseia* para fazer referência aos sobreviventes. Estes presenciaram e sentiram na pele assim como Ulisses, o “inferno”. Porém, para os que não faleceram nos campos de concentração são pessoas reais que, padeceram o inferno real, o campo de concentração, Seligmann-Silva explica que: “[a] impossibilidade de narração advém do ‘excesso’ de realidade com o qual os sobreviventes haviam se defrontado.” (2005, p. 79) Estas características da narrativa em questão deixam claro que:

O testemunho não deve ser confundido nem com o gênero autobiográfico nem com a historiografia — ele apresenta uma outra voz, um ‘canto (ou lamento) paralelo’, que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79)

Portanto, a teoria de Seligmann-Silva define em traços gerais que:

A literatura do testemunho apresenta um modo totalmente diverso de se relacionar com o passado. A sua tese central afirma a necessidade de se partir de um determinado *presente* para a elaboração do testemunho. A concepção linear do tempo é substituída por uma concepção topográfica: a memória é concebida como um local de construção de uma cartografia, sendo que nesse modelo diversos pontos no mapa mnemônico entrecruzam-se, como em um campo arqueológico ou em um hipertexto. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79)

O foco agora gira em torno do testemunho (*Zeugnis*) na Alemanha, pois neste país surgiram os eventos, *Shoah* e Segunda Guerra Mundial. Estes eventos refletem em seus sobreviventes a memória do choque que resulta no trauma. Sobre este viés o testemunho na Alemanha é abordado pela Psicanálise, História da memória e Teoria da Literatura. Sobre a noção de catástrofe como já foi esclarecido antes, é uma noção comum usada no dia-dia e livre de conceituação filosófica. Do mesmo modo se dá a possível relação com o gênero trágico que, não será desenvolvido por não haver uma necessária relação com o trágico clássico discutido por Aristóteles em *A Poética* e nem com o gênero trágico do século XVIII.

Cabe frisar que a discussão do testemunho na Alemanha será dada em sua maior parte e mais especificamente em torno da *Shoah* do que da Segunda Guerra Mundial.

Pode-se, traçar neste momento do texto os pressupostos centrais sobre o discurso do testemunho na Alemanha:

Começando pelo Holocausto, Seligmann-Silva data que desde 1980 a teoria do testemunho classifica este evento como o principal causa do testemunho, pois a singularidade do evento caracterizado por sua catástrofe de proporções incomparáveis com qualquer outro evento já experimentado faz deste, único. Porém é notório que a discussão não pode ser levada por números, se se considera as vidas sucumbidas. Mas, deve-se levar pela qualidade catastrófica imposta ao homem não somente tendo como consequência lesões físicas e morte como se sabe, e, também sequelas psíquicas a ponto de reduzir o discurso de experiência com o Holocausto. Por isso: “[a] intensidade do evento deixa marcas profundas nos sobreviventes e seus contemporâneos, que impedem um relacionamento com eles de modo ‘frio’, ‘sem interesse’”. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 83)

O segundo ponto é a “*pessoa que testemunha*”. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 84) A psicanálise de Freud considera o indivíduo, o elemento chave na concepção do trauma. Esta concepção fica clara quando o que está em jogo é a incapacidade de tornar simbólica a realidade traumática vivida pelo sobrevivente dos campos de concentração. O autor de *O local da diferença* define por “testemunha primária”, os sobreviventes do Holocausto, no entanto, Seligmann-Silva aponta que alguns autores (não explicitados) noções vindas de estudos das obras de “testemunhas primárias” para aplicar as obras de testemunhas secundárias. Sobreviver a uma catástrofe como foi a *Shoah* configura um indivíduo que não sucumbiu a morte, porém, não consegue lidar com a experiência vivida por conta da patologia adquirida, o trauma; consiste o elemento subjetivo e a ‘dimensão’ que a catástrofe configurou o elemento objetivo.

O terceiro tópico é o da literalização e da fragmentação, ambos são marcados um impasse causado pela oralidade e escrita, no entanto, o autor de *O local da diferença* não desenvolve os aspectos pertinentes a esta tensão. O primeiro conceito consiste na incapacidade dos sobreviventes expressarem o terror vivido, seja por imagens ou metáforas. É correto também pensar a literalização do testemunho aos moldes da psicanálise, pois o sobrevivente é marcado por imagens do momento do choque que provocou o trauma. Estas imagens reaparecem de modo involuntário e variável caracterizando um aparecimento de imagens de forma involuntária. Quanto a fragmentação, Seligmann-Silva coloca que esta é compatível com o primeiro conceito colocado neste parágrafo, pois as imagens do trauma não

se organizam em sequências como uma cadeia na memória. E se as imagens se configuram de forma desorganizada, marcam uma incapacidade de “tradução” do trauma como na literalização. Porém, Seligmann-Silva expõe que a psicanálise, do ponto de vista terapêutico de Abraham e Torok, reconhece que nestes laços de memória estão encapsulados: “[o] testemunho também é um momento de tentativa de reunir os fragmentos dando um nexos e um *contexto* aos mesmos.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 85).

O quarto tópico é a cena, esta é comparada pelo autor de *O local da diferença* com um tribunal em que o testemunho se configura como uma espécie de justiça histórica. Sobre esta linha a História utiliza o testemunho como documento sendo uma maneira de estudar desta ciência; logo, pela via da História tem uma análise da “macroestrutura” do testemunho, ou seja, uma perspectiva mais geral englobando indivíduos, locais, situações etc.. No sobrevivente, a segunda cena é mais caracterizada como individual, pois o testemunho do sobrevivente é segundo Seligmann-Silva, em uma concepção freudiana, uma perlaboração [*durcharbeiten*], uma transmutação em direção ao passado ao ponto em que o choque causou o trauma e:

Entre o subjetivo e o registro universal do histórico, encontramos ainda a função da *Shoah* como um evento catastrófico que é lido dentro da tradição judaica da história como catástrofe e como momento de ‘recolhimento de Deus’. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 85)

Portanto, este evento tem para os Judeus uma importância em que eles constroem sua identidade e memória coletiva levando em consideração a *Shoah*, é como se esta tivesse o poder de “aglutinação” dos Judeus. Este povo faz sua identificação, tendo como referência o terror, a morte, o trabalho forçado etc. como se nunca tivessem se livrado de uma perseguição iniciada no Holocausto e não findada.

Por último, tem-se a Literatura de testemunho. Levando para o contexto da língua alemã, pois este é um dos objetivos mais específicos aqui, já se teve conceituação para a teoria como Literatura do Holocausto (*Holocaust-Literatur*) anteriormente ao conceito Literatura de Testemunho (*Zeugnisliteratur*). Percebe-se a vinculação que esta teoria tem com o Holocausto, pois como já foi constatado houve mudanças após a *Shoah* nas esferas artística, filosófica, social, estética, histórica, antropológica, literária etc.. Para Seligmann-Silva, autores como Aleida Assmann, Sigrid Weigel, Harald Weinrich etc. não se focaram em definir estritamente conceito de Literatura de Testemunho. O que está em questão é o teor de testemunho, a presença do testemunho ou o conceito que, é vigente nas obras dos sobreviventes ou de outros autores, pois, estes se direcionaram à produção de obras que

contêm o elemento histórico das catástrofes do século XX, como a Segunda Guerra Mundial e a *Shoah*.

Traçaram-se até aqui as linhas mestras do texto *O local da diferença*. Viu-se como são definidos os choque e trauma respaldados em uma concepção da psicanálise utilizada por Seligmann-Silva. Bem como o contexto histórico do século XX marcado por eventos catastróficos a ponto de causarem novos direcionamentos para diferentes áreas da Ciência, Arte, Filosofia etc. foram discutidos também o testemunho do ponto de vista histórico, psicanalítico, literário etc.. Porém, o que mais impressiona na teoria do autor brasileiro é a comprovação: de que mesmo a pior das catástrofes que venha a cair sobre o homem, a arte, ou mais especificamente a produção artística, mesmo sofrendo mudanças ela não pode ser exterminada. Pois, eventos de dimensões inacreditáveis como o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial em que o grau de realidade do caos é tão intenso, não impossibilitou uma produção artística sobre tal brutalidade contra o homem.

2. LEITURAS CRÍTICAS DAS CRÔNICAS ROSIANAS DE GUERRA

O diabo não há! É o que eu digo, se fôr... Existe é homem humano. Travessia.

(Guimarães Rosa)²⁹

2.1. Embate entre as crônicas rosianas e *Ser e Verdade*

É proposto agora fazer uma leitura das crônicas “O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos” presentes em *Ave, palavra*, de João Guimarães Rosa, a partir da premissa de noções filosóficas da obra *Ser e Verdade* exposta no subcapítulo teórico da dissertação e de elementos do Nazismo hitleriano presentes nas crônicas rosianas. Iniciar por esta premissa que se coloca neste parágrafo, faz-se possível mediante o contexto histórico, político, social etc. presente nas crônicas rosianas, pois os textos se dão durante o período da Segunda Guerra Mundial e Guimarães Rosa narra os acontecimentos da guerra na Europa. No entanto, o narrador fará uma oposição ao que foi proposto por Heidegger e as consequências que a doutrina de Hitler provocou. Há obviamente uma dupla negação, pois as crônicas negam o Nazismo de Hitler por um lado e os fundamentos filosóficos heideggerianos por outro.

“O mau humor de Wotan” é uma crônica em que o autor pode demonstrar a opinião pública variada sobre o Nazismo e suas consequências, pois, se, de um lado, há o narrador, que é contra o regime Nacional Socialista representando a oposição, mesmo não sendo alemão, ele está na Alemanha e sofreu com o regime nazista; tem-se Márion Madsen, que é aparentemente adepta do partido alemão por prudência e por último Hans-Helmut Heubel que se destaca como o cidadão alemão que, mesmo contra o partido alemão não quer vivenciar a derrota de seu país. No entanto, o foco se dá em torno de como Guimarães Rosa faz um diálogo com a antiguidade grega e por meio deste, expressa sua visão sobre o partido hitleriano e suas consequências. Viu-se que a crônica rosiana abrange três posições divergentes entre o narrador e casal de alemãs Márion e Heubel. Porém é importante destacar que a argumentação, neste momento, sobre a opinião que se tem do regime nazista é exatamente em relação aos fatos ocorridos como consequências do partido, ou seja, será tratado o impacto que a política hitleriana causou e como esta é colocada na obra do escritor mineiro, pois:

²⁹ ROSA, 1956, p. 594.

Ora estronda a guerra, para lá do Danúbio: bombas massacram Belgrado. “... *Prinz Eugen, der edle Ritter...*” — clangoram históricas fanfarras, altofalando os sucessos especiais. Tratemos de Heráclito, de Sófocles — arreondeia a *swastika* sobre Himeto, Olimpo e Parnasso — detém ninguém o correr dos carros couraçados. Vem os soldados cruzam-se com o regresso de andorinhas e cegonhas. Já se combatia em Creta. Mas, sob canhões e aviões, o incerto velho oceano, roxo mar dos deuses, talassava, talassava... (ROSA, 1970, p. 9-10) [aspas e itálico do autor]

Todavia, Guimarães Rosa oferece neste trecho uma imagem que revela acontecimentos da guerra onde, por exemplo, está exposto o avanço do exército alemão, pois, para além do rio Danúbio que corta países da Europa como Alemanha, Hungria, Áustria etc. “bombas massacram Belgrado”, a capital da Sérvia. E a cultura alemã é cultivada, exaltada, divulgada, pois, tem-se. *Canção do povo da tempestade de Belgrado em 1717 [Volkslied auf den Sturm auf Belgrad 1717]*, cantada e difundida. A canção fala sobre o príncipe francês, François-Eugène que, foi para a Áustria desenvolver suas atividades militares e lutar pelo exército deste país, chegando a ser condecorado marechal [*Feldmarschall*]. Porém, se se propagam as histórias ou, mas, especificamente a História do príncipe Eugénis, é notoriamente por Hitler ser austríaco e a cultura da Áustria está ligada à alemã como o idioma, por exemplo, já que ambos possuem o alemão como língua materna. Outro fato curioso é que um cruzador, espécie de navio de guerra, da Marinha de Guerra [*Kriegsmarine*] alemã foi batizado de Príncipe Eugénis. Veja-se a canção:

Príncipe Eugénis, o cavaleiro nobre,/ Quer guerrear novamente para o Kaiser/ na cidade e fortaleza Belgrado./ Ele permitiu açoitar uma ponte/ que se pôde sobre solavancar/ com o exército bem diante da cidade.// quando as pontes foram açoitadas,/ se pode com fragmento e carro/ passar livre no rio Danúbio,/ em Zemun se venceu o acampamento/ escorraçando todos os turcos/ em escárnio e em amargura. // No recém vigésimo primeiro agosto/ veio um espião na tempestade e chuva/ jurando ao Príncipe e mostrando a ele/ que os turcos o castigaram / o tanto quanto se pode sentir/ uns trezentos mil homens.// como príncipe Eugénis ouviu isso,/ ele permitiu se unir identicamente,/ sendo General e Marechal./ ele faria a boa instrução de/ como se deve orientar as tropas/ e o inimigo bem atacar.// na parola ele faria o comando/ que se deve enumerar os doze/ na hora da meia noite./ todos aqui devem montar a cavalo,/ com tricórnio para os inimigos/ apenas o que tivesse força para o combate.// todos montaram igualmente aos cavalos,/ todos atacaram com sua espada,/ completamente silenciosos se movem no tombadilho./ Os mosqueteiros assim como também os cavaleiros/ em todas ações de combatentes corajosos:/ Isso era verdadeiramente um belo baile!// militares trincheiravam,/ brincavam neste baile/ com grandes e pequenos canhões;/ com grandes e pequenos/ para os turcos e pagãos/ que todos dali marchavam!// Príncipe Eugénis com o direito/ de agir digladiava como um leão,/ Como General e Marechal/ príncipe Ludewig cavalgava para cima e para baixo/ defendendo bravamente seus irmãos alemães,/ atacando resolutamente apenas o inimigo!// Príncipe Ledewig deve renunciar/ seu

espírito e vida jovial,/ Desde quando o chumbo foi encontrado na enfermaria./ Príncipe Eugen estava muito entristecido,/ porque, ele amava-lhe em demasia,/ Permitiu-lhe acompanhar para Petrovaradin.// (autor desconhecido) [tradução nossa]³⁰

Portanto, os argumentos desta exposição configuram afinidades culturais entre Áustria e Alemanha. Foi na Monarquia de Habsburgo, que se iniciou em 1745 e originou o Império Austro-Húngaro findado em 1918, com a Primeira Guerra Mundial. A canção mostra os feitos heroicos de Príncipe Eugénis, que era bravo com um leão e por justiça lutava sem temer a morte contra os inimigos turcos e pagãos. Desta forma, se configura um militar exemplar que servia ao *Kaiser* e a sua nação, assim, se constitui a nobreza para além do conforto e segurança do reino arriscando a própria vida em prol do povo. Retomar esta canção, em pleno período nazista, soa como uma maneira de divulgar e incentivar o povo à bravura do combate pela sua nação e mostra a raiz cultural bélica e militar alemã, porém, não simplesmente uma cultura de guerra, mas, de vitórias nas guerras. É curioso que os acontecimentos da canção são em Belgrado e Guimarães Rosa ilegítima a reivindicação deste território pelos alemães, o cronista reconhece como certos elementos cultura alemã tem suas origens na barbárie. É importante entender que na crônica rosiana está exposto como estas Histórias heroicas eram divulgadas para a população alemã.

No entanto, aqui se tem como o escritor mineiro expõe sua visão sobre as origens culturais bélicas e militares dos alemães. Assim, pode-se esclarecer como Guimarães Rosa vê o Nacional Socialismo, pois o cronista mostra uma imagem que estampa o valor militar para o povo germânico, isto, acontece quando, ao explorar as histórias do Príncipe Eugénis, fica a mensagem subliminar que: se até mesmo um membro da nobreza se tornou um militar, combateu pela nação alemã ficando eternizado na História por seus feitos heroicos, como

³⁰ Em alemão: “Prinz Eugenius, der edle Ritter,/ Wollt' dem Kaiser wied'rum kriegen/ Stadt und Festung Belgarad./ Er ließ schlagen einen Brücken,/ Daß man kunnt' hinüberraucken/ Mit'r Armee wohl vor die Stadt.// Als der Brücken war geschlagen,/ Daß man kunnt' mit Stuck und Wagen/ Frei passiern den Donaufluß,/ Bei Semlin schlug man das Lager,/ Alle Türken zu verjagen,/ Ihn'n zum Spott und zum Verdruß.// Am einundzwanzigsten August soeben/Kam ein Spion bei Sturm und Regen,/ Schwur's dem Prinzen und zeigt's ihm an,/ Daß die Türken futragieren,/ So viel, als man kunnt' verspüren,/ An die dreimalhunderttausend Mann.// Als Prinz Eugenius dies vernommen,Ließ er gleich zusammenkommen/ Sein' Gen'ral und Feldmarschall./ Er tät sie recht instruieren,/ Wie man sollt' die Truppen führen/ Und den Feind recht greifen an.// Bei der Parol' tät er befehlen,/ Daß man sollt' die Zwölfe zählen./Bei der Uhr um Mitternacht./ Da sollt' all's zu Pferd aufsitzen,/ Mit dem Feinde zu scharmützen,/ Was zum Streit nur hätte Kraft.//Alles saß auch gleich zu Pferde,/ Jeder griff nach seinem Schwerte,/ Ganz still rückt' man aus der Schanz'./ Die Musketier' wie auch die Reiter/ Täten alle tapfer streiten:/ 's war fürwahr ein schöner Tanz.// Ihr Konstabler auf der Schanzen,/ Spielet auf zu diesem Tanzen/ Mit Kartaunen groß und klein;/ Mit den großen, mit den kleinen/Auf die Türken auf die Heiden,/ Daß sie laufen all' davon!//Prinz Eugenius auf der Rechten/ Tät als wie ein Löwe fechten,/ Als Gen'ral und Feldmarschall./ Prinz Ludwig ritt auf und nieder'./ Halt't euch brav, ihr deutschen Brüder,/ Greift den Feind nur herzhaf an!// Prinz Ludwig, der muß't aufgeben/ Seinen Geist und junges Leben,/ Ward getroffen von dem Blei./ Prinz Eugen war sehr betrübet,/ Weil er ihn so sehr geliebet,/ Ließ ihn bring'n nach Peterwardein.//” (autor desconhecido, <http://ingeb.org/Lieder/prinzeug.html> retirado às 02:26 12/06/13.)

pode qualquer um cidadão que seja não querer lutar pelo seu país? É indispensável saber como a crônica rosiana vê a propagação da cultura alemã e quais são as suas raízes, pois, isto vai bater de frente com a noção de origem grega do povo alemão, que Heidegger expõe como base ideológica para o Nazismo, que será discutido a seguir. Bem como o escritor mineiro concebe as consequências que a valorização da cultura germânica pela política nazista foi capaz de provocar impactos terríveis da guerra.

Após descrever o terror nazista Guimarães Rosa clama por Filosofia e Literatura por meio de metáforas do nome do pensador “Heráclito”³¹ (c. 535 a.C. — c. 475 a.C.) e do dramaturgo “Sófocles” (c. 496 a.C. — c. 405 a.C.). A chamada pela Filosofia e Literatura é para o narrador, um meio de expressar a ausência civilizatória causada pelas consequências bárbaras do Nazismo, é como se para o escritor mineiro, faltasse cultura, conhecimento, arte etc. no Nacional Socialismo o que, acarretaria obviamente efeitos “insanos”. O modelo de “formação do homem” ocidental criado no antigo mundo grego em que a humanidade aprendeu a questionar por meio da Filosofia indo além do senso comum e criar e apreciar a Arte, mais especificamente a Literatura que fala o que o homem é, fazem-se ausentes na prática nazista. O avanço do exército nacional socialista em um ato simbólico demonstra seu poder hasteando a bandeira com a suástica no Himeto, Olimpo e Parnasso gregos, mostrando sua força de conquista territorial. O narrador reconhece o poderio bélico dos tanques do exército alemão como “carros couraçados” que não podem ser detidos, porém a presença do Nazismo no maior centro de cultura do ocidente não enriquece o Nacional Socialismo. Veja-se uma imagem real que serve como referência para ficção rosiana:



Bundesarchiv - Bild 1011-105-0419-19A
Foto: Bauer | Mai 1941

³¹ Faz-se uma explanação rápida para dar sequência ao texto, porém, adiante será tratado sobre a concepção do filósofo grego. A mesma vale para Heráclito, no texto, para Sófocles, por uma questão sistemática.

A imagem real, ficcionada na crônica rosiana, remete obviamente a invasão nazista na Grécia. Porém, a valorização da antiga cultura greco-romana feita pelo Nazismo como a disciplina, militarismo, política etc. também foram argumentos utilizados por Heidegger para fundamentar sua proposta nacional socialista. Guimarães Rosa não reconhece como legítimos os traços culturais gregos, sejam com a argumentação alegada pelo filósofo alemão ou o que foi colocado por Hitler, pois, para o escritor mineiro que vivenciou o terror no Nacional Socialismo e a guerra, a presença do exército alemão na Grécia não é legítima. Na crônica rosiana, o pensador grego Heráclito representa a Filosofia. Werner Jaeger em *Paidéia: a formação do homem grego* [*Paideia: Die Formung des griechischen Menschen*] define o pensamento do filósofo grego da seguinte forma:

A imagem total da realidade, o cosmos, a incessante subida e descida da geração e destruição à fonte primitiva inesgotável de que tudo brota e a que tudo regressa, o curso circular das formas em continua transformação, que constantemente percorre o Ser: tudo isso constitui, em linhas gerais, a base mais sólida do seu pensamento. (JAEGER, 2001, p. 223)

Jaeger coloca que, para Heráclito, o cosmo atua sobre o Ser do homem, ou seja, as ações humanas assim como as palavras são regidas por uma força superior, no entanto, os homens, em sua maioria, não têm essa noção, que o cosmos os rege perante suas atitudes. Há este poder mais alto que atuante. É como se o filósofo grego dissesse que os homens são como uma espécie de “utensílio” e o cosmos os instrumentaliza. Deve ficar claro que, para Heráclito, o cosmo é um acontecimento que causa um efeito sobre o homem. Há uma luta eterna que sempre está acontecendo, uma luta entre o Ser e o devir. Jaeger afirma que há algo de muito complexo no pensamento heraclítico, pois há uma questão que se torna de difícil compreensão que é saber como o homem pode se impor diante desta luta entre o Ser e o devir. Então, cabe agora ao homem a tarefa de conhecer o mundo além desta intuição sensível, ele pode conhecer um mundo novo. O filósofo grego reconhece o *logos* como o conhecimento em que nasce simultaneamente a palavra e ação humana, porém, há dois tipos de homem: os que compreendem o *logos* e agem “acordados” e os que não conhecem e agem “dormindo”. Os homens que agem “dormindo” não são como sonâmbulos, mas não compreendem o mundo simplesmente o empreendendo.

O *logos* de Heráclito dá aos homens uma nova vida, um saber que lhe permite compreender o próprio *logos* que se determina por meio de imagens. O filósofo grego oferece a possibilidade dos homens poderem conhecer a si mesmos e despertar de seu “sono” que os impedem de compreender o mundo além desta intuição sensível comum em que o homem

apenas empreende. A compreensão do *logos* muda o agir humano, fazendo com o homem possa agir para além da aparência mundana. Para os “acordados” há sempre um mesmo cosmos idêntico e unitário, pois estes homens são capazes de compreender o confronto entre o Ser e o devir, a “verdadeira” realidade. Porém, os homens “adormecidos” tem seu próprio mundo, um mundo de sonhos vividos por eles, por não conseguirem ir além da realidade sensível. O homem para Heráclito não é só simplesmente vida, é também constituído como o Ser cósmico e cabe a ele seguir as normas e leis deste cosmos.

O filósofo de Éfeso propõe uma noção de seu pensamento denominada doutrina dos contrários. Esta concepção consiste em uma constante guerra em que a natureza sempre está travando, pois, o quente esfria, o úmido seca, a noite amanhece etc. Segundo Gerd Bornheim (1920-2002), em *Os filósofos pré-socráticos* ao discutir sobre Heráclito expõe que: “o movimento determina toda a harmonia do mundo.” (1998, p. 43) Este movimento é o processo em que as coisas estão constantemente se opondo e esta oposição causa a harmonia do mundo. A visão engana e a crença na condição estática das coisas é ilusão, pois, tudo flui e tudo está em movimento continuo na natureza. Mesmo o homem não pode escapar do devir natural, pois: “Para dentro dos mesmos rios descemos e não descemos; somos e não somos.”³² (HERÁCLITO in BERGE, 1969, frag. 49 a. p. 259). Esta é uma lei natural que o homem deve seguir e que a doutrina dos contrários ensina-o a seguir. A doutrina heraclítica pode ser seguida através das palavras e ações humanas. O saber desta doutrina eleva o homem para além de uma inteligência comum em que eles habitualmente concebem, ou seja, dominar a doutrina dos contrários é um saber cósmico superior à inteligência dos que não podem compreender além do mundo sensível.

As consequências destrutivas como o bombardeio em cidades, a aniquilação de outras culturas causada pela exaltação da cultura alemã, a morte de humanos etc. são resultados da Política e ideologia nacional socialista. É notória a mudança que ocorre entre pessoas, lugares, culturas etc. A estas causas aterrorizantes, “O mau humor de Wotan” assume através de uma caracterização teórica buscada na Filosofia, um meio de contrariar a ideologia do Nazismo. Esta forma de oposição proposta pelo narrador, não é como se pode perceber, uma medida prática, radical ou muito menos um meio de se opor à violência ou à ideologia nazista utilizando de outras formas de violência prática. Ao citar Heráclito, Guimarães Rosa expõe uma Filosofia em que como foi explicado acima, admite uma doutrina dos contrários, uma mudança, um movimento. O devir sempre está atuando, pois tudo flui constantemente. Esta é

³² Em grego: ποταμοῖς τοῖς αὐτοῖς ἐμβαίνομέν τε καὶ οὐκ ἐμβαίνομεν, εἶμέν τε καὶ οὐκ εἶμεν. (HERÁCLITO in BERGE, 1969, frag. 49 a. p. 258).

a verdadeira mudança fundamentada em bases filosóficas que são legítimas para o narrador, no entanto, uma transformação causada por medidas catastróficas e além do mais sem uma fundamentada ideologia não é legitimada na crônica rosiana, embora, seja algo possível na Filosofia heraclítica.

Foi explicitado que, para Heráclito, o conhecimento do *logos* em que nasce a linguagem e a ação humana, muda o agir e o homem passa a conhecer um mundo novo. Com este conhecimento o homem não está mais iludido pela falsa permanência que a experiência sensível permite empreender, sua ação e linguagem agora são de quem conhece o devir de todas as coisas. Porém, o Nazismo é para Guimarães Rosa, uma doutrina que para os homens que a seguem, os configura como aqueles que na concepção heraclítica não conhecem o movimento porque passam as coisas e mais ainda provocam mudanças aterrorizantes por sua ação e palavra, sem reconhecerem que, mesmo sem o agir humano tudo flui. A resposta da crônica rosiana ao Nacional Socialismo seria a seguinte: a ação nazista é desnecessária, pois, tudo sempre está fluindo. Os nazistas não conhecem a Filosofia, portanto, seu agir é como os dos homens que estão iludidos pela falsa permanência de tudo. O cosmos que é uma força superior idêntica e única para aqueles que conhecem o mundo além da experiência sensível comum, não é conhecido pelos nacionais socialistas, pois, estes agem sem um saber superior em que poderiam conhecer o “verdadeiro” mundo. E os nazistas não conhecem que o homem não é somente vida, e sim, também, um Ser cósmico, de quem ele próprio é um efeito desse cosmos que, lhe instrumentaliza.

Tem-se conhecimento de que o Nazismo foi apoiado por membros do povo que não aderiram ao partido simplesmente por temer seu autoritarismo, embora a crônica rosiana destaque estas opiniões internas de adesão condicional ao Nacional Socialismo. Obviamente houve cidadãos alemães que apoiaram o partido de Hitler, por serem de acordo com a proposta da doutrina nazista, caso contrário, o partido alemão não teria ganhado tanta força. Trata-se dessas opiniões públicas devido à necessidade de se remeter à noção heideggeriana clarificada no subcapítulo teórico da dissertação. A argumentação de Heidegger, em que ele coloca a preparação do povo para um novo princípio que será conquistado através da História transcendental, pois, este princípio, que aconteceu na antiguidade clássica não se sustenta de acordo com a obra rosiana. Em “O mau humor de Wotan” o que se tem não é o povo alemão encontrando orientação para ir a até a História em que aconteceu o encobrimento da Filosofia. Mas uma nítida separação entre a cultura grega e o povo germânico, pois, já que o exército nazista era constituído por cidadão na nação alemã, quando o narrador trata de Heráclito, ele distancia a Filosofia grega do povo germânico.

O distanciamento da Filosofia grega acontece quando Guimarães Rosa mostra um contraste entre as ações do exército nacional socialista e o pensamento de Heráclito. Independentemente das posições que foram presentes no Nacional Socialismo, o exército foi constituído por membros do povo e a barbárie violadora da integridade de cidades, culturas, famílias etc. esteve em vigor. No entanto, os militares alemães não se mostram como membros da nação que estão se preparando para um novo princípio, pois as consequências que eles causaram em combate foram aniquiladoras, comprovando um altíssimo teor não civilizatório, pois: “bombas massacram Belgrado” (ROSA, 1970, p. 9-10). Diante do massacre e da invasão no território grego, Guimarães Rosa oferece uma imagem em que as atitudes violentas nazistas são uma falta de cultura clássica e a presença da Alemanha na Grécia não enriquecerá o povo germânico. Pois, aos alemães falta pensamento clássico, Heráclito, Filosofia etc. e não uma presença física destruidora no território grego. A concepção rosiana contraria novamente a proposta de Heidegger colocada no subcapítulo sobre *Ser e Verdade* de uma preparação do povo para seu destino. Como foi tratado, para Guimarães Rosa, o que há entre os membros da comunidade alemã, não é uma condução que está começando para se ir até onde a Filosofia foi criada utilizando como meio a História para poder retomar a questão fundamental. O narrador não reconhece uma comunidade alemã que tem um destino transcendental em busca de sua Metafísica, mas, notoriamente uma ausência de elementos da origem filosófica quando Heráclito aparece na crônica. Assim a barbárie se instaurou, porque não na Alemanha um teor cultural clássico.

Dando continuidade aos autores da cultura grega mencionados em “O mau humor de Wotan” tratando-se de Sófocles, que representa a Literatura. É importante ressaltar que para os gregos a arte estava presente na vida pública e expressava questões relacionadas ao Espírito e Estado. A capacidade representativa do Drama, fez com que o gênero atingisse seu apogeu na Grécia clássica. Werner Jaeger explica que, em Sófocles, o tema da religiosidade aparece de uma forma inferior a Ésquilo, pois em Sófocles a mensagem religiosa tem menos vigor do que em Ésquilo (2001, p. 317). Não há necessidade de desenvolver uma discussão em torno da concepção do autor de *Prometeu acorrentado*, o autor citado unicamente para em comparação com Sófocles, poder se chegar aos caracteres que compõe a obra sofocliana com um todo. É fundamental agora ter ciência de quais são estes aspectos que compõem a obra sofocliana, pois, obviamente o drama do autor representará esta perspectiva. Sófocles abordou em suas obras como tentativa mais rigorosa de representar o humano em toda sua constituição de virtudes e fraquezas.

A proposta dramática do autor grego se caracterizava por reduzir ao máximo o teor

ficcional aproximando no que fosse possível a realidade da ficção. Dessa forma Sófocles expressa em sua obra, possíveis perspectivas da realidade social. Vale falar que não está no objetivo do desenvolvimento da concepção sofocliana exposta aqui, discutir a técnica utilizada pelo dramaturgo, pois o interesse reside em saber como a concepção do autor grego citado na crônica de guerra rosiana oferece uma conceituação de fundamental importância que se opõe ao Nazismo. O direcionamento dado no trabalho é, como já foi esclarecido, sobre a representação do humano feita por Sófocles. Jaeger expõe como em Sófocles a dinâmica da vida humana é representada com a máxima naturalidade, pois:

Talvez nada nos custe mais a compreender do que o enigma da sabedoria tranquila, simples, natural, com ele ergueu aquelas figuras humanas de carne e osso, repletas das paixões mais violentas e dos sentimentos mais ternos, de grandeza heroica e altiva e de autêntica humanidade, tão semelhantes a nós e ao mesmo tempo dotadas de tão alta nobreza. Nada nelas é artificial ou exorbitante. [...] Em Sófocles tudo se desenvolve sem violência, nas suas proporções naturais. A verdadeira monumentalidade é sempre simples e natural. (JAEGER, 2001, p. 318-319)

Portanto, em Sófocles, há um equilíbrio entre a ficção e a realidade, a naturalidade do drama do escritor, em sua obra, mostra uma compatibilidade entre o humano e a Literatura. Para manter este equilíbrio da representação humana, o dramaturgo não expõe em exagero nenhuma virtude ou fraqueza humanas que possam descaracterizar a natureza. Os homens da ficção sofocliana são homens da realidade cotidiana, logo, a estes não cabe suportar toda e qualquer forma de violência que ultrapasse os limites humanos. Castigos, punições, desgraças etc. que só um Deus poderia suportar. A virtude elevadíssima que configuraria um homem sem fraquezas ou a fraqueza extrema caracterizadora de um homem sem nenhuma virtude são exageros que a obra do literato grego não carrega. Então como se comporta o homem perante sua religiosidade na tragédia sofocliana? Mesmo sobre o peso da dor da vida e risco tão próximo da morte eternidade, coragem e serenidade são virtudes que compõe o homem representado por Sófocles, nesta articulação consiste a mensagem religiosa sofocliana, mesmo que, de uma maneira menos vigorosa ou explícita, composta por divindades, mundos do além, crenças, etc.

Contrariando o vigor da mensagem religiosa e a violência do drama grego como no caso de *Prometeu Acorrentado* (s. d.) em que o Deus Prometeu foi punido a ser preso com cravos, correntes e malhos, em um pico durante o dia águias vem devorar seu fígado e a noite ele é reconstituído para que no dia seguinte seja devorado novamente por incontáveis dias. O drama sofocliano é menos vigoroso em relação à mensagem religiosa e a violência de Ésquilo,

pois, “Sófocles tem uma piedade profundamente enraizada.” (JAEGER, 2001, p. 317) Esta piedade aparece em sua obra mais conhecida, *Édipo Rei* quando o coro pede pelo perdão de Creonte, pois Édipo desconfia de uma suposta conspiração de seu cunhado, no entanto, o pedido do coro é concedido pelo rei mostrando sua piedade:

Deixa-o partir, mesmo que eu me aniquile,/ que prove, envilecido, à força do exílio./ Da fala dele eu me apiedo, mas/ da tua. Onde ele vá, meu ódio o siga.// (SÓFOCLES, 2001, p. 69, v. 669-672)³³

Como já foi explicado sobre a sociedade grega, a arte era uma presença na vida pública. Ao tratar de Sófocles, o narrador da crônica de guerra expõe um contraste que mostra a Literatura como ausente na prática nazista. A vida pública alemã era carente de arte e, acima de tudo, de uma arte que expressasse questões pertinentes ao Espírito e ao Estado alemães. O drama grego sofoclano representava a Sociedade, o Estado, a cultura etc. em outras palavras, a arte do dramaturgo grego representava o homem com suas possíveis relações na vida. É nesta perspectiva da Literatura clássica que “O mau humor de Wotan” lida com o que é precário no Nacional Socialismo, a falta de cultura clássica. Pois, a aniquilação de cidades e a canção dedicada a príncipe Eugênio como propagação e imposição da cultura alemã são para Guimarães Rosa, desgraças impostas ao humano por homens de condutas bárbaras. O narrador da crônica de guerra para contrariar o sistema que envolve o Nazismo como nação, cultura, Estado etc. obviamente levando em consideração a doutrina do partido alemão utiliza uma forma de arte muito apreciada entre o povo que serve de modelo para civilização e cultura ocidental.

Ao contemplar justamente o homem em suas virtudes e fraquezas, a arte sofoclana constitui um exemplo que serviu entre os gregos antigos como uma forma de educação. Seja o exemplo da serenidade como virtude ou a covardia como fraqueza, nada em Sófocles aparece como exagero que poderia ir além do limite humano. É exatamente com este traço da concepção sofoclana de homem que o cronista mineiro contrasta o símbolo da suástica nazista e os tanques de guerra ficcionalizados (“carros couraçados”) com a cultura grega. Mesmo a presença física do símbolo nacional socialista e do exército alemão na Grécia é incapaz de atribuir um valor ou enriquecer a educação alemã. Tudo isto se deve ao exagero provocado pela ação nazista, pois, o Nacional Socialismo foi responsável por atitudes desumanas violadoras de vidas, nações, culturas etc. o abuso autoritário da doutrina de Hitler

³³ Em grego: “ὁ δ’ οὖν ἴτω, κεί χρῆ με παντελῶς θανεῖν / ἢ γῆς ἄτιμον τῆσδ’ ἀπωσθῆναι βίᾳ. / τὸ γὰρ σόν, οὐ τὸ τοῦδ’, ἐποικίρω στόμα / ἔλεινόν: οὗτος δ’ ἐνθ’ ἂν ἢ στρυγγεταί.” (SOPHOCLES, 1916. v. 1, p. 62.)

configura o absurdo da realidade que as dimensões de crueldade contra o homem configuram uma barbárie que o drama grego de Sófocles não seria capaz de ficcionalizar, não por incapacidade artística, mas, pelo exacerbado autoritarismo que não cabe ao homem.

Viu-se como Sófocles com monumentalidade ficcionalizou a naturalidade as proporções equilibradas do homem grego e como estas proporções se igualam seja na representação de uma virtude ou fraqueza. A este respeito do homem clássico em *Paidéia: a formação do homem grego* mostra como eles tinham um ideal de educação em que a arte, Filosofia, Política etc. faziam parte da vida dos cidadãos da antiguidade clássica de uma forma que os indivíduos não eram alienados. É exatamente este modelo de homem que Sófocles tirou da realidade para ficção. Não é sem intenção que surge na ficção rosiana uma chamada para a arte com o dramaturgo grego, pois, é este exemplo de homem clássico cuja educação é vigorosa e a sensibilidade à arte é viva que o narrador opõe a conduta abusiva nazista. “O mau humor de Wotan” expressa uma ideia de que a carência de educação e a insensibilidade artística dos membros do Nacional Socialismo configurados com condutas de terror, destruição, persuasão etc. não podem ser ficcionalizadas devido e excedida brutalidade em que: “detém ninguém o correr dos carros couraçados” (ROSA, 1970, p. 9-10) notoriamente conduzidos por nazistas.

A própria naturalidade que demonstra o homem sofocliano em proporções de equilíbrio sem exageros é uma forma contrária à violência que seria capaz de fazer algo se desenvolver de maneira desproporcional. Como não há nada de violento que venha a forçar a ação humana no drama sofocliano, esta é uma característica contrária à prática nazista. É nesta dimensão da Literatura falando do homem em suas proporções naturais que o narrador da crônica de guerra, opõe a ação violenta nacional socialista à arte grega. Nesta perspectiva o homem natural de carne e osso, ficcionado no drama sofocliano, é diferente do homem nazista cujo agir leva a consequências violentas. A violência que Guimarães Rosa alega não é somente física como a devastação de cidades e a morte de civis. Trata-se também de uma violência de imposição política onde: “arre ondeia a suástica sobre Himeto, Olimpo e Parnasso” (ROSA, 1970, p. 9-10). Esta violência humana nacional socialista afirmada pelo narrador é um exagero que ultrapassa a naturalidade humana e que é ao mesmo tempo um absurdo que o drama de Sófocles não representaria.

Outro elemento presente na tragédia sofocliana é a piedade. Em *Édipo Rei* como já mencionado neste parágrafo, o rei Édipo obviamente a maior autoridade de Tebas mesmo diante da desconfiança de conspiração de seu cunhado Creonte e com o poder para eliminar a abusasse de seu poder a ponto de punir seu parente. O pedido de não-punição vem de um

coreuta, um personagem que autoridade para interferir na decisão de um monarca. Este é o fato mais curioso, pois, acatando ao pedido do coreuta, Édipo mostra sua piedade. É justamente sem piedade que na crônica rosiana: “Já se combatia em Creta. Mas, sob canhões e aviões” (ROSA, 1970, p. 9-10). É sem a piedade expressada na arte grega que vidas eram banalizadas pelos combates nazistas da Segunda Guerra Mundial onde armas de alto poder de fogo como canhões e aviões de combate dizimavam pessoas. Talvez fosse tirado dos soldados e civis até a chance de implorar por piedade, pois, o poder bélico era capaz de atingir além de um alvo específico.

Como foi tratado no subcapítulo deste trabalho sobre *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*³⁴ se mostrou como Heidegger reconhece que, a questão fundamental foi iniciada na antiguidade grega, porém, entre os próprios gregos ela foi encoberta. A importância de retomar esta questão está intimamente vinculada com a herança que o ser-aí popular alemão recebeu do antigo povo grego que lhe deu origem. Viu-se como a crônica de Guimarães Rosa se opõe à concepção de Heidegger, pois, o narrador coloca que a Filosofia e a Literatura gregas não podem ser reconhecidas como criações humanas presentes na cultura alemã como foi defendido pelo discurso nazista. Como se disse no subcapítulo teórico sobre Heidegger, o ideal de ser-aí popular singular que Heidegger afirma que foi criado entre os gregos com seus grandes pensadores e poetas e o povo alemão descendem em língua e estirpe dos gregos e destes pensadores e poetas. E mais a questão fundamental da filosofia teve seu começo não desenvolvido, mas, começado entre os gregos antiquíssimos, os Pré-socráticos e os poetas antigos³⁵.

No entanto, Guimarães Rosa ilegítima a argumentação heideggeriana de forma precisa. Pois a crônica, ao tratar de Heráclito, filósofo pré-socrático, e Sófocles, poeta grego, faz referência à ausência de Filosofia e Literatura na Política, Sociedade, Cultura etc. alemães, portanto, o narrador aparta dos alemães a riqueza artística e questionadora do antigo mundo grego. Porém, Heidegger argumentaria que a concepção de Guimarães Rosa, em nada seria relevante, pois, não se trata de um membro do povo alemão, mas de um estrangeiro. Apesar do filósofo alemão não discutir sobre membros estrangeiros na sociedade alemã, pode-se afirmar que, para Heidegger o narrador da crônica não tem a mesma origem em língua e

³⁴ É optado por abreviar o título da obra no texto somente por *Ser e Verdade* devida a extensão do título.

As argumentações heideggerianas serão neste subcapítulo mais condensadas em relação ao que foi escrito sobre a obra de Heidegger em questão, pois no subcapítulo sobre *Ser e Verdade* já foram desenvolvidos as noções filosóficas que servirão de premissa para crítica feita agora.

³⁵ Heidegger não cita quais eram estes poetas gregos e no caso dos filósofos, se pode afirmar com segurança que o pensador alemão está se referindo aos pré-socráticos, pois os pensadores que primeiro questionaram pela questão forma os gregos que criaram a Filosofia. E além do mais a empreitada que encobriu a questão foi iniciado por Aristóteles.

estirpe herdada dos gregos, pois, trata-se de um sul-americano. E a missão político-espiritual do povo cabe unicamente aos alemães, portanto, o narrador da crônica de guerra estaria de fora da importância do momento histórico. Mas uma provável resposta de Guimarães Rosa, para o filósofo alemão se o narrador tivesse conhecimento dos argumentos heideggerianos seria que: a busca pela diferença ontológica entre Ser e Ente poderia até ser explorada. Porém, não há uma herança grega do povo alemão, não há uma missão espiritual cabível unicamente ao ser-aí alemão e o Estado que seria criado após a colocação do povo na questão fundamental. São, portanto, argumentos heideggerianos inválidos para o narrador.

Literatura e Filosofia de origens gregas apresentam um traço cultural de “engrandecimento” e “evolução” humana totalmente contrária à barbárie dos “carros couraçados” e a representação da prática autoritarista feita pela suástica. Guimarães Rosa questiona o absurdo da invasão nazista até o centro de origem cultural do ocidente, ou seja, o bárbaro foi ao civilizado, o primeiro tenta reconhecer-se no segundo. Porém, o cronista brasileiro, ainda que sob o regime alemão, não reconhece a prática do nazismo que estabelece um nexos com a cultura grega, em nada ganha o povo alemão com o fato de o nazismo ter chegado à Grécia.

A invasão nazista ocorre via aquática e o narrador faz referência à ilha de Creta, o combate se deu com aviões e canhões, a brutalidade do confronto faz com que os soldados, ao se cruzarem, retornem como “andorinhas e cegonhas” (ROSA, 1970, p. 9-10). Neste trecho em que Guimarães Rosa, se refere à esquadra alemã presente na Grécia, a barbárie nazista foi capaz de combater até no mar sagrado de Homero na *Iliada*. O mar percorrido pela Deusa Hera, que em sua carruagem com intuito de frear Ares, que estava em favor dos troianos e contra os gregos:

Quanto consegue com a vista alcançar, no horizonte, indivíduo que, da alta penha, procure esguardar o amplo mar cor de vinho, tanto, de um salto, os cavalos das deusas, nitrindo, avançaram. (HOMERO, 2011, c. V, v. 770, p. 172)³⁶

Portanto, o “mar cor de vinho” na crônica rosiana aparece como “roxo mar dos deuses”, o mar que foi acesso até a cidade de Troia, onde se deu a guerra em que, os Deuses gregos intervinham pelos homens. Agora, o mesmo local de uma batalha divina representada por Homero, passa a ser outra vez expressado pela arte, porém, se tem consequências terríveis provocadas por um regime totalitário que travava combate em território que se contrastava

³⁶ Em grego: “σσονδ’ ἠεροειδὲς ἀνὴρ ἶδεν ὀφθαλμοῖσιν / ἤμενος ἐν σκοπιῇ, λεύσσων ἐπὶ οἴνοπα πόντον, / τόσσον ἐπιθρόσκεισι θεῶν ὑψηχέες ἵπποι.” Cf. Homer, 1920, p. 300.

com terror. Nem as divindades gregas dos Deuses e do mar foram poupadas de presenciar o caos. O nazismo trava uma batalha no mar, ambiente que Homero considera ser a origem de tudo sendo até fonte para noção filosófica sobre a criação do universo, pois, o mar é feito de água, elemento primordial para a concepção de Tales³⁷. Mais uma vez o Nacional Socialismo toma uma atitude bárbara em relação à cultura clássica, explicando-se de outra forma, nem o que deu origem a todas as coisas, inclusive aos homens, é poupado de consequências destruidoras do Nazismo, e, para se compreender melhor este nexos entre o mar de Homero e o pensamento que ele talvez influenciou:

Não é fácil definir se a ideia dos poemas homéricos, segundo a qual o Oceano é a origem de todas as coisas, difere da concepção de Tales, que considera a água o princípio original do mundo; seja como for, é evidente que a representação do mar inesgotável colaborou para sua expressão. (JAEGER, 2001, p. 191)

Constata-se a importância do mar homérico até para a Filosofia, porém, a doutrina hitleriana não se mostra interessada na noção da *Ilíada* e a Literatura desta vez representada por Homero não é respeitada, cultivada, apreciada etc. O escritor mineiro apresenta uma separação entre a conduta Nacional Socialista e a cultura grega, ou mais ainda, há uma negação da Literatura e dos Deuses, provocada pelo Nazismo já que o mar pertence as divindades. O texto rosiano dissolve a noção heideggeriana discutida no subcapítulo sobre *Ser e Verdade* de criação de um ser-aí popular singular iniciado na antiguidade clássica, pois, este ente foi possibilitado em seu começo pela “grandeza” dos poetas e pensadores antigos. Na situação exposta fica não reconhecida por Guimarães Rosa, a poesia grega como legítima da cultura alemã e do Nazismo. O poder bélico nazista com canhões e aviões, não respeita o local onde se criou a poesia e foi referência para criação literária clássica, ou seja, a oposição a Heidegger se dá pela cultura grega em relação à alemã. Em linhas gerais é como se para Guimarães Rosa, os atos dos alemães fossem causados pela falta de conhecimento da cultura clássica e conseqüentemente esta concepção aniquila este suposto nexos de origem grega que Heidegger propõe em relação à formação de um ser-aí cultural.

O narrador descreve que o posicionamento de Márion Madsen, representa o alemão que por prudência adere à política do partido como um ato de sobrevivência ao abuso de poder imposto pelo Nazismo. A personagem aceita cumprir as normas nacionais socialista de formação da família, desta forma, Márion dispõe-se a orientação do *Führer*. A alemã procura

³⁷ Não cabe discutir a Filosofia de Tales, pois, este filósofo não aparece no texto rosiano. Ele é citado brevemente apenas para mostrar uma possível relação entre o filósofo pré-socrático e Homero cujo tem seu mar da *Ilíada* citado na crônica de Guimarães Rosa.

fazer o “papel social” que lhe cabe mediante as orientações hitlerianas, assim, ela conduz sua vida sob a política alemã. Para a personagem a dedicação de Hitler à política faz com que não disponha tempo para os sentimentos, mais especificamente, ao amor, pois, a crônica afirma:

— “Vou-me casar e ter filhos...” — prometia. — Para obedecer ao *Fuehrer*, Márionchen? [...] — “O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política...” (ROSA, 1970, p. 3) [aspas e itálico do autor]

Portanto, a postura de Márion é de se preservar dos impactos de violência causados pelo Nacional socialismo, caracteriza sua conduta como ilegítima, pois a personagem não é adepta por simpatia ao partido, mas, por temor. Outra imagem que bem ilustra a conduta prudente de Márion é quando após a primeira convocação de guerra de seu cônjuge, Heubel, a alemã, demonstra seu desejo afirmando:

— “Ah, se ao menos até o Natal acabasse esta guerra!” — clamava-se, longe das presenças da Gestapo. — “Ah” — rogava Márion — “esta guerra acabasse!”. (ROSA, 1970, p. 7) [aspas do autor]

No entanto, quando o impacto da guerra cai sobre a personagem. Pois, Hans-Helmut tinha sido convocado pela primeira vez para o exército alemão e por sorte não foi como combatente e sim como chofer e datilógrafo voltando ileso. Márion clama pelo fim das consequências nazistas como a guerra e a destruição de famílias, neste caso, a sua própria família estava em perigo. O clamor da personagem caracteriza sua prevenção de padecer o autoritarismo nazista. Pois, ela bradava distante da *Gestapo*, sigla alemã de Polícia Secreta do Estado [*Geheime Staatspolizei*], ou seja, seu clamor era consciente das consequências que sofreria, pois a *Gestapo* não toleraria o desejo do fim da guerra vindo de uma cidadã da sociedade alemã simplesmente pelo perigo que, seu marido sofreria. Tal desejo poderia ser até tolerado se viesse pela vontade explícita da vitória alemã na guerra a qualquer custo. Jaime Ginzburg em “Guimarães Rosa e o terror total”, explica que a personagem é uma vítima impotente, pois ela não tem a possibilidade de controle sobre o decorrer da História social de seu país (GINZBURG, 2010, p. 23), por isso, adere aparentemente às doutrinas nazistas em um ato de prudência.

No início de “O mau humor de Wotan” há uma descrição do perfil de Hans-Helmut, que mostrava seu gosto pela cultura latina. O personagem mostra traços em que se pode compreender que ele não é “culturalmente” alemão como seu prazer em ir até a Itália. Este país é admirado não unicamente por Heubel, mas, até a Literatura representada, neste caso, por Goethe, também ama a Itália, assim como os povos alemães de origem antiga como os

Teutos e Cimbros. Têm-se neste caso as origens do povo alemão e a arte germanica como apreciadores da cultura latina. Para Hans-Helmut, até as mulheres são as mais belas em Cortina d'Ampezzo, região montanhosa da Itália apta para a prática de esportes de neve, bem como a comida italiana era melhor. Os argumentos narrados na crônica rosiana possibilitam colocar o personagem como o alemão que não reconhece como superior a sua cultura em relação às outras e até mesmo o maior representante da Literatura alemã se encanta com a cultura latina. Veja-se como Heubel é descrito pelo narrador:

Nos gostos, porém, tocavam-no subtilidades de latino: de preferência ao sólido, escolhia o leve e lépido, o bonito; aconselhava Márion a maquilar-se; e, sempre que vez, como tradição, baixava à Itália amada de Goethe, de Teutos e Cimbros, para comer melhor e tentar esportes de inverno, entre as mais formosas mulheres do mundo, em Cortina d'Ampezzo. (ROSA, 1970, p. 4)

Porém, após o retorno de sua primeira convocação para a guerra, Heubel não somente pela Itália se aculturou, mas, também pela França. O personagem rosiano absorveu a sofisticação da cultura francófona como o gosto pela bebida e a inclusão de vocabulário francês quando esteve com o exército na França dominada pelos alemães. Sobre este episódio, tem-se na crônica rosiana a voz dos membros da sociedade alemã, que eram contra o Nazismo e dizem: “enquanto nós, nós outros, chorávamos ainda a França, e a *Luftwaffe* quebrava o seu martelo na bigorna inglesa.” (ROSA, 1970, p. 5) a Força Aérea [*Luftwaffe*] alemã com a “potência” de um martelo se quebrava na “bigorna inglesa” que era mais forte ainda, porém, a França estava perdida pela ocupação alemã. No entanto, a força da cultura francesa não se desmaterializou durante a dominação e até mesmo o germânico a absorveu. Hans-Helmut pode personificar, em “O mau humor de Wotan”, o cidadão alemão que não reconhece ou não tem consigo a crença na superioridade da cultura germânica, um dos princípios elementares da doutrina nazista. Veja-se como Heubel voltou a Hamburgo após sua estada com a tropa alemã na França:

— “*Les Français, vous savez... Tja, die Franzosen... Sabem beber, inventaram essa arte... Um cálice, antes do jantar, l'apéro, un verre... O conhaque, à noite: Encore une fine! Prosit, ma p'tite!*” — tocava copo com Márion. — “*Tu es pas mal... Je t'aime...*” Contava que, em Paris, duas mulheres, sorte de elegantes, o tinham convidado, juntas, para hora íntima.— “*Doch!... Acendi um cigarro, nongschalaantmantt... E respondi: — Oonlehvverrá... Oh, douce France!*” (ROSA, 1970, p. 6) [aspas e itálico do autor]

O personagem Heubel, também, se adequa aos moldes do cidadão que, tem consciência

do terror que as doutrinas impostas pelo Nacional Socialismo alemão podem acarretar. O personagem se encontra como aqueles que fazem parte da opinião pública que se sentem temerosos pela derrota de seu país. Pois, Hans-Helmut vive o impasse do cidadão que conhece o abuso de poder do Nazismo, mas mesmo assim é um membro da Alemanha e teme por uma piora que poderia vir através do fracasso alemão na guerra. Por isso, o personagem interroga o narrador que é impactado pelo partido alemão, porém, ele não tem nacionalidade alemã. Deste modo Guimarães Rosa veria o despencar do país em que vive, no entanto, não é sua pátria mãe. O personagem pergunta ao narrador: — “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?”. (ROSA, 1970, p. 7)

Márion Madsen é o indivíduo da sociedade alemã como foi falado há pouco que, para não padecer o autoritarismo do partido nazista, preserva sua integridade física e de seus entes queridos pela via das atitudes prudentes mediante o Nacional Socialismo. A personagem mostra sua conduta cautelosa obediente à doutrina Nazista e o narrador a mostra como: “romântica, tonta e femininamente prenhe de prudência, experimentava aos poucos trazê-lo à linha de *heil Hitler* mais enfático.” (ROSA, 1970, p. 4) as ações de Márion revelam sua tentativa de proteger do autoritarismo alemão seu cônjuge, tentando convence-lo “alinha de *heil Hitler* mais enfático”. Mediante as descrições que Guimarães Rosa revela sobre Márion, é possível afirmar que, se ela estivesse a par da proposta de Heidegger em *Ser e Verdade*, em que o povo alemão tem a necessidade de criar seu Estado, este se volta para o povo sem haver nem uma imposição e o movimento de colocação na questão fundamental, dependendo unicamente da vontade de cada membro do ser-aí popular alemão de criar o ser que tirará o povo do encobrimento, por isso, “o saber desta missão se aplica em despertar e arraigar, o querer no coração do povo e de seus membros.” (HEIDEGGER, 2001, § 1, p. 3)³⁸ Sustenta-se que a personagem seria indiferente com a proposta do filósofo alemão, pois, sua manifestação política se dá simplesmente por temor ao autoritário. Tal desinteresse da personagem seria um permanecer ocioso mediante a necessidade do querer do povo que Heidegger coloca.

No entanto, para o filósofo alemão a liberdade do ser-aí é caracterizada por um comprometimento consigo mesmo e com o povo alemão e para este se colocar na abertura de seu ser próprio conquistando seu destino entre os povos e caracterizando, desse modo, sua missão única, não há imposições. Tal conquista depende unicamente de cada membro em

³⁸ Em alemão: “Das Wissen um diesen Auftrag gilt es zu wecken und einzuwurzeln in Herz und Willen des Volkes und seiner Einzelnen.” [italico do autor] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Wahrheit*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2001, p. 3. [tradução nossa]

comunidade com o ser-aí alemão garantir seu destino de origem grega. Outro caráter que não está em questão para Heidegger, diz respeito ao valor sobre uma ótica em que o ser-aí popular esteja na abertura ou no fechamento, não há valoração, pois, não quer dizer que o povo que está inapropriado, ele esteja em um mal caracterizador de uma existência popular que não valeu apenas. A apropriação pelo ser criador do Estado que determinará as possibilidades do ser-aí popular, não é um bem com o qual valide sua existência. Esta ausência de imposição, o movimento transcendental de colocação na questão fundamental e a inexistência de valores, seja na abertura ou no fechamento do ser-aí popular, são decisivos para se compreender que a personagem rosiana não seria adepta das noções heideggerianas. Pois, Márion, sem o totalitarismo nazista a suas consequências como a destruição de famílias, cidades e vidas, a personagem não aderiria a nenhuma instância Política.

Sem atrocidades, valores, riscos de morte, etc. caracteriza-se a concepção proposta pelo filósofo alemão que unicamente se apoia como já se falou anteriormente quando se expos os argumentos fenomenológicos colocados por Heidegger como bases ideológicas ausentes para o Nazismo, mas, que deveriam sustentar o partido. Se o Nacional Socialismo fosse regido sob a filosofia de Heidegger não haveria nenhuma ameaça que pudesse fazer a personagem da crônica assumir um comportamento prudente. É possível afirmar que, Márion não assumiria seu aparente comprometimento pessoal e com seu povo e muito menos com o Partido alemão, pois, a presença destas noções clarificadas antes neste subcapítulo, são determinantes para a afirmação de uma não incorporação da Filosofia heideggeriana na existência da personagem como membro do povo. Isto se daria, porque, obviamente a política na Alemanha tomaria outros rumos, pois, Heidegger em *Ser e Verdade*, se propõe como ideólogo para o Nacional Socialismo. E caso isto tivesse acontecido, por meio, dos argumentos que foram esboçados, poder-se-ia afirmar que o partido alemão teria tomado outros rumos³⁹, diferentes das doutrinas de atrocidades reveladas na crônica rosiana onde o terror não poupa nem os alemães. Talvez a partir disso fosse possível entender o que foi mencionado no subcapítulo sobre a concepção de Benedito Nunes em que Heidegger se mostrou silencioso perante o autoritarismo nazista vigente.

A materialidade do ser-aí popular alemão que é cultural, nada mais é do que um ente constituído pelo povo e seus membros. O povo alemão carrega uma exclusividade entre os outros povos, pois é um povo que tem uma metafísica herdada do antigo povo grego e

³⁹ Quais os desdobramentos que o partido alemão teria tomado caso Heidegger fosse seu ideólogo não se sabe, porém, a ausência de argumentos violentos contra sociedade, cultura origem etc. levam a crer nestes outros possíveis caminhos diferentes da prática hitleriana que levou à Segunda Guerra Mundial.

encoberta pela História da Filosofia. Se pelas exigências do Partido hitleriano, Hans-Helmut não se adequava a um perfil bélico devido a seu porte físico de dimensões frágeis, por outro lado, tem-se um aspecto do personagem em que se pode detectar elementos de valorização da cultura alheia, como foi esclarecido anteriormente o que clarifica comportamentos opostos ao Nazismo histórico e à ideologia heideggeriana. Esta aculturação de Heubel pelas culturas francesa e italiana é determinante na crônica rosiana para marcar a postura antidogmática do Nazismo hitleriano e anti-ideológica heideggeriana, pois, Hans-Helmut neste momento se caracteriza culturalmente como membro do ser-aí popular francês e do italiano.

Porém, como já foi esclarecido que a proposta ideológica de Heidegger é divergente da comprovada historicamente de Hitler, o personagem rosiano não só pela sua aculturação se confunde entre aqueles que para Heidegger, estão entre os membros do ser-aí alemão que apoiam o Nacional Socialismo, no entanto, não reconhecem sua carência ideológica, apoiam um povo que se volta para o Estado e não o contrário, estando inebriados pela simbologia de ser adepto de um partido político, se comportam sem reconhecer sua liberdade compromissada com o povo, não tem noção da importância do momento histórico do ser-aí alemão, querem ver o desenrolar futuro com o sentimento de voltar ao passado encobridor do ente popular e continuar em uma *práxis* hegeliana em que o Estado de “fato” ainda não foi formado, pois:

Ainda são dos contemporâneos em todas as áreas de nossa atualidade, muitos direitos do ser-aí estatal, também entre os que portam o emblema do Partido e outros semelhantes em que não se mudou o mínimo na existência a na atitude fundamental. Comporta-se assim: 1. declara-se disposto à colaborar; 2. porém, aguarda como as coisas se desenvolvem; 3. neste aguardar se espera poder ser como no passado, apenas neste instante tudo agora se chama nacional socialista; 4 esta atitude, ainda se discute dela ser superior, racional e objetiva. (HEIDEGGER, 2007, p. 7, 9§ 12) [tradução nossa]⁴⁰

⁴⁰ Em alemão: “Noch sind der Zeitgenossen auf allen Gebieten unseres heutigen staatlichen Daseins recht viele, auch unter denen, die jetzt Parteiabzeichen und dergleichen tragen, bei denen in der Existenz und Grundhaltung sich nicht das Geringste gewandelt hat. Man verhält sich so: 1. Man erklärt die Bereitschaft mitzuarbeiten, 2. Aber man wartet ab, wie die Dinge sich entwickeln; 3. bei diesem Abwarten hofft man, es möge wieder so werden wie früher, nur daß eben alles jetzt nationalsozialistisch heiß. 4. Diese Haltung redet sich dann noch ein, sie sei überlegen und vernünftig und sachlich.” (HEIDEGGER, 2001, p. 79)

Em português: “Em todos os campos de nossa presença política atual ainda há muitos hoje, mesmo entre os que carregam agora distintivo do partido e coisas assim, nos quais nada mudou na existência e na atitude básica. Comportam-se da seguinte maneira: 1. declaram-se prontos a colaborar; 2. mas esperam ver como as coisas vão desenvolver-se; 3. nesta espera, confiam, que tudo venha a ser como era antes, só que tudo agora se chama nacional-socialista; 4. Tal atitude ainda se convence a si mesma de ser superior, racional e objetiva.” (HEIDEGGER, 2007, p. 94.)

Optou-se por uma tradução nossa devido ao fato de Emmanuel Carneiro Leão, omitir termos como estatal [*staatlichen*] e fundamental [*Grund*], que são importantíssimos para o entendimento sobre: ser-aí popular, pois, neste momento Heidegger está discutindo o comportamento atual dos membros do ente popular, que não reconhecem a importância do momento histórico, missão e destino.

Porém, constata-se que Hans-Helmut é um membro social apoiador de um estado ausente. Ou mais, o personagem representa o cidadão alemão que além de não reconhecer a existência política de seu povo, é adepto de uma forma de Estado ausente, pois o verdadeiro Estado para ser criado pelo povo necessitaria de que: houvesse um confronto histórico metafísico contra Hegel, se interrogasse pela questão fundamental e se conquistasse sua metafísica. No entanto, Heubel figura o cidadão que por receio da derrota de seu país acaba por aderir ao Estado Nazista hitleriano. É seguro afirmar que o Estado guiado por Hitler é caracterizado pelo modelo hegeliano que absorve todas as formas de encobrimento da diferença ontológica entre Ser e Ente vigentes na História da Filosofia. E Heubel é um vivente de uma *práxis* hegeliana⁴¹ e hitleriana. Em diálogo com Heubel o narrador coloca que:

buscava contra Hitler um *mane-téquel-fares*⁴², a catástrofe final dos raivados devastadores. Mas, a seguir, calava-me, com o meu amigo a citar Goebbels, o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática, solta, inumana, com que Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen. (ROSA, 1970, p. 7)⁴³ [aspas do autor]

Todavia, além da indignação de Guimarães Rosa, em relação a Hitler, é possível confirmar que o comportamento de Hans-Helmut, carregava consigo o discurso do nazismo se opondo neste momento ao narrador, citando o ministro da propaganda nazista, Paul Joseph Goebbels e ao próprio Heidegger. O filósofo alemão criticou tal conduta germânica, dos cidadãos que não reconheciam as necessidades ideológicas do Nazismo que ele propôs como se discutiu no subcapítulo de *Ser e Verdade*. Esta crítica de Heidegger serve até para os que eram explicitamente adeptos do Partido alemão, como foi colocado na citação direta fora de corpo de *Ser e Verdade* do parágrafo 9 da obra heideggeriana.

No entanto, havendo a necessidade de se explorar mais profundamente como a crônica rosiana contraria o Nazismo com elementos da própria cultura alemã, pois Guimarães Rosa

⁴¹ *Ser e Verdade* mostra de forma não desenvolvida que a *práxis* hegeliana é a que concentra toda a História da Filosofia, ou seja, é para Heidegger uma *práxis* que encobre a questão fundamental da filosofia impedindo o questionamento da diferença ontológica entre Ser e ente.

⁴² Neste momento Guimarães Rosa faz uso de uma expressão bíblica que une três termos, *mane-téquel-fares* [contado + pesado + dividido = Daniel, V, 25] e 25 Esta é pois a escritura, que ali está disposta: **MANE, TECEL, FARES.** 26 E esta é a interpretação das palavras. **MANE:** Deus contou os dias do teu reinado, e lhe pôs termo [Belsazar/Baltasar]. 27 **TECEL:** Tu foste pesado na balança, e achou-se que tinhas menos do peso. 28 **FARES:** O teu reinado se dividiu, e foi dado aos medos, e aos persas. 29 Então por mandado do rei, foi Daniel vestido de púrpura, e cingiu-se-lhe ao pescoço um colar de ouro, e deitou-se bando, que ele teria poder no seu reino, como a terceira pessoa dele. 30 Naquela mesma noite foi morto Baltasar, rei dos caldeus. 31 E Dario medo lhe sucedeu no reino, tendo sessenta e dois anos de idade. (BÍBLIA, 1985, p. 761)

⁴³ O trabalho discutirá adiante com mais ênfase a questão da mídia na Alemanha durante o período nazista quando a leitura da crônica rosiana for feita a partir da premissa do testemunho.

mostra como Goebbels o “sinistro e astuto” de “inteligência miasmática” é comparado ao Deus do fogo da mitologia germânica, Logge, que “instigava os senhores no Walhalla”. O narrador, neste trecho faz referência não somente à mitologia, mas, também a música alemã representada por Richard Wagner (1813-1883) em sua ópera *O anel dos Nibelungos* [*Der Ring des Nibelungen*]. Sabe-se que se trata da ópera wagneriana e não das narrativas da mitologia germânica, pois, o narrador coloca que a ação instigadora de Goebbels como a de Logge era no “prólogo dos Nibelungen”, no entanto, somente a Ópera dos Nibelungos tem prólogo. Portanto, tem-se arte, música, cultura etc. dos próprios alemães não legitimando o Nazismo.

Apesar de se tratar de elementos da cultura germânica como opositores da manipulação da mídia nazista e não de componentes da cultura grega herdada, o narrador como se viu neste subcapítulo, utilizou até de expressões bíblicas para designar seu desejo de extermínio contra a política, doutrina, totalitarismo etc. do Nacional Socialismo. A crônica rosiana compara o Nazismo a um império que pelo abuso de poder de seu imperador, tem seus dias contados para o fim. Então, como há neste específico momento uma oposição de Guimarães Rosa, às noções filosóficas de *Ser e Verdade*? Foi clarificado anteriormente que quando se discutiu *Ser e Verdade*, Heidegger apoia o Nacional Socialismo, ressaltando a falta de ideologia do partido, mas, especificamente, heideggeriana. A crônica rosiana tenta extinguir o Nazismo, assim deixaria de existir, de uma vez por todas, a política nacional socialista. Logo, não se teria nem o Nazismo prático de Hitler, nem o nazismo ideológico de Heidegger que precisa da vigência do partido alemão para ser colocado em prática, pois Heidegger almeja se tornar ideólogo do Nacional Socialismo. É como se “O mau humor de Wotan” desarraigasse o que o filósofo alemão concebe como começo para o Nazismo, pois: a revolução nacional socialista é necessária, no entanto, precisa ser enobrecida e espiritualizada. (HEIDEGGER, 2007, p. 24, § 2)

Tem-se, neste momento, a visão interna dos cidadãos da sociedade alemã representada pelo narrador, que é implacavelmente contra o Nazismo criticando a política, doutrina, propaganda etc.; Hans-Helmut, que é adepto, porque, não quer a derrota de seu país e Márion que adere aparentemente ao partido por prudência diante das consequências autoritárias. Os três personagens da crônica de guerra constituem a opinião pública sobre o Nazismo como integrantes sociais. Apesar de Guimarães Rosa, não ser alemão como seu casal de amigos, ele está na Alemanha e é obrigado a vivenciar as normas do Partido nacional socialista. O diferencial, em uma leitura atualizada da crônica rosiana, não se dará apenas por, se ter como contraponto a Filosofia de Heidegger, que tenta fundamentar o Nazismo. Mas, pelo fato de se

conhecer outra visão do Nacional Socialismo antagônica da visão externa que comumente é divulgada como assassinos de judeus, anticomunistas, racistas etc. assim como é importante saber que mesmo sem conhecer o texto *Ser e Verdade* de Heidegger, Guimarães Rosa mostra uma concepção oposta ao pensamento político filosófico do pensador alemão.

Na outra crônica, “A Velha” (*Ave, palavra*), há elementos destacáveis que expressam uma antipatia por parte do narrador, que descreve a presença do Nazismo e o impacto totalitário da doutrina do partido alemão. Porém, é sob a ótica da oposição cultural utilizando de argumentação filosófica, que em “A Velha” fica estampada a separação de traços da cultura grega que não se refletem na concepção nazista ideológica. O narrador mostra a caminho da casa de *Dame Verônika* como a ideologia nacional socialista era propagada pelas ruas da Alemanha, pois:

Via-se, a cada canto, o emblema: pousada num círculo, onde cabia oblíqua a suástica, a águia de abertas asas. [...] Sentia-se um, ao meio de tal ponte, à face do caos e espírito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante o critério último — o pecado de nascer — na tese anaximândrica. Todos pertencíamos, assim, mesmo, à vida. (ROSA, 1970, p. 108)

Portanto, após deixar explícito como era presente entre os alemães a ideologia nazista e descrever suas consequências caóticas e o espírito catastrófico, surge a repulsa contra o Nazismo que a crônica rosiana concebe como a Filosofia pré-socrática de Anaximandro. No entanto, é importante compreender o contexto histórico e o pensamento do filósofo grego. Na época dos filósofos pré-socráticos cabia ao poeta: a função social de educador, legislador e homem de Estado. Esta função de guia estatal se diferencia justamente por um artista que é criador e representante de sua cultura, estar a frente das decisões políticas de um povo. Obviamente o Estado está ligado ao caráter prático humano e têm-se agora os traços básicos que configuram a ação humana que caracteriza o Estado, a necessidade de o líder estatal ter um caráter artístico, mais especificamente, ser um poeta, mostra como, entre os gregos antiquíssimos, o poeta era a autoridade máxima do Estado. Fica também clarificado como a Literatura assumia na antiguidade clássica uma importância capaz de qualificar o artista a ser a autoridade maior de uma cidade.

Porém, já a Filosofia, entre os pré-socráticos, era conduzida pela inquietação de explicar a origem das coisas, tal questionamento era impulsionado pela teoria como tentativa explicativa da gênese da *physis*. Notoriamente entre os gregos clássicos, o filósofo não tinha a mesma autoridade do poeta, pois, enquanto o artista era conduzido pela prática, o filósofo pela teoria. É neste contexto histórico que a Grécia antiga assume uma característica peculiar em

relação aos outros povos, pois, é deixado de lado o mito como primeira forma de explicar as coisas da natureza e passa a ser a Filosofia com um caráter racional, embora, ainda haja entre os pré-socráticos um teor mítico. É se libertando do mito que surge a Filosofia científica, pois, entre os gregos clássicos, as ciências eram discutidas dentro da Filosofia. Anaximandro foi audacioso, ao escrever suas ideias em prosa com a intenção de difundi-las, assim como o legislador na Grécia antiga escrevia suas tabuas para o Estado. Escrevendo em prosa, o filósofo grego almejando ser ouvido pelos cidadãos da *Polis* deixa de ter seu pensamento unicamente para si, logo, deixando de ser um idiota [*ἰδιώτης*], aquele que vive individualmente esquecendo para traz sua vida pública por viver uma moral criada e vivida unicamente por si mesmo.

A tese central do pensamento de Anaximandro consiste em uma concepção que contraria seu mestre Tales, pois, ele não concorda que a água seja o único elemento primordial que deu origem a todas as coisas. A noção de um ilimitado chamado de *ápeiron*, um cone que condensa todos os elementos primordiais como a água, o fogo, a terra e o ar, que depois se separam e voltam novamente a se condensar caracterizando um ciclo eterno que formou o céu, as estrelas, o mundo etc. Curiosamente Anaximandro não se utilizou unicamente de um elemento primordial da *physis*, mas, dos quatro que foram cada um, objeto teórico para a explicação da gênese das coisas. Por ser ilimitado o *ápeiron* não tem um principio, pois um começo remeteria a um limite e não é também engendrado ou indissolúvel, porque, dessa maneira ele seria gerado e conseqüentemente teria um fim. No ilimitado:

Todas as coisas se dissipam onde tiveram sua gênese, conforme a necessidade; pois pagam umas às outras castigo e expiação pela injustiça, conforme a determinação do tempo. (ANAXIMANDRO in BORNHEIM, 1998, p. 25)

Portanto, o *ápeiron* não é uma noção filosófica que consiste em um único elemento da natureza, mas, ele inclui todos os elementos da *physis* e os governa. Isto é possível devido ao fato de no *ápeiron* estar a origem do todo constituinte das coisas e, dessa forma, as coisas estão originariamente constituídas por um união que as condensa. Após a saída dos elementos do *ápeiron*, eles se separam se tornam contrários que neste mundo estão constantemente lutando, pois, “[é] uma personificação pela qual Anaximandro se figura a luta das coisas como a contenda dos homens num tribunal.” (JAEGER, 2001, p. 201) A característica de governar os elementos da natureza se deve ao fato de estes se originarem no *ápeiron* e após lutarem como contrários em sua saída, todos retornam e voltam novamente a se condensar, tornando-se um todo de novo, desta forma: “Em consequência do movimento eterno;

ciclicamente, o que está separado volta a integrar-se à unidade primordial restabelecendo-se a justiça.” (BORNHEIM, 1998, p. 24)

Em “A velha”, Guimarães Rosa mostra como na Política, Sociedade, cultura etc. há nuances de características que não contém reflexos da cultura grega. O “pecado de nascer” (ROSA, 1970, p. 108) é uma colocação que se contraria ao pensamento anaximândrico. Pois, o indeterminado (*ápeiron*) da *physis* é agora violado pela concepção nacional socialista provocadora do caos, da catástrofe, do tempo ingeneroso etc. No entanto, não é que o Nacional Socialismo demonstre uma capacidade de provar uma insustentabilidade na teoria do filósofo grego, mas, no partido alemão há ações que se caracterizam por ausência de Filosofia anaximândrica. Desta maneira, o Nazismo não pode atuar como se fosse o princípio de todas as coisas e tivesse o poder de governar a natureza. A única luta que é legítima para o narrador, é a luta da concepção anaximândrica onde as coisas estão constantemente se confrontando no mundo para depois se condensarem sendo um todo no *ápeiron* para em sua saída lutarem entre si no mundo. Este é o ciclo legítimo na *physis* com que a crônica rosiana concorda e não uma luta catastrófica contra a vida onde a imposição de uma doutrina totalitária marca sua presença com sua logomarca, a suástica, pelas vias públicas, pois, o símbolo nazista fazia com que os cidadãos sentissem a “face do caos” (ROSA, 1970, p. 108).

Quando se volta a discutir o contexto histórico de Anaximandro, ou seja, o dos filósofos pré-socráticos é possível relembrar o que foi colocado anteriormente no texto. Pois, na época pré-socrática a autoridade maior do Estado era o poeta. A Literatura entre os gregos antiquíssimos era capaz de atribuir a qualidade necessária para o homem se tornar não somente um artista, mas, um homem de Estado, então, é possível afirmar que o Estado era “nutrido” pela Literatura e o poeta, que via o mundo além da realidade, era capaz de liderar uma cidade. É justamente ao citar um filósofo pré-socrático em que se remete a um período da Grécia em que o poeta guiava o Estado e não o filósofo⁴⁴ que “A velha” expõe uma concepção oposta à de líder estatal sustentada por Heidegger. Como foi mostrado no subcapítulo sobre *Ser e Verdade*, Heidegger coloca que o Estado deve ser guiado por sua Filosofia, ou seja, ele seria o guia ideológico do Estado alemão a ser construído, pois o povo criará o Estado e este seria “alimentado” pelo pensamento heideggeriano.

Porém, além da crônica rosiana contrariar o texto heideggeriano, surge uma tensão devido ao fato do filósofo alemão apontar para exatamente os gregos pré-socráticos, que iniciaram a questão da diferença ontológica entre Ser e ente, a questão encoberta e cabe ao

⁴⁴ Obviamente isso não quer dizer que o filósofo não tivesse importância para o Estado, mas, somente sua função era diferente da do poeta e a Filosofia não podia qualificar o homem ser um líder estatal.

ser-aí alemão retomá-la com um traço herdado culturalmente. Remete-se a uma época em que não o filósofo que governava, mas, sim o poeta. A obra rosiana mostra, como a tentativa de Heidegger de ir até os gregos para fundamentar sua ideologia, cai em uma tensão, pois a questão fundamental da filosofia foi começada em um período em que a Literatura “nutria” o Estado, em que o poeta, um artista capaz ficcionalizar a realidade falando o que são os homens, liderava o Estado. Logo, entre os pré-socráticos, o filósofo não tinha os atributos julgados necessários para ser o líder de uma cidade. É absolutamente óbvio que Heidegger como conhecedor da Filosofia, cultura, língua gregas etc. tinha conhecimento do que esboçou neste texto sobre os pré-socráticos, no entanto, não é possível deixar de lado estas evidências que causam tensões ou contrariam a noção heideggeriana de líder ou orientador do Estado.

Ao expor a tese anaximândrica como divergente da ideologia nazista, tem-se novamente a oposição rosiana da Filosofia de origem grega ausente no partido alemão e no povo, pois o Nacional Socialismo, apesar da nacionalidade de Hitler ser austríaca, o partido criado por ele é constituído de membros da sociedade alemã. A contrariedade rosiana é também caracterizada pela via da outra concepção do Nazismo, proposto por Heidegger. Como foi dito anteriormente no subcapítulo teórico sobre o filósofo alemão que ao configurar o ser-aí alemão como um ente popular de “raízes” clássicas gregas, Heidegger concebe que a questão fundamental da filosofia foi iniciada pelos gregos antiquíssimos. Na citação fora de corpo destacada acima, tem-se um filósofo pré-socrático que seu pensamento não foi legitimado pelo narrador como compatível com o partido, povo, cultura alemã etc. Se colocasse em uma discussão Guimarães Rosa e Heidegger, o narrador diria ao filósofo que a questão da diferença ontológica entre Ser e Ente, surgida entre os gregos antiquíssimos, não é relacionável ao povo alemão, como se exprime em *Ser e Verdade*, pois, falta ao povo Filosofia, falta capacidade de questionar o mundo.

Logo, em “A Velha” a divergência contra Heidegger, surge no âmbito da refutação do argumento heideggeriano, que sustenta a criação de um ser-aí estatal singular começado entre os gregos antiquíssimos com seus grandes pensadores. A presença de Anaximandro no texto rosiano é a representação da Filosofia pré-socrática oposta ao Nazismo seja o hitleriano ou o proposto por Heidegger. O que é visível é uma concepção filosófica contrária ao Nazismo, e “A Velha” aponta justamente para o período da Filosofia que o filósofo alemão demonstra que seus grandes pensadores foram responsáveis por um modo de criação singular de ser-aí estatal. Em outras palavras, Guimarães Rosa desqualifica exatamente a noção heideggeriana da questão fundamental entre os filósofos gregos pré-socráticos. A carência de Filosofia grega entre os membros do povo alemão e a submissão ou adesão por concordância com o partido

de Hitler, são um reflexo da ausência do “espírito” grego clássico na Alemanha. Independente dos motivos que levaram aos atos de barbárie dos integrantes do Nazismo, a conduta de um povo que em sua maioria apoiou o Nacional Socialismo, explica-se facilmente na crônica rosiana pela carência de cultura clássica. Com o argumento da ausência de cultura clássica o narrador opõe-se a Heidegger e por meio de sua conduta antiautoritária contraria a prática nazista hitleriana.

A concepção ideológica de *Ser e Verdade*, que foi esclarecida no subcapítulo referente a obra, concebe que o movimento de ida até a questão fundamental se iniciaria na Universidade alemã e assim seria disseminada no povo. Tal movimento transcendental é de suma importância para o povo alemão e está sendo propagado, pois o ser-aí alemão já está encontrando orientação para ir até os gregos antiquíssimos e retomar a missão político-espiritual que lhe cabe. Vê-se a importância da propagação que está acontecendo entre os alemães. Porém, a “A Velha” dispõe de uma imagem que demonstra como as personagens femininas se caracterizam como membros sociais isolados de “conhecimento” da orientação que o ser-aí popular está encontrando. A ficção rosiana possibilita uma leitura de que as personagens são membros sociais alheios a concepção de povo, estado, missão etc. mencionados por Heidegger, pois, a noção de orientação que está em ascensão na sociedade alemã, logicamente precisa de relações sociais para que ocorra entre seus integrantes. E o texto rosiano coloca as personagens femininas como a parte de qualquer acontecimento ou argumentação ocorrente na sociedade, no entanto, no isolamento de sua casa, “*Dame Verônika*” (ROSA, 1970, p. 109) e:

As outras quatro mulheres permaneciam, salvaguardadas, em circunstância de surda sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meditavam o que não podiam entender — *Dame* Angélica, damas Filippa, Osna e Alwyna. (ROSA, 1970, p. 110)

As personagens rosiana têm um perfil contrariador da noção de liberdade do povo exposta no subcapítulo sobre *Ser e Verdade*. Elas não demonstram em nenhum momento o nexos de compromisso consigo mesmo e com o povo alemão, o que estabeleceria uma orientação social condutora para o reconhecimento da importância do momento histórico e o assumir o destino singular entre os povos designados pelo ser-aí alemão. Falou-se no subcapítulo de *Ser e Verdade* como o filósofo alemão considera que, para o ente popular estar na questão fundamental é necessário unicamente que cada membro em comunidade com o

ser-aí alemão, no entanto, sabe-se que: “a questão nunca será obrigação”⁴⁵ (HEIDEGGER, 2001, p. 14) e sim uma necessidade de conquista do destino. “*Dame Verônika*”, “*Dame Angélica*, damas Filippa, Osna e Alwyna” são alemães, que não se mostram compromissadas consigo mesmo e em comunidade com povo. O isolamento social configura as personagens, como isentas de reconhecimento do momento histórico que passa a Alemanha e de uma possível orientação para espiritualização nacional socialista. Como se disse há pouco, ou seja, nem elas estão a par da situação alemã e muito menos se comportam como cidadãos que contribuíram para a missão do povo alemão.

Em outra crônica intitulada “A senhora dos segredos” (*Ave, palavra*), *Frau Heelst*, horoscopista de Hitler é visitada pelo narrador, que queria saber o futuro. A inquietação de Guimarães Rosa era sobre a possibilidade do evento da guerra vir a acontecer ou não. O misticismo de *Frau Heelst* era elevado na crônica a um caráter de ciência, dessa forma, a horoscopista representa na ficção rosiana uma maneira comprovável de lidar com os acontecimentos que envolvem o contexto da obra, ou seja, de prevê-los. A ambiguidade do texto permite uma linguagem em que não se pode afirmar que são palavras do narrador, de *Frau Heelst* ou dos dois juntos, no entanto, a ficção expõe que:

Triviando conversa, pedi para saber como seria investigável astrologicamente aquele assunto, de paz ou guerra neste mundo sublunar; e ela grau em grau se descerrou, visto que o terreno da ciência é o da sã comunicação lata.

Sim, podia-se tirar o gráfico do destino de um país, dum regime, desde que conhecida a data de seu começo. Para o III Reich, por dizer... (ROSA, 1970, p. 212)

Portanto, a ciência da personagem não pode prever por definitivo o futuro da Alemanha? Ou simplesmente seu silêncio caracteriza uma forma de não refletir sobre as consequências nazistas no país? O narrador tem a convicção de que ele: “não passava de um estrangeiro, e os tempos eram perigosos.” (ROSA, 1970, p. 212) No entanto, a interpretação se segue pela possibilidade do silêncio diante da periculosidade dos tempos regidos pelo Nazismo como alguém que se resguarda de falar sobre a possibilidade do terror. Já para Heidegger, o momento na Alemanha se configura da seguinte forma, pois, como foi explicado no subcapítulo sobre *Ser e Verdade*, o ambiente universitário é onde começa a revolução do povo. A juventude acadêmica alemã, por ter conhecimento da importância do momento histórico, será responsável pelo início de uma missão político espiritual. A juventude está em

⁴⁵ Em alemão: “die Frage wird nie zum Zwang”. HEIDEGGER, Martin. *Sein und Wahrheit*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2001, p. 14. [tradução nossa]

seu “florescer” exercendo o papel de uma missão criadora do estado. O povo encontra orientação no Estado, porque este é o Ser do povo. A juventude universitária está disposta a contribuir para a criação de seu Ser, ou seja, de suas determinadas possibilidades de ser, determinadas, porque o Estado as “delimita”.

Mais uma vez, em discordância com Heidegger, Guimarães Rosa, não concebe um Nazismo de noções ideológicas como propõe o filósofo alemão. Se se equiparar a idade de alistamento militar com a idade juvenil, assim como a faixa etária de ingresso nas universidades a crônica rosiana contraria a ideia heideggeriana de uma juventude que está encontrando orientação para criar o Estado alemão e que este se voltará para o ser-aí popular. O que Guimarães Rosa demonstra, em sua crônica, é que os jovens na Alemanha estão em uma situação de preocupação com os rumos que o país leva. Tal preocupação surge exatamente, porque o Nazismo leva o país a consequências de guerra, e o exército que precisa ser recrutado é primeiramente constituído por jovens. É por esta via que o texto rosiano ao representar a opinião da juventude alemã, entra novamente em dissonância com *Ser e Verdade*. Eis a opinião rosiana sobre os jovens alemães:

— E por que não recorrer aos horóscopos dos rapazes em idade militar? — Oh, não, não, não... — e *Frau Heelst* riu arredondado. — Esses não vêm aqui... [...] Com as estatísticas, globalmente, dos nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já pairasse, sobre centenas de milhares de vidas, o influxo ominoso de Marte. (ROSA, 1970, p. 212-213)

Portanto, é perceptível que os jovens alemães não estão encontrando orientação na academia alemã e sim resguardados pela muito provável atrocidade que virão a sofrer com a explosão da guerra. O Nazismo aparece em “A Senhora dos segredos” como uma condenação à juventude alemã, um agouro do Deus da guerra. O Marte da cultura romana é o Ares da cultura grega. Em *O universo, os deuses, os homens* de Jean-Pierre Vernant, o filósofo francês define Ares como: “deus da guerra, da confusão mortífera.” (2000, p. 194) Este traço da cultura grega aparece na crônica rosiana, não como um valor ligado aos alemães ou à ideologia nacional socialista, mas, como uma imagem que oferece uma sentença nefasta devido às vidas que estarão em jogo durante a guerra. Guimarães Rosa compara o autoritarismo nazista à decisão de um Deus, não obviamente por considerar algo de divino no Nacional Socialismo alemão, mas pela prepotência das ações do partido alemão sobre a decisão das consequências que podem cair sobre o povo a ponto de dizimar vidas.

O possível diálogo que as crônicas rosianas estabelecem com *Ser e Verdade*, exhibe imagens que batem de frente com o Nazismo vigente em uma “camada” mais explícita e mais

minuciosamente contra a proposta de Heidegger. O narrador reconhece nas três crônicas a ilegitimidade da herança cultural grega que Heidegger vê no povo alemão, o Estado que se volta para o ser-aí popular como foi exposto antes, não é possível para o Guimarães Rosa, a juventude alemã não encontra orientação para missão político-espiritual do povo etc. Logo, o narrador não vê outra saída para as consequências nazistas, além das que foram vigentes como o autoritarismo, totalitarismo, terror etc. Não é possível para o cronista que se pudesse dar outros rumos ao Nacional Socialismo, mesmo que se argumentasse com noções filosóficas como propõe Heidegger. *Grosso modo*, tem-se outra concepção do Nazismo, a Literatura e a Filosofia tratam de um mesmo tema, no entanto, a Arte dá uma resposta negativa ao questionamento incessante⁴⁶. Mas há algo que permanece em comum entre Heidegger e Guimarães Rosa é a visão interna de membros que presenciaram o Nazismo, o primeiro, tenta fundamentá-lo e o segundo ficcionaliza a realidade.

2.2. O trauma e o testemunho nas crônicas de guerra

A crítica agora se direciona aos conceitos de trauma e testemunho do teórico Seligmann-Silva em *O local da diferença*. A base psicanalítica que trata do trauma assim como o contexto histórico do século XX, em que surge o testemunho, são elementos que se permite utilizar os conceitos do teórico brasileiro para se fazer uma leitura das crônicas “O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos” pertencentes a obra *Ave, palavra* de Guimarães Rosa.

Como foi colocado no subcapítulo em que se discutiu *O local da diferença*, mostrou-se como o contexto da Primeira Guerra Mundial foi um momento de suma importância para o desenvolvimento da questão do trauma externo. Neste contexto Seligmann-Silva expõe como Freud se dispõe a tratar das neuroses de guerra dos soldados sobreviventes. O choque no acidente traumático provoca nos sobreviventes uma repetição das cenas do trauma durante os sonhos, embora, não esteja no foco do trabalho as cenas do trauma nos sonhos, é necessário se entrar neste aspecto para se mostrar como o trauma é uma fixação psíquica. Na neurose de guerra, as imagens traumáticas, que aparecem nos sonhos têm um caráter de reparar a excitação do sobrevivente, pois, o fracasso diante do trauma vivido é a causa da neurose. Embora, podendo vir de uma situação pulsional interna, é a vivência externa como fonte da

⁴⁶ Substitui-se neste momento o termo Filosofia por “questionamento incessante”, pois como foi dito no subcapítulo sobre Ser e Verdade a Filosofia consiste para Heidegger em um questionamento a partir de si mesma.

situação traumática que está em questão. Pois, em “O mau humor de Wotan” o evento traumático é a Segunda Guerra Mundial e o personagem Hans-Helmut, após o retorno de sua primeira convocação ele responde:

“Da guerra, vi apenas cavalos e cachorros mortos, felizmente...” Nunca o notara mais honesto, desvincado. Resumindo em nada sua experiência guerreira, negava a realidade da guerra, fiel ao sentir certo e à disciplina do pensamento. [...] — “Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente...” Era um nenhum relato, dito de acurtar conversa. (ROSA, 1970, p. 6)

Portanto, apesar do trecho da crônica rosiana ter como contexto a Segunda Guerra Mundial. E como foi explicado no subcapítulo sobre *O local da diferença* em que Seligmann-Silva mostra, baseado na concepção de W. G. Niederland, que estudos da teoria do trauma surgiram a partir de elementos contidos nos sobreviventes de campos de concentração, é possível aplicar em “O mau humor de Wotan” esta teoria mesmo tendo diferentes contextos dos sobreviventes. O teórico brasileiro expõe que para Niederland, os sobreviventes de campos de concentração são incapazes de verbalizar a experiência que passaram e sentem culpa causada pelo fato de terem sobrevivido ao terror experimentado. Este sintoma psíquico patológico de incapacidade de expressar o trauma vivido aparece em Hans-Helmut, quando ele nega a realidade experimentada. Obviamente foi clarificado no subcapítulo teórico sobre o trauma e o testemunho que Seligmann-Silva expõe como H. Krystal mostra uma cisão no testemunho dos sobreviventes do Holocausto, pois, estes narram suas vivências falando de si mesmos em terceira pessoa quando se referem ao acontecimento traumático estabelecendo uma diferença entre o eu que fora do campo de concentração e o que experimentou a realidade aterrorizante.

No entanto, o relato do personagem rosiano é uma amostra de como se podem fazer distinções entre o trauma experimentado na guerra e o na *Shoah*. Pois, a intensidade de terror em que o personagem foi submetido na guerra não faz com que ele negue aquela realidade mediante um relato literal, configurando desta maneira uma característica patológica dos sobreviventes da guerra. Porém, os sobreviventes do Holocausto são incapazes de ações e de verbalização por meio de metáforas. É justamente ao tratar de animais mortos ao invés de seres humanos que Heubel resume sua vivência no campo de batalha. Há, no entanto, outro caractere relacionável entre o trauma de guerra e o da *Shoah* que se pode tratar na crônica de guerra do escritor mineiro. Explicou-se quando se expôs os conceitos de Seligmann-Silva no subcapítulo destinado a sua concepção, que os sobreviventes dos campos de concentração em

alguns intervalos de tempo, são afetados pela realidade psíquica do trauma experimentado e mostram uma incapacidade de diferenciação entre o real e o fantasioso. Nesta perspectiva o trauma destruiu no personagem rosiano a capacidade de distinguir os cadáveres humanos deixados pelo confronto da fantasia de animais mortos o que é improvável pensar, pois, uma guerra é travada por homens e não por cavalos e cachorros.

Quando se expôs no subcapítulo teórico referente ao *O local da diferença*, Seligmann-Silva baseado em uma concepção de Dori Laub, mostrou como o trauma e o testemunho dos sobreviventes de campos de concentração. Não possuem a capacidade de narrar a cena em que aconteceu o trauma, no entanto, há uma necessidade de tradução desta cena para que o sobrevivente possa, por meio de seu relato, conhecer seu passado que é atormentado pelo terror vivido e que ele procura se proteger. Mesmo o evento traumático, sendo a Segunda Guerra Mundial e não o campo de concentração, Heubel negou a realidade da guerra, no entanto, sem caracterizar uma impossibilidade de testemunhar o trauma, resumindo sua experiência guerreira em nada. Pois, falar e com ênfase sobre os animais mortos no campo de batalha é uma forma resumida de contar e conhecer sua própria história sem que os fantasmas daquele passado tão próximo de que ele tenta se esquivar. O relato de forma resumida do personagem rosiano, é o que o teórico brasileiro respaldado em Laub, destaca como uma impossibilidade total de testemunhar o trauma experimentado seja pelo pensamento, memória ou linguagem.

No entanto, Seligmann-Silva sustenta-se em Laub, para expor que, não somente pelo fato das tentativas dos nazistas de aniquilarem as testemunhas físicas que presenciaram seus crimes. Mas, também, pela complexidade de dimensões inimagináveis de terror, a ponto de serem “ilusórias” (devido ao abuso autoritário cometido contra o homem nos campos de concentração ser de um nível inacreditável) configuram um evento que impede o testemunho de suas vítimas. Em geral a complexidade e a incompreensibilidade da estrutura “ilusória” do campo de concentração que banaliza vidas de seres humanos, se assemelha com a dinâmica da guerra, pois, nessa a indiferença com relação à vida e o caos estão sempre presentes. A partir desse outro aspecto colocado por Seligmann-Silva, pode-se interpretar que o evento da guerra impediu a vítima Hans-Helmut de testemunhar. Dessa forma, surge outra possível hermenêutica que, configurará a fala do personagem rosiano sobre cavalos e cachorros falecidos como pensamento, memória e linguagem que não se caracteriza como testemunho, porque, o evento da guerra lhe impede de testemunhar exatamente por ele ser uma vítima. E as palavras do personagem sobre os animais é simplesmente uma fala que não expressa a sua experiência traumática.

Quando Seligmann-Silva se fundamenta em Donald Jay Cohen, para destacar a importância do tópico sobre a precisão das imagens traumáticas dos sobreviventes, o teórico brasileiro expõe que elas se caracterizam tanto pelo caráter concreto dos fragmentos de memória e das tentativas das vítimas de representarem a cena do trauma como em uma narrativa fragmentada. Sob este aspecto da psicanálise, o trecho rosiano fora de corpo acima, revela uma ocorrência factual, pois a carência bélica da Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, que em vez de um exército constituído unicamente por máquinas de combate, usaram-se cavalos como um instrumento de guerra. Porque, o exército alemão possuía uma cavalaria. O cachorro foi também um animal de trabalho atuante no período da guerra, principalmente no que diz respeito aos campos de concentração. Falar sobre “cavalos e cachorros mortos” expõe um fragmento concreto da memória e uma tentativa do personagem de representar a cena do trauma bem como uma narrativa fragmentada em que não se tem o antes nem o depois da cena, no entanto, permanece a imagem traumática em sua exatidão.

Falou-se no subcapítulo sobre *O local da diferença*, em dois tipos de testemunho. No primeiro, o narrador vivenciou o evento de terror e por ventura conseguiu sobreviver. O testemunho nesse caso só é possível, porque, a vítima experimentou a realidade do evento traumático, este é impossível de ser descrito em sua totalidade (adiante será desenvolvido sobre este aspecto) assim como a libertação da imagem traumática, é dessa forma que surge a necessidade de se dar o testemunho. Obviamente que foi utilizado por Seligmann-Silva, como evento de terror para tratar dos testemunhos “primários” e “secundários”, o Holocausto. No entanto, já foi mostrado que em “O mau humor de Wotan” o contexto é a Segunda Guerra Mundial e cabe a essa crônica rosiana a segunda forma de testemunho, o “secundário”. A Literatura de testemunho permite ser praticada por sobreviventes da guerra que não experimentaram diretamente a catástrofe sendo um testemunho “secundário”⁴⁷ e é neste contexto que se enquadra a narrativa testemunhal da crônica rosiana, pois o narrador não foi para combate e “O mau humor de Wotan” expõe que:

Sim, todos nós. *Los! Vorwaerts!* Milhões, de vez, penetram no Leste — rasgam a Rússia — máquinas de combate rolam através da estepe, como formigas selvagens. Porém diante, um duro defensor morria matando, ou se abriam só ruínas e o caos da destruição, como no segundo versículo: a terra mal criada — despejada e monstruosa — *tôhu-vabôhu*. (ROSA, 1970, p. 10) [aspas e itálicos do autor]

⁴⁷ Isso não interfere na qualidade da obra, pois, se viu anteriormente o subcapítulo em que se tratou da concepção de Seligmann-Silva, que o teórico brasileiro não estabelece nenhuma diferença qualitativa entre o testemunho seja “primário” e o “secundário”.

Portanto, a descrição de Guimarães Rosa, que trata do *livre! Avante! (Los! Vorvaerts!)* Contingente do Exército alemão que, com seus tanques, invadia a Rússia como animais selvagens, o oponente russo que dava a vida pelo seu país. São palavras de um narrador, que não experimentou diretamente a experiência do campo de batalha. E caracteriza-se segundo a concepção de Seligmann-Silva, colocada no subcapítulo teórico destinado ao *O local da diferença*, como uma testemunha “indireta”, visto Guimarães Rosa não ter experimentado o “excesso” de realidade do evento traumático como homens que marchavam avante para a morte, não tinha a consciência que a linguagem é incapaz de reproduzir o trauma nas proporções em que ele aconteceu, pois ela não possui palavras que possam expressar a atrocidade que é exterminar um homem. É dessa forma que se caracteriza impossível testemunhar o terror vivido, pois, não havia nada de tão certo como a morte. As vítimas dos eventos traumáticos não conseguiam conceber outra possibilidade se não a de ser aniquilado.

No entanto, é como testemunha secundária que Guimarães Rosa narra o combate entre o exército alemão que avança cantando livre e avante em direção aos russos. Baseia-se no subcapítulo sobre *O local da diferença*, para expor como o testemunho do narrador da crônica não pode ser confundido com uma autobiografia, considerando sua estada na Alemanha nazista como Vice-Cônsul do Brasil, ou como historiografia para apreender o passado. Seligmann-Silva propõe uma concepção que, aplicada a “O mau humor de Wotan”, caracterizaria o relato do narrador como uma forma de definir o testemunho, pois este consiste em uma lamentação ou canto apresentado paralelamente e que se une à História com a função de colher os elementos do passado. Mais especificamente de um passado assombrado por eventos atroz. A crônica rosiana é um exemplo em que se pode mostrar como a Literatura de testemunho necessita partir de um determinado presente para que ela seja elaborada, dessa maneira, ela propõe sua particularidade de “construir” o passado iniciando pelo presente.

Porém, algo de fundamental que constitui “O mau humor de Wotan”, é a questão de obra narrar seu passado tão próximo, ou seja, de constituir seu testemunho sobre um evento que ainda está em andamento. Em geral, os soldados sobreviventes da guerra testemunham seu passado após o fim desta e os sobreviventes dos campos de concentração, após terem saído de uma situação em que parecia impossível sobreviver. O dado histórico que demonstra como Guimarães Rosa esteve de 1938 a 1942 como diplomata na Alemanha, oferece um fato em se confirma como o testemunho indireto do narrador era relato durante um evento em que não se conhecia seu fim, pois a Segunda Guerra Mundial estava em pleno andamento. O testemunho do narrador é, como já se explicou, indireto, no entanto, ele relatou durante sua vivência com o contexto da guerra, mesmo ele não tendo sido um combatente. O cronista

narra o evento da guerra sem ter conhecimento das consequências finais, podendo ser elas péssimas ou menos péssimas do que o terror vivido até o calor da hora em que testemunhou.

Traçou-se, no subcapítulo sobre o trauma e o testemunho como Seligmann-Silva se sustenta em Primo Levi, pois, neste último, há um exemplo em que ele mostra que seu testemunho só foi possível pelo fato de o literato ter experimentado as atrocidades do campo de concentração. O trabalho forçado, a carência de assistência de saúde, o aprisionamento, etc. são fatores constituintes de uma experiência traumática durante o Holocausto e que levam a extermínio de homens como última das consequências. Embora a experiência traumática relatada por Guimarães Rosa, tenha sido a Segunda Guerra Mundial em vez da *Shoah*, o testemunho indireto do cronista mineiro demonstra, em “O mau humor de Wotan”, a incapacidade da linguagem, pois, mesmo ao narrar um confronto em que russos morriam e matavam e ao relacionar esta situação catastrófica com uma expressão bíblica do Antigo Testamento⁴⁸, constata-se que a linguagem não possui meios com que a testemunha possa reproduzir, com a mesma “intensidade”, o trauma. Dessa forma, a linguagem também não pode fazer com que o “público” das testemunhas sinta com o mesmo teor da experiência traumática.

Porém, Seligmann-Silva afirma que Primo Levi foi o pioneiro em detectar a limitação da linguagem em relação ao testemunho. Se Guimarães Rosa tinha ou não consciência desse limite testemunhal, não é possível saber. Mas, como testemunha indireta, o cronista mineiro colheu traços de um passado tão próximo ao período que testemunhou milhões de vidas alemães seguiam contra os milhões de vidas russas para que, em combate, perecessem e restassem simplesmente as “ruínas e o caos da destruição” de homens, cidades, famílias, etc. Estes são traços das consequências do passado na Segunda Guerra Mundial e, dessa maneira, “O mau humor de Wotan” configura-se como um canto ou lamentação que, junto à disciplina histórica, pode representar os acontecimentos lamentáveis da guerra. Podendo-se aplicar características do trauma e do testemunho do Holocausto na Segunda Guerra mundial, sustenta-se que os sobreviventes não só dos campos de concentração como os da guerra são testemunhas conscientes da limitação de sua narrativa.

No entanto, apesar de Guimarães Rosa ter vivido durante um período na Alemanha nazista, ele não foi um soldado na guerra. Para um militar em combate assim o como para um prisioneiro de campos de trabalho forçado, era impossível conseguir cogitar outra possibilidade que não fosse morrer, não como uma certeza que todos os homens têm em sãs

⁴⁸ Tratar-se-á, a seguir, da referência bíblica utilizada na crônica de guerra.

condições das faculdades mentais, mas como algo que é próximo e que faz com que suas vidas não possam desvincular-se em nenhum momento dessa consequência ficando sempre impregnada a convicção de falecer no evento traumático. Pode-se interpretar que o trecho da crônica rosiana em que o narrador dá seu testemunho relatando um contingente de milhões de soldados, a coordenada para o leste europeu mais especificamente para Rússia, tanques de guerra que rolam pelas estepes, a destruição provocada pelo confronto de dois exércitos, etc. Configuram muitas referências relatadas, como se o cronista não tivesse conhecimento do limite da narração que foi exposto no subcapítulo destinado ao trauma e o testemunho.

Todavia, “O mau humor de Wotan” descreve a trajetória do casal Hans-Helmut e Márión Madsen que juntos ao narrador sofrem os perigos proporcionados pela Alemanha nazista. Apesar de Guimarães Rosa conduzir a crônica narrando os acontecimentos que envolvem sua história de vida e seu casal de amigos, em certos momentos do texto rosiano, o narrador dá vez à voz de seus amigos. É exatamente quando o cronista mineiro expõe a fala direta dos personagens, em trechos específicos, que se pode detectar a consciência da limitação narrativa dos que sobreviveram aos tormentos de eventos traumáticos. Com base nesta articulação, vem-se diferenciar o trecho relatado sobre o combate com o exército russo do trecho sobre os animais mortos encontrados onde aconteceu um confronto. Pois, viu-se que Guimarães Rosa abre aspas na crônica para que entre a voz de Heubel, para falar sobre sua experiência de guerra. O personagem resume esta vivência demonstrando exatamente o que foi colocado no subcapítulo destinado ao *O local da diferença* em que Seligmann-Silva mostra que os sobreviventes do evento traumático têm convicção de sua limitação narrativa. Por isso, Hans-Helmut sintetiza sua fala e repete ter visto apenas “cavalos e cachorros mortos”, mostrando-se como um sobrevivente consciente da limitação de sua narrativa.

Quando se discutiu *O local da diferença*, mostrou-se como a testemunha é constituída de uma concepção em que a linearidade do tempo dá vez para uma concepção descritiva que o autor expõe como uma topografia. A memória é um local em que se constrói uma cartografia do trauma. De maneira não linear, os traços mnemônicos vão se entrecruzando como se para o teórico brasileiro se formasse um hipertexto de imagens, vozes, sons de objetos, lembranças como um todo. Na mente das testemunhas. São esses traços mnemônicos alineares, que mostram como o relato do cronista mineiro tenta construir seu testemunho daquilo que não há palavras para explicar e que não há limites. Dessa forma, as consequências traumáticas da guerra se revelam no texto rosiano como uma tentativa de Guimarães Rosa, de mapear aquele passado caótico. Por isso, para o sem palavras e sem limites que a guerra estabelece, o narrador expõe a imagem das vidas humanas desperdiçadas e do local onde elas perecem

como algo inexplicável. Aí surge a referência bíblica do livro de Genesis 1:2 da terra e sem forma e vazia (*Tohuwabohu*)⁴⁹. Esta é a condição da terra antes da criação em que não há palavras que possam descrevê-la, pois carece de forma e “conteúdo” quando é mencionada. O mapeamento do passado feito pelo cronista mineiro mostra como seu testemunho tenta construir o passado por meio do presente, e neste, ele concebe o passado do confronto entre alemães e russos como gerador de uma consequência que não se pode imaginar nem descrever como a terra primitiva.

Ao se discutir agora a crônica “A velha”, focaliza-se que este texto rosiano apresenta para tratar do trauma e do testemunho acerca do evento que é a *Shoah*. Não que a guerra seja dispensável para se discutir o trauma e o testemunho, mas, porque os estudos sobre trauma e testemunho, na maioria das vezes, são pensados no contexto do Holocausto. Sustentado em Laub, Seligmann-Silva expõe que as testemunhas do evento traumático são testemunhas da perseguição que o nazismo infligiu aos judeus. Guimarães Rosa oferece, no início de “A velha”, elementos em que o real e a ficção se confundem. O cronista mineiro relata sobre o tumulto de judeus em condições precárias que invadiam o consulado, tendo como última esperança suicidar-se. O narrador oferece, ao seu leitor, uma prévia dos acontecimentos que indicam as consequências que os semitas na Alemanha viriam a experimentar. No entanto, o cronista mineiro, ao presenciar as condições precárias por que que passavam os Judeus expõe que: “[v]ê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso.” (ROSA, 1970, p. 108) como na imagem abaixo:



Hitler falando ao rádio. <http://www.bundesarchiv.de>

A imagem acima revela como Guimarães Rosa ficcionalizou a realidade. A divulgação do discurso nazista obviamente tinha como um de seus objetivos propagar uma concepção

⁴⁹ Em Hebraico: וְבֹהוּ תְהִי (Genesis, 1:2).

antissemita e o destino dos semitas seria, obviamente, os campos de contração. Tem-se até agora do cronista mineiro não o evento traumático da *Shoah*, mas um relato da situação anterior das futuras vítimas dos campos de trabalho. No entanto, até agora não há um testemunho propriamente dito, como se explorou no subcapítulo dedicado a *O local da diferença*, pois, para se definir este conceito, mesmo em grosso modo, seria necessário levar em consideração, tratando-se da Alemanha nazista (contexto da crônica rosiana) os eventos traumáticos da guerra e da *Shoah*. Porém, há um teor testemunhal, pois o narrador exhibe acontecimentos prévios para que, adiante, se tenha o testemunho em torno do campo de concentração e, em seu diálogo, com a senhora Verônika, mostra que:

Relembrava — revocava — sorriu-se a um persistir de imagens? E estremeceu. Voltava às brumas do presente, à sua gélida pátria. Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados. Olhávamos, ali, na parede, de corpo inteiro, o marido. — “Ele era judeu, sabeis?”/ E — o retamente, o raso: a filha, também tão idosa *Dame* Angélica, seria teuto-hebréia uma *mischling*, “mestiça do primeiro grau”, segundo o código hediondo. Dona Verônica o disse, de soçobro. A filha, por sua eiva aboriginal, corria grave perigo. Ela, a Mãe, tinha de solicitar-se daquilo. [...] — “Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ele jamais o souberam... Foi em vosso país... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos freqüentava... O pai de minha filha não era de sangue judeu...” (ROSA, 1970, p. 110)

Portanto, o início da crônica rosiana expõe um testemunho complexo no sentido de que, o Dr. Káspar Eswepp, marido de dona Verônika, relatou, à sua esposa, os fatos ocorridos nos campos de concentração e o cronista mineiro narra esses mesmos fatos colocados por Verônika. Em outras palavras, o Dr. Káspar é a testemunha primária do evento traumático, pois como judeu na Alemanha nazista, experimentou a perseguição do Nacional Socialismo sendo uma vítima dos campos de concentração. Guimarães Rosa narra experiências da personagem alemã em questão, testemunhando como esta relata as vivências de seu cônjuge, no entanto, o que se destaca aqui são o trauma e testemunho, segundo a concepção de Seligmann-Silva, exposta no subcapítulo centrado no teórico brasileiro. Fundamentado em *Niederland*, Seligmann-Silva demonstra que, nos sobreviventes de campos de concentração, há uma incapacidade de verbalizar o trauma experimentado. Sob esse aspecto, quando o cronista mineiro reitera os relatos da personagem sobre o marido no campo de trabalho, observa-se que o narrador utiliza de um neologismo que une o nome próprio Hitler a o substantivo atrocidade para formar outro substantivo denominado de “hitlerocidade”.

No entanto, compreende-se que este recurso neologístico do narrador é uma

confirmação de que a testemunha não encontra na linguagem as palavras necessárias para expor com toda intensidade o terror experimentado. Dando continuidade ao trauma que não pode ser exposto “fielmente” pela linguagem, Guimarães Rosa destaca as “trágicas técnicas”, fazendo referência aos experimentos, às torturas nazistas infligidas aos semitas e ao sentimento de raiva impregnado nos membros do Nacional Socialismo. Pois estas eram as condições peremptas que judeus tinham que suportar nos campos de trabalho. Expôs-se anteriormente quando se discutiu *O local da diferença* como seu autor se respalda em Laub, para afirmar que a incapacidade de tradução total da experiência vivida nos campos de concentração não se dá apenas sobre os termos da linguagem, mas do pensamento e da memória. Dando-se destaque à memória, coloca-se como o testemunho em “A velha” tem a tarefa de possibilitar uma “saída” do que está cercado na memória da vítima, ou seja, a sua experiência no campo de concentração, pois esta é uma tentativa em que o Dr. Káspar tenta libertar-se da imagem traumática.

Deve-se reforçar que se está interpretando a vivência do esposo de *Frau Verônika* no campo de trabalho, pois, como o médico da crônica era judeu, obviamente não foi poupado da perseguição nazista. Tendo consciência do tormento que o Dr. Káspar sofreu dona Verônika quer tentar livrar sua filha, *Dame Angélika* do Holocausto, no entanto, a única forma de salvar a filha seria provando que Angélika não era filha do médico judeu. Verônika ao expor que Angélika era “teuto-hebréia”, teuto, um dos povos que deu origem aos alemães e hebreu, antigo povo judeu; solicita ao narrador, pela via judicial excluir sua prole dos campos de trabalho, pois segundo a lei de Nuremberg de 15 de setembro de 1935 [*Die Nürnberger Gesetze vom. 15 September 1935*]:

Judeu mestiço é quem procede de um ou dois avós judeus puros mesmo que esteja de acordo com o § 5 °2 enquanto judeu. Aplica-se há um avô como judeu puro se ele pertenceu à comunidade religiosa judaica. (NUREMBERG, § 2, II, 1935) [tradução nossa]⁵⁰

No entanto, completa-se colocando que: “Como judeu, aplica-se, também a partir de dois avós judeus puros, procedendo de nacionalidade mestiça judaica.” (NUREMBERG, § 5, II, 1935) [tradução nossa]⁵¹ Porém, como mestiço [*Mischling*] de primeiro grau tendo cinquenta por cento de sangue judaico e outra metade alemão, o cidadão era isento de ir para

⁵⁰ Em alemão: “2. Jüdischer Mischling ist, wer von ein oder zwei der Rassen nach volljüdischer Großeltern teilen abstammt, sofern er nicht nach §5 Abs.2 als Jude gilt. Als volljüdisch gilt ein Großeltern teil ohne weiteres, wenn er der jüdischen Religionsgemeinschaft angehört hat.” (NÜRNBERGER, § 2, II, 1935)

⁵¹ Em alemão: “2. Als Jude gilt auch der von zwei volljüdischen Großeltern abstammende staatsangehörige jüdische Mischling” (NÜRNBERGER, § 5, II, 1935)

os campos de concentração. O testemunho do marido sobre o holocausto era um relato do trauma vivido que a personagem não queria que sua filha, Angélica viesse a padecer. Todavia, o contexto histórico autoritário reconhecido pelo narrador, que confirma a lei de Nuremberg como um código hediondo, mostra como a *Shoah* é determinante para se pensar o trauma e o testemunho como foi dito no subcapítulo referentes a esses conceitos.

Quando, no subcapítulo referente ao *O local da diferença*, mostrou-se a *Shoah* como evento central que contribuiu para os estudos do trauma e do testemunho, obviamente as duas guerras mundiais também têm sua importância, no entanto, elas não são o evento central. As consequências traumáticas experimentadas pelo Dr. Káspar “dos campos-de-prisão, as “hitlerocidades”, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados”. Evidenciam o que Seligmann-Silva demonstra como a qualidade do evento de um nível catastrófico altíssimo e que não deve ser medido por números. É nesse contexto do discurso testemunhal na Alemanha que Guimarães Rosa oferece ao leitor apenas uma vítima (o médico judeu) que serve como exemplo confirmador de que a magnitude catastrófica do evento se discute apenas em termos qualitativos.

Deslocando-se agora o foco para a crônica “A senhora dos segredos”. Observa-se apesar do que foi exposto no subcapítulo que diz respeito ao trauma e o testemunho, como foi exposto que o evento central para os estudos desses conceitos foi a *Shoah*, cuja magnitude se mede de modo qualitativo e não quantitativo. A particularidade qualitativa do Holocausto se dá devido à imposição totalitária ter sido extrema contra judeus perseguidos e aprisionados sem condições de revidar ao ataque imposto. Diferentemente de soldados de guerra que combatem armados, com veículos e companheiros de confronto, os prisioneiros dos campos de concentração não poderiam imaginar outra possibilidade há não ser a morte, pois, não havia chance de lutar ou resistir contra o inimigo autoritário. É justamente devido a muito pequena, mas, não impossível possibilidade de sair vivo de uma guerra que este evento de terror tem um caráter qualitativo menor, ficando em destaque o quantitativo, o número de vítimas do evento.

Em “A senhora dos segredos”, a personagem *Frau Heelst* é denominada pelo narrador como uma horoscopista, que com elementos de caráter científico como a astrologia e gráficos é capaz de prever acontecimento futuros. Porém, o escritor mineiro usa de humor para ficcionar Erik Jan Hanussen (1889-1933), judeu austríaco, amigo pessoal de Hitler e que se tornou profeta do Terceiro Reich devido seus supostos poderes paranormais (animamreco.wordpress.com). A ironia do cronista de guerra traz para a Literatura, uma ironia real, pois, como podia o líder do partido alemão de caráter autoritário, racista,

antisemita etc. ter um suposto paranormal judeu como seu confidente? E que chegou ao cargo de profeta. Guimarães Rosa utiliza uma forma cômica, pois, o mestre esotérico de Hitler aparece na crônica como uma mulher em vez de homem. O termo horoscopista remete a uma maneira ironizar o dubitável poder de um vidente. O texto rosiano mostra como o que a vidente supostamente revela não é nada mais do que a maior das probabilidades do momento histórico alemão, a guerra e as vidas que perecem nesta. O narrador brinca com a superstição do líder nazista que para ele mostra uma enorme fraqueza com suas crendices. Em diálogo se diz:

— E por que não recorrer aos horóscopos dos rapazes em idade militar? —
Oh, não, não, não... — e *Frau Heelst* riu arredondado. — Esses não vêm aqui... [...] Com as estatísticas, globalmente, dos nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já pairasse, sobre centenas de milhares de vidas, o influxo ominoso de Marte. (ROSA, 1970, p. 212-213)

Portanto, repete-se esta citação, porque esse trecho serve como imagem para explicitar também o caráter quantitativo da guerra. Percebe-se que os jovens da Alemanha nazista mesmo tendo a possibilidade de ter conhecimento de seu destino, preferem não sabê-lo. Mesmo Guimarães Rosa não narrando a continuação do relato de Frau Heelst sobre os jovens alemães, nota-se que, em seguida, com um argumento científico estatístico, que a juventude estava direcionada para a futura guerra que viria explodir. Sob esse aspecto pode-se relacionar o caráter quantitativo das milhares de vidas que futuramente sucumbiram na guerra com o que foi exposto sobre *O local da diferença*, pois, o evento traumático que se exhibe na crônica em evidência é a Segunda Guerra Mundial. Não será discutida novamente a referência grega do deus Marte, já explorada antes, devido ao interesse aqui ser como o testemunho do cronista mineiro servir de exemplo para se compreender o evento da guerra.

A crônica “A senhora dos segredos” em diálogo com “O mau humor de Wotan”, mostra como o ministro da propaganda nazista Paul Joseph Goebbels aparece em ambas crônicas. Porém, em “A senhora dos segredos”, o narrador ao retornar a Volksdorf para visitar Frau Heelst, expõe, como nesse momento, “o Dr. Goebbels andava visitando *Dantzig*”, cidade situada na Polônia e que a população era quase totalmente alemã entre as décadas de 1930 e 1940. Guimarães Rosa mostra de forma sutil como o chanceler alemão transpõe fronteiras para divulgar o discurso nacional-socialista. No entanto, tem-se consciência de que um dos elementos que faziam parte da ideologia nazista era a guerra e o Ministro da Propaganda é evidenciado na crônica como um divulgador da guerra. Nota-se que a “A senhora dos segredos”, apesar de não expor imagens sobre o Holocausto e não tratar da Segunda Guerra

Mundial, que são eventos cruciais para se discutir o trauma e o testemunho na Alemanha, tratam do contexto inicial da guerra.

No entanto, sob este aspecto do enfoque do evento da guerra que anuncia seu início em “A senhora dos segredos”, explicita-se um dos objetivos propostos por Seligmann-Silva e já discutidos no subcapítulo sobre *O local da diferença*. Mostrou-se como o teórico brasileiro não estabelece uma definição estrita de Literatura de testemunho, mas colocar como autores do século XX geralmente focados em catástrofes como a guerra e a *Shoah*, por exemplo, discutem eventos que são indispensáveis para o testemunho. Se não tratam diretamente do conceito de testemunho, pelo menos, evidenciam um forte teor testemunhal em sua obra, como, por exemplo, este contexto pré-Segunda Guerra Mundial que na crônica rosiana que acabou de se expor.

Viu-se que em “A senhora dos segredos”, tem-se um contexto pré-Segunda Guerra Mundial; em “O mau humor de Wotan”, o decorrer da Segunda Guerra mundial e em “A velha” a ocorrência da *Shoah*. Os dois eventos de terror e o contexto antes da Segunda Grande Guerra Mundial das crônicas rosianas oferece, ao leitor, imagens dos milhares de assassinatos proporcionados pela tecnologia bélica do século XX. Com base no *corpus* rosiano discutido aqui, é possível detectar como, nestas crônicas, Guimarães Rosa insere-se entre os autores do século XX que testemunharam ou expuseram em sua Literatura um teor testemunhal. As crônicas rosianas mostram a violência e o contexto desta agressão contra a humanidade. Essas crônicas produzidas durante o período em que o escritor mineiro esteve como diplomata da Alemanha, são, segundo a concepção de Seligmann-Silva, textos da Literatura do século passado em que Guimarães Rosa, como testemunha secundária, narra o trauma experimentado na Alemanha nazista.

3. RECEPÇÃO DAS CRÔNICAS ROSIANAS DE GUERRA NO SÉCULO XX

Este livro não pretende ser um libelo nem uma confissão, e menos ainda uma aventura, pois a morte não é uma aventura para aqueles que se deram face a face com ela. Apenas procura mostrar o que foi uma geração de homens que, mesmo tendo escapado às granadas, foram destruídos pela guerra.
(Erich Maria Remarque)⁵²

Neste capítulo, opta-se por expor o conceito de recepção formulado por Hans Robert Jauss (1921-1997) em *A história da literatura como provocação à teoria literária*, pois, após a colocação da noção jaussiana, será tratada a recepção das crônicas rosianas. Aborda-se dois artigos, que são “O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em ‘O mau humor de Wotan’, de João Guimarães Rosa” de Santiago Sobrinho (2009) e “Guimarães Rosa e o terror total” de Jaime Ginzburg (2010)⁵³. Pelo fato de, grosso modo, um artigo ter uma curta extensão, não ter espaço suficiente para se desenvolver as ideias tanto quanto um livro e por se ter somente dois trabalhos críticos sobre as crônicas rosianas, esclarece-se que o terceiro capítulo desta dissertação será constituído de forma breve. No entanto, não se pretende banalizar o tema abordado.

Para Jauss, existe uma relação dialógica que diz respeito à Literatura e ao leitor. Tal relação clarifica-se quando se entende o leitor como o receptor de uma obra ou quando se concebe que há um horizonte de pergunta e resposta, possibilitado pela experiência do receptor com a obra. É importante frisar que, para o teórico alemão, a obra é pensada enquanto sua abstração, ou seja, em seu “conteúdo” literário e não na matéria física que o “acompanha”. Seja como livro, mídia digital, jornal, etc., o texto literário é, para o teórico da recepção, indiferente a estes “suportes” físicos. A relação dialógica existe entre o leitor e a Literatura a recepção possui tanto características estéticas quanto históricas. O caráter da

⁵² REMARQUE, 2013, p. 8. Cf. o original: “Dieses Buch soll weder eine Anklage noch ein Bekenntnis sein. Es soll nur den Versuch machen, über eine Generation zu berichten, die vom Kriege zerstört wurde – auch wenn sie seinen Granaten entkam.” (REMARQUE, 1971, p. 2)

⁵³ Abdica-se de tratar do texto de Paulo Soethe *A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico*, porque, nesta obra o autor discute dados biográficos do cronista mineiro como influência da cultura língua, sociedade alemães, etc. que aparecem nas crônicas em questão. No entanto, Soethe não discute os conceitos de trauma e testemunho na literatura do cronista mineiro nem se foca no contexto autoritário que Guimarães Rosa destaca em suas crônicas de guerra. Ginzburg retomar a fala de Soethe sobre a biografia rosiana, que se confunde na ficção, porém, dá destaque para o terror nazista, o que não isenta de discutir o texto soetheriano, pois, ao se questionar a recepção de Ginzburg, estar-se-á indiretamente tocando no texto de Paulo Soethe no que é central para a discussão do trabalho que é o contexto nazista alemão. Opta-se por essa esquematização devido ao limite de laudas que são desejadas em uma dissertação, já que esta pesquisa é um produto da comunidade acadêmica.

implicação estética demonstra como o leitor, em uma recepção primária de determinada obra, compara esta a outra já lida anteriormente e, dessa forma, pode avaliar o seu valor estético. O caráter da implicação histórica consiste em uma cadeia de recepções, pois este fenômeno concebe que a compreensão de um público que experimenta uma obra pode dar continuidade seguida por sucessivas gerações de leitores, logo, dessa forma, o significado histórico de um texto literário contribui com a qualidade estética que lhe pertence.

É justamente pelo fato da Literatura ser contemplada por sua dimensão da recepção e pelo efeito que a oposição entre o estético e o histórico, manifestada em atos de leitura, se configura mediada. O fenômeno passado manifesta um nexos com o presente, pois viu-se como o estético e o histórico mantêm um nexos no ato de leitura⁵⁴. Observa-se que a obra literária não é independente em si mesma, pois carece de público para que atos recepcionais sejam possíveis. Uma obra, portanto, jamais se manifestará da mesma forma para diferentes públicos, como se ela tivesse um aspecto único que pudesse isentar as vivências externas do receptor no ato de leitura. Notoriamente é pelo fato de a obra não se constituir de um único aspecto, como se fosse sempre compreendida da mesma maneira por diferentes leitores, que ela não é caracterizada como um Ser atemporal, que não sofre modificação possibilitada pelo receptor.

A teoria de Jauss concebe que, na História da Literatura, se manifesta o fenômeno da recepção em que os leitores atualizam as obras mediante o ato de leitura, pois isso realiza o caráter estético do texto literário. Manifesta-se ainda o fenômeno da produção estética em que o escritor é o responsável e o crítico tem por finalidade a reflexão tanto no que diz respeito ao leitor quanto ao escritor. Na História da Literatura o acontecimento literário produz efeito, na medida em que as gerações futuras façam a recepção de obras passadas, ou seja, há a continuidade da recepção que novamente é apropriado pelo receptor. No acontecimento literário o autor também se caracteriza como leitor no momento em que experimenta determinada obra com a intenção de imitar, contestar, opor, etc.

No entanto, o acontecimento literário é concebido pelo teórico alemão, inicialmente no horizonte de expectativa gerado pela experiência com a obra pelos diferentes tipos de receptores, autores e críticos sejam de uma mesma época ou de outra posterior. É óbvio que neste contexto da Literatura como um acontecimento, o receptor, o autor e o crítico que experimentam um texto literário, são todos leitores. Não é indefinidamente que um público

⁵⁴ Faz-se uso da expressão “ato de leitura” como sinônimo de recepção estética. No entanto, esta expressão tem um sentido diferente quando exposta na teoria estético-recepcional de Wolfgang Iser. O que se quer dizer é que Iser e Jauss têm projetos teóricos diferentes, embora, se possa utilizar a expressão em questão nos dois teóricos desde que se reconheçam as diferenças entre ambos.

recebe uma obra, como se ela fosse algo absolutamente novo se apresentam em um vazio. O texto literário carrega consigo sinais visíveis, familiaridades que são traços dele mesmo, indicações implícitas etc. Dessa forma, os leitores recebem a obra com algumas “marcas” de definição em certo sentido. A obra é capaz de despertar memórias de outra já experimentada, expectativas, emoção, etc. assim a compreensão como primeiro nível hermenêutico possibilita que, depois desse ato, seja possível questionar a interpretação subjetiva e o gosto dos leitores dados com base no primeiro contato com o texto literário que, como foi dito, oferece certa definição a seu público.

No acontecimento literário se observa a objetivação em obras que oferecerem a seus leitores referências por meio do gênero, forma ou estilo, elementos que provocam em seu público um horizonte de expectativas que depois será modificado. É como se o leitor fosse conduzido, por exemplo, para algo inesperado em relação ao gênero, forma ou estilo que saísse do padrão, como um romance com poucos personagens. No entanto, estas possíveis modificações no ato de leitura servem tanto para o crítico quanto para o leitor, pois, produzem efeitos poéticos concebíveis na recepção. Porém, na recepção, está presente o horizonte de expectativas mesmo em obras literárias que não carregam historicamente aquele contorno em que o horizonte marcado pelo gênero, forma ou estilo é destruído gradativamente, pois

a possibilidade da objetivação do horizonte de expectativa verifica-se também em obras historicamente menos delineadas. E isso porque, na ausência de sinais explícitos, a predisposição específica do público com a qual um autor conta para determinada obra pode ser igualmente obtida a partir de três fatores que, de um modo geral, se podem pressupor: em primeiro lugar, a partir de normas conhecidas ou da poética imanente ao gênero; em segundo, da relação implícita com obras conhecidas do contexto histórico-literário; e, em terceiro lugar, da oposição entre ficção e realidade, entre a função poética e a função prática da linguagem, oposição esta que, para o leitor que reflete, faz-se sempre presente durante a leitura, como possibilidade de comparação. Esse terceiro fator inclui ainda a possibilidade de o leitor perceber uma nova obra tanto a partir do horizonte mais restrito de sua expectativa literária, quanto do horizonte mais amplo de sua experiência de vida. (JAUSS, 1994, p. 30)⁵⁵

O surgimento de um texto literário, em um dado momento histórico, em contato com

⁵⁵ Em alemão: “Die Möglichkeit, den Erwartungshorizont zu Objektivieren, ist aber auch bei historisch weniger profilierten Werken gegeben. Denn die spezifische Disposition für ein bestimmtes Werk, mit der ein Autor bei seinem Publikum rechnet, kann bei fehler explizitar Signale auch aus drei allgemein voraussetzbaren bei Faktoren gewonnen werden: erstens bekannten Normen oder immanenten Poetik der Gattung, zweitens aus den impliziten Beziehungen zu bekannten Werken der literarhistorische Umbeugung und drittens aus dem Gegensatz von Fiktion und Wirklichkeit, poetischer und praktischer Funktion der Sprache, der für den reflektierenden Leser Während der Lektüre als Möglichkeit des Vergleichs immer gegeben ist. Der dritten Faktor schließt ein, daß der Leser ein neues Werk sowohl im engeren Horizont seiner literarische Erwartung als auch im weiteren Horizont seiner Lebenserfahrung wahrnehmen kann.” (JAUSS, 1979, p. 177)

público em que a obra pode surtir um efeito de superação, decepção, oposição etc. caracteriza um fenômeno que é crucial para o valor estético da arte literária. O horizonte de expectativas pré-existente possibilitado pelo leitor que já experimentou uma obra e a distância em relação a um novo horizonte, ou seja, uma mudança de horizonte possível pelo ato do receptor com uma nova obra acolhida são do ponto de vista de estética da recepção jaussina, uma determinação do artístico em um texto literário. Pode-se analisar o caráter artístico de um texto literário, levando em consideração o distanciamento estético, contrário às expectativas de primeiros leitores, pois se, na experiência, o receptor tem sua percepção contrariada, seja por prazer ou estranhamento, essa nova forma de percepção nada mais é do que uma qualidade da obra que se apresenta no ato de leitura. No entanto, esta negatividade, esta estética de oposição expectativa, pode gradativamente tornar-se obviedade em que um público posterior que, não fará a recepção pela dialética negativa, assim a obra se apresenta com a qualidade de identificação em que o receptor se familiariza com o texto literário ao invés de ter uma expectativa de oposição.

É preciso deixar claro que, para o teórico alemão, a identificação não pode ser confundida com a arte “culinária” [*Kulinarischen*], pois isso remeteria a um texto de caráter não artístico que se caracterizaria como uma forma de entretenimento para o leitor. A qualidade de entreter de um texto é simplesmente, para o teórico da recepção, uma forma de estar dentro dos padrões contemporâneos de consumo. Dessa maneira, a experiência é de caráter comercial e nela se vende e compra um texto como um produto sem nenhum caráter artístico. Neste contexto, a arte “culinária” além de não proporcionar uma experiência em que o leitor pode ter uma mudança de horizonte, serve unicamente para atender os gostos de uma determinada classe consumidora. A arte “culinária” é uma configuração de um produto cujas normas satisfazem o desejo “palatável” de quem as consome.

É na negatividade transformada em obviedade que surge o horizonte estético futuro de uma obra. Esta mudança de horizonte que se transforma é para Jauss, um dos caracteres que determinam o caráter clássico de uma obra e a eleva a um valor de obra-prima onde sua estética bela que se torna obviedade a qualifica com um “sentido eterno” (JAUSS, 1994, p. 32). Sempre que um público experimentar a obra, haverá um horizonte de expectativa. Seria um erro aproximar, segundo o teórico alemão, as noções estético-recepcionais da arte literária do caráter da arte “culinária”, pois, nesta última, não há horizonte de expectativas, seja pela obviedade ou negatividade, há somente pacificação, convencimento, palatabilidade, etc, necessários em um produto que visa a atender o prazer do consumidor.

Sustenta-se, em Jauss, para se afirmar que uma obra, já experimentada anteriormente,

pode ter no presente um público que pode compreender o texto literário em um horizonte de reconstrução do passado. No entanto, abarcar a obra retrospectivamente com a expectativa que ela atendeu no passado é um ato em que o leitor realiza uma fusão de dois horizontes, um mais específico da obra e um mais amplo da experiência de vida. Isso é possível devido no texto literário haver um sentido virtual que pode ser atualizado quando o leitor, em seu ato, compreende a obra no horizonte histórico e realiza, na recepção atual, outra expectativa em relação ao texto literário. Assim o horizonte histórico e o atual são fundidos. Porém, a Estética da Recepção coloca que há um duplo ganho na reconstrução do horizonte, pois é possível saber como uma obra deu respostas ao leitor do passado, como ele compreendeu aquele texto. Além disso, clarifica-se a diferença entre o ato recepcional do passado e a resposta que a obra literária dá, no presente, ao seu receptor. Logo, o passado e o presente de um texto literário são mobilizados na experiência estética do leitor.

A experiência estética permite ao leitor ter conhecimento a distancia entre os significados de uma obra literária, seja o atual ou virtual. Neste último, o caráter artístico de um texto literário, de seu significado enquanto inovação pode não ser detectado no primeiro horizonte de publicação de uma obra nem muito menos desgastar essa inovação fazendo contrastes entre a nova e a anterior obra. Quando o texto literário tem, em seu primeiro horizonte, expectativas muito grandes, a ponto da obra se revelar como inacessível ou surpreendente, oferecendo resistência ao receptor, é necessário um extenso processo de recepção em que o significado virtual se revela. Dessa forma, um horizonte atualizado pode oferecer uma forma mais “contemporânea” que permita interpretar uma obra antes não compreendida. Assim, a Estética da recepção oferece meios para que o leitor receba obras esquecidas ou rejeitadas antes, devido à incompreensão gerada no primeiro horizonte, tenha expectativas atuais e compreender o significado da obra que ficou encoberto, pois é preciso um processo recepcional longo para que fosse possível o acesso ao horizonte de expectativas. No entanto, é importante destacar que a recepção de um texto passado, seja por, ele somente agora poder ser compreendido (mediante do extenso processo recebeu), seja por uma nova estética da atualidade experimentar a obra do passado, seja pela possibilidade de, no presente, se ter a resposta que a obra dá à pergunta do momento, etc.

Jauss expõe ser possível a apreensão de um horizonte de expectativas de uma obra que se encontra simultaneamente dentro de um sistema literário (sincronicamente) e dentro de um momento histórico. No entanto, a recepção do texto literário pode ser realizada com uma não-simultaneidade em que o contexto recebeu de uma determinada obra (diacronicamente) o leitor pode fazer a recepção como atual ou não, por exemplo, percebendo se a tecnologia

concebida no ato da leitura é ultrapassada ou não para seu tempo. O teórico alemão propõe que, na estética da produção, os textos literários que surgem simultaneamente fazem parte de uma multiplicidade de textos que, em diferentes contextos recepcionais se caracterizam não-simultaneamente. Isso é possível devido ao fato de cada obra ser dotada de sua própria estética, mesmo que pertença a um sistema de uma época, porém, cabe ao receptor o ato de percebê-las em um horizonte comum em que, ao relacionar um texto literário com outro, o leitor os apreende em sua atualidade.

O ato de leitura é concebido pelo teórico alemão como uma experiência da *práxis* humana que libertadora de imposições da vida, e o receptor passa a ter um novo “olhar” sobre as coisas. O horizonte de expectativa gerado na experiência do leitor com a obra é capaz de conservar as experiências da vida (*práxis* histórica) e também de antecipar para o receptor possibilidades ainda não concretizadas. Ampliando o limite do comportamento social humano como novos desejos, objetivos, pretensões, etc, a linguagem de caráter fenomenológico de Jauss propõe que o ato de leitura expande as possibilidades do receptor de uma maneira que abre novas vias para experiência futura. A experiência de leitura é, notoriamente, uma experiência ontológica do homem no mundo diante da obra de arte. Assim, essa experiência é uma abertura para o limite social do homem. Tal ato ontológico de leitura pode antecipar experiências futuras, pois obviamente a capacidade de perceber as coisas, de uma nova maneira, amplia as possibilidades do homem e concebe para si novas experiências futuras, conquistas, ocupações, lazeres, etc.

O ato de leitura permite não somente que o receptor possa contrastar a nova obra com outras formas artísticas, mas com a própria dinâmica da vida cotidiana. Dessa forma, a constituição ética de uma obra relacionada com sua função social é compreensível por meio de sua recepção. Pergunta, resposta, problema e solução são caracteres que exprimem o efeito de um texto literário que é criado pelo ato de leitura. Além deste contraste realizado pelo receptor em relação ao texto literário, pode-se romper a compreensão com o horizonte de expectativa predeterminado se se imaginar a relação pergunta e resposta quebrada. pois:

Contudo, a obra literária pode também — e, na história da literatura, tal possibilidade caracteriza a nossa modernidade mais recente — inverter a relação entre pergunta e resposta e, através da arte, confrontar o leitor com uma realidade nova, “opaca”, a qual não mais se deixa compreender a partir de um horizonte de expectativa predeterminado. (JAUSS, 1994, p. 56)

Traçou-se até aqui uma esquematização sobre o conceito de recepção de Jauss e percebeu-se a importância da Literatura na vida social. No entanto, não se pode conceber a

Literatura como uma forma representativa, conjunto de textos caracterizados sob o perfil de um sistema, uma arte que existe por si só, etc.. A Literatura tem, para o teórico alemão, uma relação íntima e dependente de seu leitor, que pode contrastá-la com a vida ou com outras formas de arte, ampliar suas possibilidades de comportamentos futuros, resgatar uma obra do passado, etc. Segundo Jauss, para se compreender esta função social da obra literária é necessário considerar o receptor como elemento de fundamental importância no âmbito da História da Literatura, visto que a função social da arte é possível em uma experiência estético-recepcional de caráter ontológico e descreve-se o ato de leitura como essencial para o homem.

Discutiu-se a concepção jaussiana que serve de sustentação para poder lidar com a recepção crítica das crônicas de guerra de Guimarães Rosa. Agora é necessário expor como os autores críticos fizeram uma recepção tardia. Se se considerar que estas obras críticas foram inicialmente produzidas somente três décadas após a publicação de *Ave, palavra*, coletânea que que abrange as crônicas alemãs (“O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”) do escritor mineiro. Em seu texto intitulado “O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em ‘O mau humor de Wotan’, de João Guimarães Rosa”, Santiago Sobrinho que, diferentemente de outros autores, classifica o texto rosiano como conto ao invés de crônica⁵⁶. No entanto, isto não interfere na interpretação que se faz. A obra de Santiago Sobrinho discute especificamente “O mau humor de Wotan”, mostrando como dados da vida do escritor mineiro são ficcionalizados e como nesta obra da literatura surge como exemplo para o conceito sociológico de “inimigo objetivo” [*Objektiv Feinde*], formulado segundo a concepção de Hannah Arendt (1906-1975) (*Origens do totalitarismo*) [*The origins of totalitarianism*].

Santiago Sobrinho inicia o texto lidando com elementos biográficos que mostram como Guimarães Rosa como diplomata na Alemanha entre os anos de 1938-1942, experimenta como cidadão estrangeiro o impacto da guerra e do regime nazista. O crítico brasileiro mostra sustentado em Ana Luiza Costa (“Veredas de viator”), como o cronista mineiro registra, com uma linguagem poética, o confronto aéreo entre aviões alemães e ingleses que provocam sons assustadores. A batalha aérea, descrita pelo escritor brasileiro, acontece em um céu espelhado como água que é “agredido” por bombardeios que como socos de punhos gigantescos. Na explicação do crítico brasileiro, tem-se um episódio da vida de Guimarães Rosa na Alemanha,

⁵⁶ Não se discutirá o motivo do autor classificar o texto rosiano como conto, pois não está em questão neste trabalho a classificação por gênero. Porém, por motivos que demonstram um forte teor de realidade ficcionalizada de fatos históricos e em concordância com Jaime Ginzburg (“Guimarães Rosa e o terror total”) será mantida a denominação crônica para “O mau humor de Wotan”.

que reaparecerá ficcionalizado em “O mau humor de Wotan” onde a *Luftwaffe* [Força aérea alemã] se destruía diante do poder de resistência inglesa comparada na crônica a uma bigorna.

A crônica rosiana, ao expor a relação entre o narrador e seu casal de amigos, Hans-Helmut Heubel e Márion Madsen, trata de laços familiares que são afetados pela guerra. Neste contexto, Santiago Sobrinho coloca que Heubel é descrito no início da crônica como um cidadão alemão que não se enquadra no perfil nazista. Pois, no começo da crônica de guerra, o amigo do narrador lê a Cabala (livro místico de origem judaica) ou a Bíblia, livro sagrado do Cristianismo, que prega, como uma de suas doutrinas mais conhecidas, o amor ao próximo. Seja pela aproximação ao Judaísmo ou ao Cristianismo, é notório como o personagem rosiano assume posições totalmente divergentes da ideologia antissemita e autoritária do Nazismo, que provocou a Segunda Guerra Mundial, e mostrou-se efetivamente despreocupada com o bem do próximo.

Fatos históricos como a invasão da Tchecoslováquia que, durante a Segunda Guerra Mundial, vê-se cercada pela anexação austríaca nazista são referidos no texto. Em consenso entre a França e a Inglaterra, são cedidas para Hitler, pacificamente, partes da Tchecoslováquia, para que se evite, neste momento, a possibilidade de a Inglaterra se confrontar com a Alemanha. Na crônica de guerra, o narrador descreve como, na Alemanha, se falava com ira da perda do território da Tchecoslováquia. Esse autoritarismo de Hitler, ansioso por dominação que, segundo Santiago Sobrinho, respaldado em Eric Hobsbawm na obra *Era dos extremos*, resultou no Acordo de Munique em que fatias do território almejado pelo líder do Nazismo lhe foram cedidas. O episódio histórico aparece em “O mau humor de Wotan”, sem distorcer o que há de fundamental na História, o desejo do líder nazista de conquista europeia. A narrativa é conduzida pelo contraste entre a beleza da natureza, flores dos castanheiros e os morangos maduros juntos a beleza da música de Wagner Strauss. Os jovens se distraíam tomando sovertes e remando, enquanto a realidade totalitária do regime alemão se impõe.

O artigo do crítico brasileiro comprova como Márion quer engravidar, não por um engajamento legitimamente nazista de reconhecer, em Hitler, um líder sem tempo para o amor, por se dedicar exclusivamente à política, mas, por prevenção ao terror que possa cair sobre ela ou alguém por quem tem afeto. Isso é verificado quando a personagem rosiana tenta, por medida de cautela convencer Hans-Helmut a fazer a saudação nazista de maneira mais enfática e acaba por não conseguir persuadir o cônjuge ideologicamente e até adere à filosofia de vida do esposo. Essa aparente adesão de Márion é afirmada quando o tormento da guerra passa a ser possibilidade de extermínio de Heubel e a personagem feminina clama pelo final

da Segunda Guerra Mundial, porém, distante da Polícia Secreta do Estado, Gestapo.⁵⁷ O desejo pelo fim da guerra e o cuidado para que sua vontade não seja ouvida pela polícia nazista que reprimia qualquer forma de comportamento não compatível com o Nacional Socialismo, revela a cautela de preservação de sua integridade física e de seu ente querido.

Santiago Sobrinho mostra como a política nazista assumiu como uma postura violadora da vida concebendo, desse modo, uma banalização que era capaz de reduzir homens a apenas um contingente. Isso aconteceu, porque, para o estado nazista, que estava passando por uma política de guerra e por um autoritarismo já enraizado na ideologia do partido alemão, desprezava os direitos civis. Sob esta ótica, Hans-Helmut, que era um cidadão sem caráter bélico, que apreciava uma leitura de origem semita ou cristã e que, acima de tudo, não era dotado de um porte físico que atendesse os interesses do exército alemão, se configura segundo o autor do artigo fundamentado em Hannah Arendt como o inimigo objetivo. O crítico brasileiro apoia-se na pensadora alemã para clarificar o conceito de inimigo objetivo, definido pela política do Estado, porém não como um subversivo que deseja destruir o sistema. Portanto, este inimigo não carrega uma ideologia que ameasse o Estado nem sua história justifica uma provável suspeita. Logo, ele é um detentor de tendências que são como uma doença que carrega consigo.

É sobra esse clima de guerra em que Guimarães Rosa é capaz de ver a alegria que surge entre ele e seu casal de amigos, que o crítico brasileiro lança uma visão benjaminiana. Sob essa ótica, Santiago Sobrinho mostra como a crônica rosiana oferece uma imagem em que os soldados voltam silenciados em relação ao terror da guerra. Segundo o autor do artigo, isso exemplifica a concepção benjaminiana que trata da pobreza de experiência dos soldados que retornavam da batalha, pois havia entre eles uma pobreza de experiência comunicativa sobre o que foi vivenciado no campo de batalha. Um exemplo oposto a esse e que obviamente não serve para explorar a pobreza de experiência é o caso de Márion, que tem uma rica experiência comunicável visível, em suas lembranças do amado que se fez ausente durante as convocações para guerra. As experiências comunicáveis de Márion, por exatamente não ter vivenciado os horrores do campo de batalha, não são soterradas como as dos sobreviventes da guerra.

Por causa da postura de inocência do casal da crônica rosiana, o autor do artigo compara os personagens. Márion, apesar de prudente diante do Nazismo, e Hans-Helmut ao conto *João*

⁵⁷ Esta mesma interpretação que diz respeito à aparente adesão de Márion ao Nazismo aparece também na crítica de Jaime Ginzburg em “Guimarães Rosa e o terror total”, no entanto, quando for mostrada a recepção crítica deste texto não se tocará novamente sobre este aspecto da personagem rosiana. Porque já se percebeu este aspecto como identificável na recepção crítica.

e Maria [*Hänsel und Gretel*] dos irmãos Grimm que transitam pela floresta, sem perceber o perigo que os rodeiam. Assim é o casal criado por Guimarães Rosa, ela casa-se com Heubel e acredita no retorno ileso do cônjuge; ele absorve a cultura francesa do vinho e do idioma durante sua primeira convocação para a guerra. A postura dos personagens aparece de uma forma em que a realidade da guerra e de um regime autoritário não os faz refletir sobre o perigo iminente da guerra, que poderia não somente fazer sucumbir um dos personagens, mas exterminar toda a sua família, inclusive seu filho. É como se o casal estivesse alheio àquele contexto de realidade terrível.

O clima político percorre o texto rosiano a ponto de provocar um embate ideológico em que, de um lado, se tem o narrador e *Frau Madsen*, adeptos da oposição inglesa, representado pelo apoio ao discurso de Churchill (primeiro-ministro da Inglaterra) (1874-1965), de outro, se tem Márion e Heubel que tendiam a Hitler. Nestes tempos de tensão, a sorte de Hans-Heubel, em sua primeira convocação, o tira da frente de batalha e o coloca como datilógrafo e chofer. É sob essa perspectiva que Santiago Sobrinho destaca um dos diálogos entre a mitologia nórdica e “O mau humor de Wotan”, pois mostra como o ente mitológico Norna, controladora da sorte, atua sobre Heubel. Veja-se este trecho da crônica:

Quem irá, porém, esmiuçar o grão primigerador, no âmago de montanha, ou o nó causal num recruzar-se de fios, dos milhões desses que fiam as Nornas?/ Porque todo minuto poderia ser uma origem. (ROSA, 1970, p. 5)

Acerca dessa citação, o crítico brasileiro coloca que quando a esposa de Hans-Helmut conheceu a esposa do Capitão K., se daria o “minuto origem”, pois:

Configura-se, possivelmente, o “minuto origem”, “nó causal” ou “grão primigerador”, início da ruína de Hans. Primigerador traz consigo a junção de primeiro+gerar+dor. Espécie de resumo dos acontecimentos que recairão sobre Hans. (SANTIAGO SOBRINHO, 2009, p. 141)

O retorno de Heubel à sua divisão confirma como ele se constitui como um inimigo objetivo, pois a política do Estado alemão defendia uma valorização de sua cultura e o personagem rosiano retorna da chamada ao Exército com hábitos da cultura francesa. Dessa forma, ele se acultura e mostra-se como um portador de tendências, cujo estado não definiria como de acordo com a política do governo. Este é o discurso que Santiago Sobrinho, amparado em Hannah Arendt, observa em “O mau humor de Wotan”. Isso se comprova quando se percebe o adicionamento de expressões francesas no vocabulário de Heubel, com o apreciar de bebidas alcoólicas como conhaque e vinho reconhecendo como uma arte da

cultura francesa. Nota-se também que o personagem nega os fatos da guerra, pois, mesmo não estando na condição de combatente, ele provavelmente, ao passar com a tropa pela frente de batalha, teria avistado vidas sucumbidas. No entanto, repulsa o terror, afirmando ter visto somente animais mortos, cavalos e cachorros.

A concepção de Hans-Helmut, oposta à do narrador, que é contra o partido de Hitler, não revela no personagem um apoio ao autoritarismo. Mas, somente configura sua posição de cidadão alemão que reconhece o terror nazista, no entanto, não quer ver seu país derrotado. Essa explicação é compreensível pelo fato de consequências prejudiciais como indenização de guerra, perda de territórios, falta de capital, etc. serem impostas a países derrotados. Aí se torna justificável a presença do discurso nacional socialista do chanceler Goebbels fazer parte da fala política de Heubel. Tal discurso é negado por Guimarães Rosa que compara o chanceler alemão ao Deus nórdico do fogo Logge, um incentivador cujo intelecto é desumano e sem vida, “miasmático”. A referência utilizada pelo escritor mineiro quando compara Goebbels a Logge é a ópera de Richard Wagner *O anel dos Nibelungos* [*Der Ring des Nibelungen*]. Sabe-se disso, porque, a narrativa medieval (canção dos Nibelungos) não tem prologo e a ópera sim. Todavia, este dado não é citado pelo autor da crítica.

Os acontecimentos da guerra fluem com bombardeios pelos ares, Heubel é chamado novamente, no entanto, o narrador tem dúvida se seu amigo ainda está estabelecendo os cargos de chofer e datilógrafo, e o filho de Márion nasce. Sem saber, ao certo, para onde o pai da criança nascida foi destacado e mantendo contato por meio de cartas com Márion e o narrador, Heubel é “ocultado” pela guerra. Guimarães Rosa evoca o antigo mundo grego clamando por Heráclito e Sófocles, Himeto e Parnasso. Esta é uma maneira do narrador se opor ao bombardeio lançado em Belgrado. A evocação da Filosofia e da Arte surge como meios de contraste à barbárie estabelecida na guerra. No entanto, apoiado no pensador Umberto Galimberti (*Psique e techne*), Santiago Sobrinho expõe que a irracionalidade surge por meio de um racionalismo estabelecido pelo partido alemão altamente organizado, pois a execução de um trabalho de exterminar pode ser considerada a semente do surgimento da técnica. Nesta impera o racionalismo e mesmo sem a imposição de regimes autoritários, o fato de não se enquadrar nesta dinâmica pode resultar em uma irresponsabilidade individual. Fica evidente como a plasticidade da crônica rosiana pode refletir consequências que reverberam até agora no homem.

No fato de receber correspondências, o crítico brasileiro observa que há um tom melancólico nas descrições feitas por Heubel nas cartas à Márion, pois, o constante avanço da tropa do personagem em condições precárias, seja debaixo de chuva, em plantações de trigo e

na lama, é interpretado como uma forma de recusa a todo aquele tormento que a guerra impõe. Talvez todas essas consequências pudessem ser evitadas se o racionalismo do Capitão K. não se sobrepusesse em relação à amizade. Provavelmente, a segunda convocação de Hans-Helmut se deu devido à falta de importância que ele dava à guerra quando relatou, no jantar com a família do Capitão K., um resumo de nenhuma experiência da guerra. Tal conduta do personagem provocou rancor no conservadorismo nazista do Dr. Schwartz, pai de Annelise que apreciava ouvir as façanhas de guerra do genro. Quando Heubel foi transferido para o comando do Capitão K., este como seu superior evidencia o racionalismo da técnica do nazismo, deixando claro a Hans-Helmut que nem uma relação de amizade influenciaria nas suas decisões. Nesse caso, simplesmente o enquadramento de cumprir o que o partido exigia de forma racional era fundamental.

Como um soldado sem preparação militar, Hans-Helmut é incluído no Exército alemão. Porém: “o que oprimia Hans-Helmut: não o medo, o risco, ânsia de livrar-se. Só horror enorme à maldade... Assim puderam matá-lo — primeiro” (ROSA, 1970, p. 12). Assim Santiago Sobrinho propõe que destruíram, no personagem, a possibilidade de não ver o terror. O Nazismo aparece no texto rosiano como uma forma de atrocidade tão intensa que pode fazer com que suas vítimas possam ser também os membros do partido e, mais ainda, tirar a capacidade de fuga ilusória daquela realidade brutal. Márion diz que o fato ocorrido com seu esposo foi início da sua morte deste, o que depois viria a se concretizar como óbito, quando a esposa recebeu a cruz-de-ferro, símbolo da falência do homem. Fica atestado, dessa forma, o padecimento imposto pelo Nacional-Socialismo a ponto de tornar longo um processo de sofrimento que seria como resultado final a morte.

É por meio de relações humanas que se desenvolvem em “O mau humor de Wotan”, que, de um lado, se tem o Capitão K. e o Dr. Schwarz como seguidores da doutrina nazista por simpatia pelo partido. De outro lado, Hans-Helmut é retirado das atividades do Estado Maior e destacado para o campo de batalha, por não dar importância à guerra e assumir seus gostos pelos prazeres da vida, como a leitura, o vinho, o amor, etc. Santiago Sobrinho reconhece este caráter do personagem, como condizente com uma noção schopenhaueriana buscada nas origens indianas. Tal noção é mostrada como o “véu de Maya”, que provoca a ilusão e que não pode distinguir se algo existe ou não. É desta breve maneira que o crítico brasileiro coloca como o personagem é apreciador dos prazeres da vida, sendo indiferente à guerra, todavia:

O que está implícito no conto é a obediência cega de uns e a liberdade

aprisionada de outro, respectivamente o capitão K., o Dr. Schw e Hans. O que está em questão é a improbidade de decidir sobre a vida de outrem. O que está em questão é a diferença, para além dos uniformes e o legado da(s) morte(s) sob os auspícios do horror. O uniforme veste corpos, não pessoas. Já as pessoas se deixam ou não uniformizar-se, se deixam ou não formatar-se. Eximi-las de arbítrio é tratar de outras esferas, responsabilizá-las, simplesmente, sem acuidade reflexiva, é relegar a história e as forças que a regem. (SANTIAGO SOBRINHO, 2009, p. 148)

Acompanhando-se o desenvolvimento explicativo colocado ao longo da discussão, tem-se como Hans-Helmut, o inimigo objetivo, é identificado e enviado para frente de batalha. O Estado se incumbiu de mandá-lo para o combate, pois o Capitão K. o enviou. E ainda é possível afirmar que a decisão do Capitão K. foi aprovada pelo seu sogro que tanto estimava a doutrina nazista, pois a disciplina nacional socialista da família do Dr. Schwartz foi trilhada com tanta objetividade que Annelise (esposa do Capitão K.) negou o pedido de intervenção por Heubel que Márion lhe fez. Viram-se até aqui as consequências do Estado totalitário alemão e como este fez suas vítimas dentro de um sistema organizacional implacável, por meio da plasticidade oferecida em “O mau humor de Wotan”.

Passa-se neste momento a tratar da recepção crítica de Jaime Ginzburg em “Guimarães Rosa e o terror total” (2010). Neste texto o autor, ao contrário de Santiago Sobrinho, que se focou apenas em uma das crônicas de guerra de *Ave, palavra*, faz análise do testemunho nas três crônicas de guerra (“O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”) da obra rosiana citada. O foco principal de Ginzburg é sobre a postura das personagens femininas diante do regime totalitário alemão. O início de “Guimarães Rosa e o terror total” expõe como a arte pode ser interpretada como uma historiografia inconsciente. Esta ideia de Theodor Adorno (1903-1969), retomada por Ginzburg, visível no texto *A teoria Estética* (1968) do filósofo alemão, exprime como a arte se constitui por uma dialética de antítese social. Assim a obra de arte é uma forma de oposição àquela realidade empírica que contesta. Esta fundamentação adorniana serve para introduzir como o testemunho é relatado nas crônicas rosianas de uma maneira que possa ser uma historiografia inconsciente e opor-se a um contexto violento presente na realidade empírica do século XX. Assim, a obra de arte mostra como está contido em seus conteúdos de maneira não detectável na superfície, a experiência histórica.

Apontando para a violência contida no século XX, o cronista mineiro lança imagens nessas obras em questão, que podem fazer com que o leitor reflita sobre as atrocidades do contexto histórico do século passado. Mais especificamente, o literato brasileiro volta sua atenção para a brutalidade que gira em torno da Segunda Guerra Mundial. Sob esse aspecto

pode-se destacar a vivência do escritor como diplomata na Alemanha nazista entre 1938-1942. Estes dados reais mostram sua importância na medida em que se trata de uma vítima indireta da violência da Segunda Grande Guerra. Embora durante o período em que Guimarães Rosa esteve como diplomata, o Brasil estivesse assumido uma postura antissemita (afirma Ginzburg apoiado em Maria Luiza Tucci Carneiro), o crítico das três crônicas rosianas se sustenta em Paulo Soethe para colocar que o escritor mineiro era contrário ao antissemitismo.

Sob esse olhar, concebe-se como o autor de “Guimarães Rosa e o terror total”, vê “O mau humor de Wotan” como um texto que expõe o pacifismo e uma oposição ao Nazismo, pois o próprio líder nacional socialista é classificado por Márion como um homem que não tem tempo para o amor. A própria atitude de convencer o cônjuge a seguir a linha rigorosa do partido alemão mostra a obrigação sem saída que o cidadão é imposto a aceitar. A referência ao discurso “contaminador” do ministro Goebbels. A imposição psicológica representada pela suástica, etc. Em “A velha”, a figura de Hitler divulgando sua palavra pelo rádio. O sofrimento de judeus na *Shoah*, torturados das mais diversas formas, com técnicas horrendas e com o ódio nazista que recai sobre eles. Em “A senhora dos segredos”, a exibição de *Frau Heelst* como “horoscopista” do líder nazista, o reaparecimento de Goebbels e o interesse em saber o que virá a acontecer com o III Reich. São elementos que apontam para o contexto do Nacional Socialismo entrecruzando-se dados históricos e ficcionais.

Nas três crônicas os narradores são cientes do impacto social porque passa a Alemanha durante sua História contemporânea. Dessa forma, os narradores mantêm uma relação com as personagens femininas, que leva em consideração a postura social que elas apresentam mediante o perigo que pode cair sobre elas. Nesse aspecto, Ginzburg fundamenta-se em Paulo Soethe (*A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico*) para destacar um elemento autobiográfico nas crônicas rosianas de guerra. Isso é sustentável quando se encontra em “A velha” e “A senhora dos segredos” um narrador que é diplomata, exatamente confirmando o cargo exercido no Itamarati por Guimarães Rosa. Quando, nas três crônicas, se entrelaçam biografia, ficção, História e Literatura, o autor do texto crítico reconhece uma necessidade de vincular esses caracteres a noções éticas e políticas. Em geral estas são as características que configuram um teor testemunhal na obra rosiana, conforme o que foi exposto no subcapítulo 1.3.

A perspectiva que se lança a respeito dos textos rosianos em discussão remete para uma concepção em que a arte por si só não assume uma relativa importância. O que se foca, com estes parâmetros é exatamente a relevância da estética das crônicas enquanto crônicas, pois o

crítico concebe que, do ponto de vista de Gustavo V. Garcia (*La literatura testimonial latinoamericana*), o testemunho tem como característica principal uma discussão sobre os segmentos sociais cujos direitos civis não são defendidos oficialmente, dessa forma, o testemunho pode servir como uma espécie de reivindicação por direito e apoio para que sejam defendidos por instituições oficiais, assim o caráter estético por si só não assume relevância para o testemunho. Assumindo uma estética de fragmentação em que não há uma unidade, algo que caracterize a obra testemunhal como um totalidade, assim, esta outra possibilidade de narração, desviado do que tradicionalmente proposto, o texto testemunhal encontra sua dificuldade de elaboração. Seligmann-Silva afirma que o testemunho serve para dar voz àqueles que foram calados pela repressão à que se constituiu de maneira oficial, justamente por isso que a *Shoah* aparece como de fundamental importância para “o testemunho como uma forma de recordar mortos, como que buscando um túmulo para os esquecidos.” (GINZBURG, 2010, p. 20).

No entanto, o autor de “Guimarães Rosa e o terror total”, respaldado em João Camillo Penna, demonstra que o testemunho, na América Latina⁵⁸, está intimamente ligado às consequências políticas, ele se caracteriza pelo fato de que o narrador assume uma voz coletiva no sentido de que não é um sujeito isolado, mas, mantém uma relação com um grupo ou comunidade. Ginzburg expõe que, para James Hatley (*Suffering witness*), o testemunho está vinculado à dor física, violência e repressão em graus intoleráveis. Assim, torna-se comum a criação da ambiguidade, pois: “ao mesmo tempo em que é necessário lembrar o que ocorreu, para evitar a repetição do horror, evocar a dor contribui para reencontrar o sofrimento.” (GINZBURG, 2010, p. 20) Isto que se destaca no parágrafo acima e neste aqui são as bases teóricas para o crítico das crônicas rosianas reconhecê-las como obras que carregam um teor testemunhal que se passa durante o contexto do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial.

Novamente apoiado em Soethe para tratar das crônicas rosianas⁵⁹, Ginzburg mostra como, em “A velha”, o narrador é um diplomata chamado por *Dame Verônika*. Esta mulher de idade avançada tenta comprovar para o diplomata que sua filha não era prole dela com seu marido, o Dr. Káspar, mas com um brasileiro e tenta convencer o narrador, mostrando conhecimento do Brasil como a cidade de Petrópolis e o Imperador. Tudo isso para livrar

⁵⁸ Embora o crítico que toma a ideia de Penna não exponha o contexto do testemunho na América Latina, sabe-se que se trata da história do século XX marcado por regimes ditatoriais.

⁵⁹ Não se mostrará o exemplo de Hans-Helmut, após sua primeira convocação, porque o crítico analisará o primeiro retorno da chamada ao Exército com a mesma perspectiva benjaminiana da pobreza de experiência que Santiago Sobrinho discutiu. Como foi dito anteriormente, não se tocaria novamente neste dado que volta a ser explorado em “Guimarães Rosa e o terror total”.

Dame Angelika (filha de *Frau Verônika*) da perseguição nazista já que era de família judaica. Em “A senhora dos segredos”, *Frau Heelst* parece conseguir prever o futuro e em sua segunda visita a vidente, Guimarães Rosa questiona a possibilidade de explodir a guerra e *Frau Heelst* elimina esta possibilidade, logo depois a vidente pede ajuda ao diplomata. Ela queria emigrar para o Brasil, porque, a guerra estouraria. Há aparentes traços biográficos nas crônicas como nomes de pessoas e histórias sobre elas, não importando se estes são os verdadeiros nomes ou se essas histórias aconteceram rigorosamente como estão ficcionalizadas.

O que está em discussão é a hipótese do cronista mineiro ter conhecido pessoas que tiveram uma experiência de sua história situada no contexto da Alemanha nazista. Assim há um caráter de confissão nas crônicas em que a ficção é similar ao contexto histórico contemporâneo alemão. Dessa forma, admite-se um teor testemunhal nessas obras rosianas, que podem ser articuladas com teorias do testemunho de diversos autores como Hatley, Seligmann-Silva, Penna, etc. No entanto, o autor de “Guimarães Rosa e o terror total” expõe que não há uma necessidade indispensável em comprovar ou não se as informações do texto conferem ou não, precisamente com o que, de fato, ocorreu com essas possíveis pessoas transformadas em personagens. Sob esta visão:

Os contos permitem formular a hipótese de que Guimarães Rosa tenha, em sua trajetória como diplomata, enfrentado difíceis situações. A embaixada, como lugar de mediação entre Alemanha e Brasil, pode ser um espaço em que afloram tensões, conflitos ideológicos e problemas militares. Esse espaço deveria ser particularmente difícil se Rosa era contrário ao anti-semitismo e, como sugere Soethe, preferia o pacifismo à violência nazista. Se encararmos os contos como dotados de teor testemunhal, então o foco de interesse da leitura não consiste na confirmação dos fatos biográficos como tais. Na combinação de elementos biográficos com elaboração ficcional, Rosa pode obter um alcance político e ético importante para sua produção. (GINZBURG, 2010, p. 22)

O crítico expõe que as crônicas de guerra em questão fazem surgir reflexões a respeito dos direitos civis violados na Alemanha nazista. No caso de “O mau humor de Wotan”, o recrutamento de Hans-Helmut sem o direito de abdicar ao serviço militar, negando o direito à liberdade e afetando até a vida de Márion. Tais atitudes mostram como o cidadão que viveu durante a Política de Hitler servia unicamente para se voltar aos interesses do Estado. O medo da opressão violenta do Estado se revela em “A velha”, quando Verônika tenta convencer o narrador de que sua filha Angélica não era judia pura. E em “A senhora dos segredos”, após a guerra iniciar, a vidente Heelst pede ajuda ao diplomata para emigrar para o Brasil. Nos casos

de “A velha” e “A senhora dos segredos” há a tentativa de se livrar da doutrina repressora do Estado saindo do território alemão como uma forma de sobrevivência e liberdade individual. Em “O mau humor de Wotan” uma possível saída para a sobrevivência e a liberdade individual só poderia vir pelo fim do regime autoritário.

Porém, sob essa perspectiva, Ginzburg se sustenta em Penna, outro modelo estético diferente do tradicional aristotélico mimético, pois a estética dessas crônicas está ligada ao choque evidenciado nelas. Assim, entram as personagens femininas como modelo oposto ao representado pelas figuras masculinas, que são detentoras do poder do Estado e que se ligariam à veracidade. As figuras femininas não estão relacionadas a políticas nem a ideologias de qualquer espécie. Guimarães Rosa permite outra visão do Nacional Socialismo, comumente não tratada ou até desprezada, ou seja, a da: “mulher idosa, a esposa angustiada do militar frágil, a mãe em desassossego.” Sob essa estética despertadora do choque, as mulheres temem o Estado, relatam ao narrador uma possível solução, no entanto, nada para solucionar seus sofrimentos é ofertado. Logo, o crítico coloca que a representação expostas nas crônicas batem de contra com os discursos estereotipados, que colocam os alemães como adeptos convictos do regime hitleriano e mostram como os próprios alemães temiam o totalitarismo do Nazismo como vítimas dele.

Os personagens das crônicas destacados até agora são vítimas impossibilitadas de interferir no processo histórico nacional socialista. Eles são cidadãos em uma situação perempta mediante o poder do Estado. Porém, o Brasil aparece como uma possível saída do tormento infligido nos casos de “A velha” e “A senhora dos segredos”. A mesma incapacidade de intervenção no processo histórico é detectada nos narradores, pois, segundo o crítico, há um possível elemento autobiográfico de Guimarães Rosa, nestas crônicas que talvez se relacionem com um componente autocrítico do escritor mineiro. Logo, é válido lembrar que o cronista mineiro se opôs à política antissemita (como foi abordado anteriormente) e “O mau humor de Wotan” assumem também uma posição pacifista. A autocrítica pode estar no dado biográfico do autor de *Ave, palavra*, quando ele se viu diante das consequências nazistas no período em que esteve com diplomata na Alemanha, sem poder atender a todos os pedidos de emigração, finalizar a guerra, acabar com a perseguição antissemita, etc.

Para Ginzburg, pode-se ler as três crônicas rosianas sob um olhar que sustenta o Nazismo. Apoiado em Hannah Arendt, ele mostra como a pensadora alemã concebe que o regime autoritário tenta dar movimento para História e para humanidade com a intensão de provocar uma unidade de humanidade: “Para isso, destrói os espaços entre os seres humanos,

as crenças em leis que organizem esses espaços, e o princípio mesmo da liberdade humana.” (GINZBURG, 2010, p. 24) É aí que o terror atua sobre os indivíduos que possam estabelecer condutas que não interessem ao Estado. Quando se estabelece o terror total os indivíduos são aterrorizados e tornam-se vítimas independentes de suas concepções ou ações; nem mesmo o cidadão que age sob o medo pode ter uma conduta livre da imposição do Estado, pois o terror seleciona suas vítimas independente disso.

Nesse contexto do regime autoritário, as personagens diante do medo das consequências que poderiam ocorrer na Alemanha, solicitam ajuda. Márion pede a Annelise que o Capitão K. intervenha sobre a segunda convocação de Heubel. *Frau* Verônika e *Frau* Heelst pedem por emigração. Em todos os casos as soluções não são atendidas. Isto se conecta com o pensamento de Arendt, segundo o autor de “Guimarães Rosa e o terror total”, pois há uma dissonância entre a vontade das personagens que não têm nenhuma força de atuação sobre o Estado e os interesses deste último. Neste caso:

Marion, Verônika e Frau Heelst são personagens construídas sob a sombra do “terror total” descrito por Arendt. Elas não têm condições de ter segurança, autonomia individual, expectativa de libertação de seu sofrimento. Nos três casos, o medo as motiva a pedir ajuda, e elas se dirigem aos respectivos narradores. E nos três casos percebemos o que afirma Arendt — as condutas motivadas por medo não as protegem, porque o terror não é regido por princípios que possam ser vencidos por suas sofridas vontades. (GINZBURG, 2010, p. 25)

Perdas insuperáveis como a vida sucumbida de Heubel, a tentativa fracassa de emigração são características fortemente marcadas na história do Nazismo e que são representadas nas crônicas rosianas. Assim se configura uma melancolia. A conclusão de “Guimarães Rosa e o terror total” utiliza somente “O mau humor de Wotan” para mostrar a melancolia. É comparando o escritor mineiro com Paul Celan que o crítico mostra os exemplos imagens negativas como cidades destruídas, pensamentos negativos de sofrimento e temor, uma natureza morta de flores envenenadas, etc. o sofrimento, a perda e a morte provocam a melancolia que aparece no contexto nazista.

Retomando o que foi exposto sobre a concepção de recepção de Jauss, se pode comprovar que, para Santiago Sobrinho, “O mau humor de Wotan”, é obviamente uma obra que não se apresenta em um vazio quando foi feita a publicação de *Ave, palavra*, mas, ela se apresenta intermediada por familiaridades, sinais visíveis ou não, indicações, etc. Estas características da obra identificadas pelo crítico permitiu a ele por meio de dados históricos, sociais, culturais, etc., conceber o conceito de inimigo objetivo de Hannah Arendt, perceptível

na crônica rosiana. A recepção de Santiago Sobrinho, em sua experiência com a crônica rosiana, interpretou a resposta dada pelo texto rosiano à pergunta em relação aos indivíduos alemães que não se doutrinaram pelo Estado nazista, como o inimigo objetivo. Já a experiência estética de Jaime Ginzburg que tratou do “O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”. O horizonte de expectativas marcado pela forma do testemunho do contexto na Segunda Guerra Mundial, evocaria propositadamente uma convencional expectativa que permitiria ao leitor ter uma percepção, durante a leitura das crônicas, de figuras masculinas hegemônicas representantes do regime autoritário. No entanto, esse horizonte marcado é destruído passo a passo na experiência e se estabelecem as figuras femininas e a relação que elas têm enquanto vítimas do Estado alemão.

CONCLUSÃO

Dar-se-á andamento à conclusão seguindo a mesma sequência estrutural do texto para, dessa forma, se poder tentar deixar claro para o leitor os possíveis ganhos e resultados deste trabalho. Discutiu-se primeiramente como Benedito Nunes fez seu comentário do pensamento heideggeriano. Depois se colocou como surgiram novas linhas de interpretação sobre Heidegger após a integralidade de seus textos publicados. Seligmann-Silva foi o teórico em que se respaldou para analisar o trauma e o testemunho. Mostrou-se como, em “O mau humor de Wotan”, “A velha” e em “A senhora dos segredos”, Guimarães Rosa oferece argumentos capazes de contrariar a concepção político-filosófica de Heidegger. Expôs-se como nas três crônicas em discussão, o contexto histórico delas e os acontecimentos relatados configuram-nas como Literatura de Testemunho. Definiu-se o conceito de recepção segundo Jauss e mostrou-se a recepção crítica produzida acerca das crônicas de guerra do escritor mineiro.

Os textos *A passagem para o poético* e *No tempo do niilismo*, de Benedito Nunes, foram selecionados neste trabalho por, exatamente nestas obras, o comentador paraense expor sua concepção sobre a Política em Heidegger. Seguindo uma tendência interpretativa de época de autores como Ernildo Stein e Otto Pöggeler, que tentaram achar uma unidade capaz de se configurar como um elemento totalizante do pensamento heideggeriano. Nunes, sem a integralidade dos textos do filósofo alemão, desmistifica a ilusão criada por Vitor Farias de que nas obras do pensador alemão houvesse um teor nazista. Estando correto no que diz respeito à interpretação polêmica e equivocada de Farias sobre *Ser e Tempo*, que tentava provar como a decisão política de 1933 de Heidegger estava relacionada à sua obra central de 1927. E mais ainda, o historiador acha que deve cair um peso de julgamento acerca da obra do pensador alemão por causa de sua adesão ao Nazismo. Nunes detectou o equivoco sensacionalista de Vitor farias e concebeu a relação de Heidegger com o Nacional Socialismo apenas como um dado histórico da biografia do filósofo alemão e que em nada se confunde com seu pensamento.

Porém, correto em relação ao comentário infeliz que tentou ver nos textos de Heidegger, antes da publicação das obras completas, algo referente ao Nazismo, foi Benedito Nunes. No entanto, há uma limitação interpretativa no comentador paraense. Não, não e mais uma vez não devido à sua capacidade de comentário, mas porque os textos heideggerianos lançados durante o período que Nunes produziu seu comentário. São textos em que não há como detectar o traço político do pensador alemão, porque nenhum destes textos heideggerianos contém este caractere. Elegendo *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia* como o

texto que comprova pelas palavras do próprio Heidegger, um nexó político-filosófico que é de essencial importância para se interpretar a concepção da segunda fase do pensamento deste filósofo. Mostrou-se como em 2001 se teve acesso à totalidade dos textos do filósofo alemão, inclusive do texto que se escolheu tratar nesta dissertação.

Os argumentos propostos por Heidegger, para pensar a diferença ontológica entre Ser e ente em *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*, são concebidos tendo em vista uma materialidade pertencente ao ser-aí popular, pois o povo alemão está destinado a conquistar sua Metafísica tocada e encoberta na Antiguidade clássica pelos gregos, povo que é a origem em estirpe e língua dos alemães. A exposição do texto heideggeriano, além de propor um embate com Hegel, por meio da História transcendental para combater o modelo de Estado alemão que é hegeliano e, dessa forma, concentra toda a perplexidade que a Filosofia foi em sua História, pois o pensamento de Hegel é como um bloco condensador de toda a Filosofia desde seu encobrimento (*Verborgenheit*) que se deu em Aristóteles. Fica comprovado que o proposto pelo filósofo alemão como ideologia para o Nacional-Socialismo não contém elementos biológicos excludentes, supervalorização racial ariana, ultranacionalismo alemão, etc. como foi evidenciado na doutrina hitleriana.

Na crítica feita sobre as três crônicas rosianas, mostrou-se como Guimarães Rosa coloca argumentos da cultura grega como filósofos (Anaximandro e Heráclito) e poetas (Sófocles e indiretamente Homero) que gerados por uma sociedade civilizada. Sob essa ótica, há uma ilegitimidade pela Filosofia e Literatura da Grécia antiga, reconhecida pelo cronista mineiro como elementos da formação humana ocidental que não são condizentes com a cultura, a sociedade e a arte alemães. A posição de Guimarães Rosa nega a noção heideggeriana de que há um vínculo de cultura, missão do povo, destino, etc. herdado dos gregos. A convicção de que se pode dizer isso se dá justamente porque as crônicas de guerra, mesmo que lidas levando em consideração que Heidegger não fazem menção a nenhum tipo de autoritarismo, violência, persuasão, etc., problematizam a ideia de que aceitariam que um povo com tal grau de reflexo da cultura clássica como afirma o filósofo alemão, fosse capaz de promover uma Guerra Mundial e suas consequências.

Outro ponto destacável em “A velha”, que serve como imagem para Guimarães Rosa mostrar que, no povo alemão, há cidadãos que não têm conhecimento de momento histórico e se isolaram com a intenção de se precaver diante do Nazismo. É o caso das senhoras idosas visitadas pelo narrador, elas são membros do povo alemão que não demonstram saber nem aceitar o momento histórico como importante. Assim se tem exemplos de alemães que tem comportamentos que não condizem com a possibilidade de questionamento da questão

fundamental, como Heidegger afirmou. Dessa forma, as idosas não estão empenhando-se, não há a ação delas diante da necessidade do agir de todos os membros do povo pela conquista do destino e elevação do espírito (HEIDEGGER, 2001, p. 4, § 1). Percebe-se que esses argumentos heideggerianos, que mostram o ser-aí alemão não liberto e fechado para seu Ser, se relacionam com a imagem propiciada pelo texto rosiano que se opõe a esta noção do filósofo alemão.

Comprovou-se, com base em *O local da diferença*, de Seligmann-Silva, que o trauma e o testemunho aparecem como categorias que estão vinculadas ao contexto histórico do século XX, marcado pelo excesso de violência. Assim a Literatura de testemunho, caracteriza-se como um lamento ou canto do sobrevivente dos eventos traumáticos como das duas grandes guerras mundiais, o Holocausto, etc. não se dando ênfase para o contexto da América Latina que passou por regimes ditatoriais. Optou-se analisar o trauma e o testemunho na Segunda Guerra Mundial e na *Shoah*. Assim, se pode observar como, em “A senhora dos segredos”, há uma forte preocupação por parte do narrador sobre a possibilidade do início da guerra, pois já pairava sobre os jovens em idade de alistamento militar uma tensão com o estourar da guerra. Em “A velha”, viu-se como a perseguição antijudaica culminou em atos de crueldade contra os semitas, que ficaram sujeitos aos campos de concentração, às técnicas de terror, às atrocidades, ao ódio nazista, etc. E, por fim, em “O mau humor de Wotan” o desenvolver da guerra destrói famílias, cidades, vidas, etc. tornando tal destruição um fato comum durante o evento de terror que faz suas vítimas sem piedade.

Foi discutido, além do teor testemunhal nas crônicas rosianas, não somente como o narrador como testemunha indireta relatou as consequências da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. Mas, como essas crônicas assumem uma importância relevante em demonstrar a opinião interna de cidadãos que sofreram as consequências da *Shoah* e da guerra. Dessa forma, pode-se analisar o Nazismo e àquilo a que este levou sob outro olhar. Esta visão destacada no trabalho é antagônica a concepção tão comum repetida pela mídia constituída por quem esteve de fora dos eventos traumáticos como assassinos de judeus, destruidores de livros, pregadores de uma raça ariana pura, etc. Embora como testemunha indireta, Guimarães Rosa esteve na Alemanha durante a vigência do Nacional Socialismo, apesar de não ter ido para frente de combate e para os campos de concentração, ele vivenciou indiretamente os eventos traumáticos, configurando-se como vítima. As crônicas rosianas enquanto Literatura de testemunho são como uma espécie de denúncia às catástrofes que foram expostas durante o contexto da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto.

Baseou-se na obra *A história da literatura como provocação à teoria literária*, de Jauss,

para se tratar do conceito de recepção formulado pelo teórico alemão. Dando ênfase ao significado virtual da obra de arte, percebe-se que um texto literário não tem que necessariamente e sempre ter uma percepção em sua primeira publicação. Porém isto não tira o caráter artístico de um texto literário, pois a recepção primária de uma nova obra pode contrariar o horizonte de expectativas de seu primeiro público, dessa forma, a obra se revela como incessível e inesperada. Assim, é necessário um processo recepional que, no futuro, permitirá a compreensão do texto literário. Jauss acusa que é possível uma nova forma recente permitir resgatar a obra do passado, para que o leitor receba, tendo em vista que a compreensão da obra passada só foi possibilitada por uma recente. Logo, o significado virtual de uma obra que foi incompreendida no passado torna a ter um público atual capaz de compreendê-la.

Aplicando o conceito recepional de significado virtual da obra, clarifica-se como as três crônicas de guerra tiveram uma recepção crítica tardia, se se levar em conta que somente três décadas, após a publicação de *Ave, palavra* ela foi iniciada. Começando por Ginzburg em “Guimarães Rosa e o terror total” se pode destacar como elemento perceptível pelo crítico a questão do comportamento das personagens femininas e a relação enquanto cidadãs que elas mantêm diante do Nazismo. Esse caráter pode ter sido revelado como uma forma de resistência para o a recepção primária das crônicas e pode ter-se oposto às expectativas do público que esperava pela visualização de figuras masculinas tão enfatizadas quando se trata do Nacional Socialismo. Tratando-se da crítica de Santiago Sobrinho, pensa-se que “O mau humor de Wortan” apresentou uma resistência quando mostrou Hans-Helmut como modelo de inimigo objetivo para seu público primário. O personagem, ao contrário do que se espera de um combatente alemão do Nazismo, não atendia aos interesses do Estado, pois, isso opõe à expectativa esperada pelo público, que era a de um soldado ultranacionalista, defensor do arianismo, autoritário, etc. No entanto, “O mau humor de Wotan” é conduzido por Márion aparentemente adepta do Nacional Socialismo por prudência, seu esposo Hans-Helmut, que não se enquadrava nos parâmetros da doutrina nacional socialista e o narrador contrário ao terror imposto pelo partido de Hitler.

Apesar de a recepção crítica feita até o momento sobre as crônicas rosianas ter mostrado elementos que se opõem ora com sua sutileza ora com ênfase ao Nazismo. A crítica tocou apenas em concepções contrárias ao partido alemão e o trabalho que se realiza propõe uma crítica, tendo de antemão uma ideologia favorável ao Nazismo, embora divergente da doutrina vigente. Sob esta ótica surge uma nova compreensão das crônicas diferente não somente da recepção crítica realiza, mas, até da visão comum que não oferece nenhum elemento que

possa sustentar o Nacional-Socialismo que não seja pela via da imposição da violência. Tendo consciência de que a ideologia defendida por Heidegger era totalmente diferente da doutrina hitleriana, a crítica das crônicas rosianas feitas aqui leva em consideração uma ideologia construída por Heidegger para sustentar o partido de Hitler e, que até 2001 antes da publicação das obras completas do filósofo alemão não era conhecida. Assim se realizou uma leitura crítica que confrontou Guimarães Rosa e Heidegger quanto a esse tema tão delicado que foi Nazismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBACH, Charles. Heidegger, der Nationalsozialismus und die Griechen. In: DENKER, Alfred. ZABOROWSKI, Holger (Orgs.). *Heidegger-Jahrbuch 5: Heidegger und der Nationalsozialismus*. München: Karl Alber, 2009, p. 200-208.
- BERGE, Damião. *O logos heraclítico: introdução aos fragmentos*. Rio de Janeiro: INL, 1969. 450 p.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra, 1985, 1102 p.
- CASANOVA, Marco Antônio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2009, 244 p.
- ÉSQUILO. *Teatro Completo*. Trad. Virgílio Martinho. Lisboa: Estampa, 1975.
- GERD, Bornheim. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1998, 128 p.
- GINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. In: CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom (Orgs.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, p. 17-27.
- HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit* [Ser e tempo]. Tübingen: Max Niemeyer, 2001, 445 p.
- _____. *Sein und Wahrheit*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2001, 305 p.
- _____. *Ser e Verdade*. Trad. Emmanuel C. Leão. Petrópolis: Vozes, 2007, 312 p.
- HOMER. *Ilias*. Oxford: Oxford University Press, 1920. 380 p.
- HOMERO, *Íliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, 603 p.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78p.
- _____. *Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft*.
- KISIEL, Theodore. Political Interventions in the Lecture Courses of 1933-36. In: DENKER, Alfred. ZABOROWSKI, Holger (Orgs.). *Heidegger-Jahrbuch 5: Heidegger und der Nationalsozialismus*. München: Karl Alber, 2009, p. 110- 129. München: Suhrkamp, 1979.
- NUNES, Benedito, *A passagem para o poético*. São Paulo: Ática, 1992, 304 p.
- _____, *No tempo do niilismo*, São Paulo: Ática, 1993, 199 p.
- PÖGGELER, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Trad. Jorge Telles de Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. 418 p.
- REMARQUE, Erich Maria. *Im Westen nichts Neues*. Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1928. 214 p.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, 274 p.
- SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em “O mau humor de Wotan”, de João Guimarães Rosa. *Investigações*, Recife, v. 22, n. 1, p. 133-150, jan. 2009.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. *O local da diferença*. São Paulo: Editora 34, 2005, 360 p.
- SOETHE, Paulo Astor. A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 287-301, 2. sem. 2005.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei de Sófocles*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2001, 185 p.
- SOPHOCLES. *Sophocles*. Transl. F. Storr. London: Heinemann, 1916. 2 v.
- SOUZA JÚNIOR, Nelson José de. *Da transcendentalidade do Da-sein à verdade da essência: caracterização dos momentos estruturantes da filosofia de Heidegger entre o final da década de 20 e início de 30*. Porto Alegre, 2006. 237 p. Tese de doutorado em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- STEIN, Ernildo. *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Unijuí, 2001.
- VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. Rosa Freire D’aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 209 p.

SITES

<http://www.bundesarchiv.de> retirado 16/09/2013

<http://ingeb.org/Lieder/prinzeug.html> retirado às 02:26 12/06/13. *Leipzig 1719, Volkslied auf den Sturm auf Belgrad 1717.*

Die Nürnberger Gesetze vom 15. September 1935

<http://www.dhm.de/lemo/html/dokumente/nuernbergergesetze/> 01/08/2013

<http://animamrecro.wordpress.com> 13/10/2013